

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

**PEDAGOGIAS CULTURAIS MIDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO NEGRA
NO PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL (2021-2024)**

CLÉBER DOS SANTOS GONÇALVES

**MARINGÁ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

**PEDAGOGIAS CULTURAIS MUDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO NEGRA NO
PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL (2021-2024)**

Tese apresentada por CLÉBER DOS SANTOS GONÇALVES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.
Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano

Orientador(a):
Prof^(a). Dr(a).: TERESA KAZUKO TERUYA

MARINGÁ
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

G635p

Gonçalves, Cléber dos Santos

Pedagogias culturais midiáticas : representação negra no Programa Big Brother Brasil (2021-2024) / Cléber dos Santos Gonçalves. -- Maringá, PR, 2024.
205 f. : il. color., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Teruya.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Cultura e representação. 2. Identidade. 3. Pessoas negras. 4. Pedagogias culturais. 5. Reality show (Big Brother Brasil). I. Teruya, Teresa, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teoria e Prática da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.981

Rosana de Souza Costa de Oliveira - 9/1366

CLÉBER DOS SANTOS GONÇALVES

**PEDAGOGIAS CULTURAIS MIDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO NEGRA NO
PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL (2021-2024)**

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a).: Teresa Kazuko Teruya (Orientador) – UEM

Prof(a). Dr(a).: Myrian Del Vecchio de Lima – UFPR - Curitiba

Prof(a). Dr(a).: Ana Lucia da Silva – Unifal – Alfenas

Prof(a). Dr(a).: Eliane Rose Maio – UEM

Prof(a). Dr(a).: Aline Rodrigues Alves Rocha – UEM

Dedico este trabalho a todos aqueles que sangraram para que tivéssemos condições de resistir.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta etapa de formação, que, de tão rica, dificulta a expressão dos agradecimentos com o vocabulário que tenho à disposição, só foi possível graças a muitas pessoas, acontecimentos e instituições que me permitiram chegar até aqui. E, apesar de saber que qualquer coisa que eu registre neste trabalho fique aquém do real significado do que realmente representa, atrevo-me a fazer este agradecimento, no sentido de reconhecer e documentar que não trilhei sozinho esse caminho.

Minha gratidão aos meus pais, Arlete e Francisco, matérias por meio das quais vim ao mundo cumprir minha missão. A vocês, que são minha base, minha admiração pelos exemplos de seres humanos. Obrigado por acreditarem em mim e me encorajarem sempre a seguir o meu caminho. Minhas trajetórias acadêmica e profissional, das quais muito me orgulho, encontram ligações com as vossas mãos calejadas, unhas sujas de terra e as marcas do Sol que marcam vossos rostos, expressões da luta incansável para que eu chegasse até aqui. Jamais esquecerei os trabalhos extras na roça, para que eu, pequeno, pudesse ter materiais escolares de qualidade; a abertura ao diálogo; a pré-disposição a me socorrer sempre que preciso; as palavras sábias e amigas; os risos, abraços e o amor incondicional.

Aos demais familiares que sempre estiveram ao meu lado, entre eles meus queridos irmãos Cleison, Cleiton, Cledilson, Cleonice e Cleide, também sou grato. Sou feliz por dizer que somos uma grande família – não apenas no aspecto quantitativo, mas principalmente por toda a ligação que nos une.

Minha eterna gratidão à minha orientadora. Você, Teresa, foi peça indispensável nessa caminhada. Obrigado por ter me acolhido como seu ‘pupilo’, sem mesmo me conhecer, por acreditar em mim, me incentivar, comprar minhas ideias e ser, para além dessa orientadora que traz consigo experiências tão ricas de vida, uma amiga tão especial.

Ah... E o que dizer de todas as amizadas que me acompanharam ao longo desse caminho? São tantos seres humanos incríveis torcendo por mim que, aqui sim, não me atrevo a nominá-los. Agradeço por tudo o que representam, cada qual com suas peculiaridades e características. Pautado na reflexão de George Eliot, de que “A amizade é o conforto indescritível de nos sentirmos seguros com uma pessoa, sem ser preciso pesar o que se pensa, nem medir o que se diz”, agradeço-lhes por me quererem por perto do jeitinho como eu sou; também os quero do mesmo modo.

Registro meus agradecimentos, também, a todos os professores que passaram por minha vida, bem como às professoras Myrian Del Vecchio, Eliane Maio, Ana Lúcia da Silva e Aline Rocha, que assumiram a missão de compor a banca de avaliação e contribuir para a conclusão deste trabalho. Aqui, faço menção à professora Marta Croce, que, durante a fase de qualificação, teceu bastantes contribuições a esta pesquisa.

Obrigado, GPEMEC, por compartilharmos tantos anseios, medos, conhecimentos e sonhos, durante nossos estudos e pesquisas. Obrigado, UEM, pela formação de qualidade. Por transformar a vida de tantas pessoas, como a minha. Que sigas gloriosa, valorizando as diferenças e defendendo a igualdade de condições na atenção dispensada a seus pupilos.

Não posso dizer que tudo isso tenha sido uma tarefa fácil. Mas hoje me sinto mais grato, realizado e próximo de meus objetivos. Há muito para ser comemorado, mas muito mais a ser conquistado ainda.

GONÇALVES, Cléber dos Santos. **PEDAGOGIAS CULTURAIS MIDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO NEGRA NO PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL (2021-2024)**. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof(a). Dr(a). Teresa Kazuko Teruya. Maringá, 2024.

RESUMO

As produções midiáticas são artefatos culturais que impactam a formação da sociedade brasileira, sendo que as mensagens presentes nesse contexto constituem pedagogias culturais que precisam ser consideradas pelas pesquisas da área educacional. Por esta razão, este trabalho, inserido na linha de pesquisa de Ensino, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá e ligado ao Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais, tem por objetivo geral identificar regularidades midiático-discursivas, por meio de análise cultural, presentes no programa Big Brother Brasil em relação aos participantes negros. Para tanto, fundamenta-se, em relação à abordagem, nos Estudos Culturais, especialmente com contribuições de autores como Stuart Hall (1997; 2001; 2016) e Williams (1973; 1979; 2001). Já no procedimento de análise cultural, ampara-se nas produções de autores que discutem as pautas da negritude e do antirracismo negro, tais como Fanon (2020; 2022); Ribeiro (2019); Munanga (2007); e Bento (2022). Para cumprir o objetivo, a tese está dividida em cinco seções, para a apresentação de justificativas e estrutura da pesquisa; discussão das condições de tratamento dispensadas à população negra em diferentes áreas, incluindo a midiática; delimitação do percurso metodológico; exploração dos dados dos participantes; e discussão sobre os elementos recorrentes presentes nos perfis dos sujeitos centrais de análise e sua participação no programa. Sendo assim, quatro edições do BBB formaram o *corpus* de análise, de 2021 a 2024, período que coincidiu com a ampliação do número de participantes pretos e pardos no reality. O trabalho considerou o perfil e os destaques na participação de 39 pessoas, divididas entre os grupos Camarote (já conhecido do público) e Pipoca (desconhecido do público). A pesquisa permitiu compreender que há quatro perfis que se destacam na seleção dos candidatos: o negro pobre; o negro intelectual; o negro trabalhador; e o negro festivo. Além disso, em relação à sua vivência no programa, especialmente sobre a pauta antirracista, cinco regularidades discursivas foram percebidas: expectativa pelo sujeito pacífico; rejeição a participantes com pautas antirracistas e combativos; embates entre pessoas negras como entretenimento; tratamento desigual entre participantes brancos e pretos; e esvaziamento da pauta do antirracismo negro. Como conclusão, compreendeu-se que, apesar da ampliação da representatividade de participantes pretos e pardos, os mecanismos que compõem as regularidades identificadas se relacionam na promoção de uma pedagogia do cancelamento dos corpos negros, que tende a ser mais intenso que sobre os brancos. Daí, a necessidade de mais enfrentamentos, cobrança por responsabilidade da mídia e estratégias de educação antirracista.

Palavras-chave: Cultura e representação. Identidade. Pessoas negras. Pedagogias culturais. Big Brother Brasil.

GONÇALVES, Cléber dos Santos. **PEDAGOGIAS CULTURAIS MIDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO NEGRA NO PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL (2021-2024)**. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof(a). Dr(a). Teresa Kazuko Teruya. Maringá, 2024.

ABSTRACT

Media productions are cultural artifacts that impact the formation of Brazilian society, with the messages within this context constituting cultural pedagogies that need to be considered by educational research. For this reason, this work, integrated into the research line of Teaching, Learning, and Human Development of the Graduate Program in Education at the State University of Maringá and linked to the Research Group in Education, Media, and Cultural Studies, aims to identify general media-discursive regularities through cultural analysis present in the Big Brother Brasil program regarding black participants. To achieve this, it is grounded in Cultural Studies, especially drawing on contributions from authors such as Stuart Hall (1997; 2001; 2016) and Williams (1973; 1979; 2001). As for the cultural analysis procedure, it relies on the works of authors discussing issues of blackness and black anti-racism, such as Fanon (2020; 2022), Ribeiro (2019), Munanga (2007), and Bento (2022). To fulfill the objective, the thesis is divided into five sections: justification and research structure presentation; discussion of the treatment conditions given to the black population in different areas, including media; methodological path delimitation; exploration of participant data; and discussion of recurring elements in the profiles of central subjects of analysis and their participation in the program. Accordingly, four editions of BBB (Big Brother Brasil) formed the analysis corpus, from 2021 to 2024, a period that coincided with an increase in the number of black and mixed-race participants in the reality show. The study considered the profile and highlights in the participation of 39 individuals, divided into the "Camarote" group (known to the public) and "Pipoca" group (unknown to the public). The research revealed four prominent candidate profiles: the poor black person, the intellectual black person, the working black person, and the festive black person. Moreover, regarding their experience in the program, particularly concerning anti-racist issues, five discursive regularities were identified: expectation for the passive subject; rejection of participants advocating anti-racism and being confrontational; conflicts between black individuals used as entertainment; unequal treatment between white and black participants; and the dilution of black anti-racist agendas. In conclusion, it was understood that despite the increase in representation of black and mixed-race participants, the mechanisms composing the identified regularities contribute to a pedagogy of canceling out black bodies, which tends to be more intense than that directed towards white bodies. Hence, there is a need for further confrontations, accountability demands from the media, and strategies for anti-racist education.

Key words: Culture and representation. Identity. Black people. Cultural pedagogies. Big Brother Brasil.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: TRABALHOS SOBRE NEGROS E BBB	22
QUADRO 2 – SUJEITOS CENTRAIS DA ANÁLISE	71

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. BUSCA AVANÇADA NO BDTD.....	22
FIGURA 2: PRIMEIRA TRANSMISSÃO DE TV.....	54
FIGURA 3: ELENCO DA NOVELA SEGUNDO SOL, 2018.....	57
FIGURA 4: ATOR SERGIO CARDOSO, COM TÉCNICA DE BLACKFACE NA NOVELA “A CABANA DO PAI TOMÁS”	59
FIGURA 5: REPERCUSSÃO DA PRESENÇA DE MAJU COUTINHO NO TELEJORNALISMO DA GLOBO.....	62
FIGURA 6: CIRCUITO APRESENTADO POR HALL.....	66
FIGURA 7: CIRCUITO DE JHONSON	68
FIGURA 8: MODELO DE DU GAY.....	69
FIGURA 9: ORIENTAÇÃO.....	72
FIGURA 10: APLICAÇÃO.....	74
FIGURA 11: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 21.....	79
FIGURA 12: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 22.....	80
FIGURA 13: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 23.....	81
FIGURA 14: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2024.....	81
FIGURA 15: APRESENTAÇÃO – LUMENA.....	84
FIGURA 17: APRESENTAÇÃO – JOÃO LUIZ.....	87
FIGURA 18: APRESENTAÇÃO – GIL.....	89
FIGURA 19: APRESENTAÇÃO – KAROL CONKÁ.....	91
FIGURA 20 – APRESENTAÇÃO CAMILLA DE LUCAS.....	93
FIGURA 21: APRESENTAÇÃO – POCAH.....	95
FIGURA 22: APRESENTAÇÃO – NEGO DI.....	97
FIGURA 23: APRESENTAÇÃO – LUCAS PENTEADO.....	99
FIGURA 24: APRESENTAÇÃO – PROJOTA.....	102
FIGURA 25: APRESENTAÇÃO – LUCIANO.....	104
FIGURA 26: APRESENTAÇÃO – JESSI.....	106
FIGURA 27: APRESENTAÇÃO – NATÁLIA.....	108
FIGURA 28: APRESENTAÇÃO – VYNI.....	111
FIGURA 29: APRESENTAÇÃO – BRUNNA.....	113
FIGURA 30: APRESENTAÇÃO – PAULO ANDRÉ.....	115

FIGURA 31: APRESENTAÇÃO – MARIA.....	117
FIGURA 32: APRESENTAÇÃO – DOUGLAS.....	119
FIGURA 33: APRESENTAÇÃO – LINN DA QUEBRADA.....	122
FIGURA 34: APRESENTAÇÃO – CEZAR BLACK.....	125
FIGURA 35: APRESENTAÇÃO – RICARDO.....	127
FIGURA 36: APRESENTAÇÃO – SARAH.....	129
FIGURA 37: APRESENTAÇÃO – BRUNO.....	131
FIGURA 38: APRESENTAÇÃO – PAULA.....	133
FIGURA 39: APRESENTAÇÃO – TINA.....	135
FIGURA 40: APRESENTAÇÃO – ALINE WIRLEY.....	138
FIGURA 41: APRESENTAÇÃO – DOMITILA.....	141
FIGURA 42: APRESENTAÇÃO – FRED NICÁCIO.....	143
FIGURA 43: APRESENTAÇÃO – MARVVILA.....	146
FIGURA 44: APRESENTAÇÃO – GABRIEL.....	147
FIGURA 45: APRESENTAÇÃO – DAVI.....	149
FIGURA 46: APRESENTAÇÃO – PITEL.....	154
FIGURA 47: APRESENTAÇÃO – JUNINHO.....	155
FIGURA 48: APRESENTAÇÃO – LEIDY ELIN.....	156
FIGURA 50: EMBATE ENTRE LEIDY E DAVI.....	158
FIGURA 51: APRESENTAÇÃO – LUCAS HENRIQUE.....	160
FIGURA 52: APRESENTAÇÃO – LUIGI.....	161
FIGURA 53: APRESENTAÇÃO – PIZANE.....	163
FIGURA 54: APRESENTAÇÃO – MARCUS VINICIUS.....	164
FIGURA 55: APRESENTAÇÃO – THALYTA.....	166
FIGURA 56: APRESENTAÇÃO – MAYCON.....	167
FIGURA57: APRESENTAÇÃO – RAQUELE.....	168
FIGURA 58: APRESENTAÇÃO – RODRIGUINHO.....	167

LISTA DE QR CODES

QR CODE 1 – Vídeo mostra Lumena defendendo Karol.....	85
QR CODE 2 – Vídeo mostra João Luiz relembrando comparação a seu cabelo.....	88
QR CODE 3 – Vídeo mostra Karol em embate com Lucas.....	92
QR CODE 4 – Vídeo mostra Camilla de Lucas conversando com Rodolfo.....	94
QR CODE 5 – Vídeo mostra Pocah falando sobre cabelo da filha.....	96
QR CODE 6 – Vídeo mostra Nego Di questionando negritude de Gil.....	98
QR CODE 7 – Vídeo mostra Nego Di fazendo piada.....	99
QR CODE 8 – Vídeo mostra Lucas desabafando com João.....	101
QR CODE 9 – Vídeo mostra uma das crises de Natália.....	109
QR CODE 10 – Vídeo mostra agressão de Maria a Natália.....	118
QR CODE 11 – Vídeo mostra Lina falando sobre o pronome ela.....	123
QR CODE 12 – Vídeo mostra comentário homo e gordofóbico sobre Bruno.....	132
QR CODE 13 – Vídeo mostra Fred reunindo participantes negros para foto.....	134
QR CODE 14 – Vídeo mostra uma das brigas de Tina.....	136
QR CODE 15 – Vídeo mostra Aline e Sarah falando sobre racismo.....	139
QR CODE 16 – Vídeo mostra Domitila falando sobre racismo na edição.....	142
QR CODE 17 – Vídeo mostra Fred sabendo de racismo religioso.....	144
QR CODE 18 – Vídeo mostra Yasmin Brunet falando sobre Davi.....	150
QR CODE 19 – Vídeo mostra Wanessa agredindo Davi.....	151
QR CODE 20 – Vídeo mostra Leidy jogando as roupas de Davi na piscina.....	152
QR CODE 21 – Vídeo mostra briga entre Leidy e Davi.....	158
QR CODE 22 – Vídeo mostra Rodriguinho comentando sobre corpo de Yasmin...	171
QR CODE 23 – Vídeo mostra médico emocionado por ser referência.....	178

LISTA DE ABREVIATURAS

BBB – Big Brother Brasil

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

EaD - Educação a Distância

EC - Estudos Culturais

FD – Formação Discursiva

Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

GPEMEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDDD - Instituto de Defesa do Direito de Defesa

IES - Instituições de Educação Superior

Insper – Instituto de Ensino e Pesquisa

Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais e mais.

Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios

SUS - Sistema Único de Saúde

UEM - Universidade Estadual de Maringá

UFPR - Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. O QUE, POR QUE E EM QUAIS CONDIÇÕES SOMOS: CULTURA, REPRESENTAÇÃO E POVO NEGRO NO BRASIL	30
2.1. Condições sociais de vida da população negra em território brasileiro.....	30
2.2. Contextos racializados: Cultura, representação, poder e discurso	38
2.3. O negro na TV brasileira.....	50
3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA: DEFINIÇÃO DO PROTOCOLO ANALÍTICO	64
4. ANÁLISE CULTURAL DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NO PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL.....	75
4.1. Instância Sociopolítica	75
4.2. Instância de Concepção, Produção, Recepção e Resposta	83
5. REGULARIDADES MUDIÁTICO-DISCURSIVAS ACERCA DE PARTICIPANTES NEGROS: ENTRE MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E DE ESTEREÓTIPOS.....	172
5.1. Identificação e Estereotipização dos corpos negros.....	175
5.2. Percepções a partir das experiências midiaticizadas.....	180
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS	198

1. INTRODUÇÃO

Há olhos por toda parte. Olhos que apenas veem, olhos que enxergam. Olhos que julgam, olhos que compreendem. Olhos que visualizam externamente, olhos que se voltam para si. Por trás de cada olhar, operam compreensões e ensinamentos, conscientes e inconscientes, que nos movem em nossas vivências em sociedade. Por essa razão, entendo que falar sobre Educação é, também, contemplar os diferentes fenômenos culturais e sociais que pedagogicamente agem sobre os nossos corpos, influenciando nossas condutas. Guiado por essa compreensão é que me lanço a esta pesquisa, que explora as representações da negritude e do movimento antirracista. Por isso, peço licença para me apresentar e apontar os caminhos que me trouxeram até aqui.

Negro, entendo também ser potencialmente racista. Sim, mesmo sendo negro sou potencialmente racista, porque o meu olhar não está alheio a um contexto sociocultural que, de diferentes formas e a partir de diversas fontes, nos ensina a assim ser. E, a cada reforço desta constatação, um sentimento ambíguo me envolve: ao mesmo tempo em que me revolto e repreendo ao perceber-me como tal, encontro em cada situação a oportunidade para aprender e questionar tudo aquilo que, embora não intencionalmente, “aprendi” ao longo da vida. Mas, afinal, como pode ser identificada a prática racista? Ela pode ser percebida após profundas imersões nos estudos sobre negritude e desigualdade racial, mas, com a disposição necessária à percepção do outro, também, em contextos práticos, simples e cotidianos.

Talvez, essa afirmação – de que me reconheço como potencialmente racista – possa chocar a quem esteja lendo. Mas a verdade é que a estrutura social nos condiciona a esse pensar. E se, por um momento, você negou ser também racista, faço um pedido: reflita se em nenhum momento já fez um julgamento ou tomou uma decisão estando baseado nos estereótipos de cor e raça sobre os quais aprendemos ao longo da vida. A resposta pode alcançar uma das muitas finalidades deste trabalho, qual seja, a de nos entendermos envolvidos por conceitos e contextos racializados e, a partir disso, reconhecemos que é necessário (des)aprender, (re)construir.

Esse exercício, como já adiantei, é também característico a mim, já que, ao escrever cada palavra, refaço-me, questiono-me, reposiciono-me. E nesse movimento constante de (re)construção, é inevitável a compreensão dos caminhos que me trouxeram até aqui. Afinal, por que produzo esse estudo e em quais condições me coloco a falar? Um pouco da resposta a esses questionamentos quero compartilhar com vocês, entendendo que isso, desde já, pode tornar nítido o percurso que trilharemos juntos.

Guio-me, neste ato de me colocar na pesquisa, pela compreensão apresentada por Bourdieu (1983, p. 148): “A ideia de uma ciência neutra é uma ficção.” Sendo assim, a partir desse entendimento, convoco-me ao campo científico para, além de ser fonte de construção de conhecimentos, questionar-me, refazer-me, entender-me como pesquisador, especificamente no campo das ciências humanas e sociais, nas quais os embates de ordens cultural, política e econômica são ainda mais evidentes. Nessa esteira, também entendo que, em vez de abordagens mais ou menos objetivas ou neutras, o que existem são focos e fundamentações diferentes. Assim, a definição de tema, questionamento, objetivos, método e fundamentações é uma ação consciente que, além de refletir a orientação do autor e a sua relação com o objeto pesquisado, influi diretamente nos resultados (OLIVEIRA; PICCININI, 2008).

Dessa maneira, tenho a ciência – e espero que quem esteja lendo também a tenha – de que falo de um lugar específico, ao qual cheguei a partir de diversas experiências que me moldaram enquanto pesquisador, profissional e, também, como ser humano. As construções feitas a partir daqui terão as marcas deste mesmo local ocupado por mim neste específico e breve momento.

Reconheço-me como negro. Esse reconhecimento, porém, não é natural e nem existiu sempre. Foi necessária uma longa trajetória para a compreensão do que me torna uma pessoa negra. Ainda assim, agora, é possível lembrar de muitas ocorrências ao longo da vida que exemplificam como os efeitos do racismo nos envolvem desde a infância, mesmo que não os problematizemos, naturalizando-os. Uma de minhas lembranças, nesse sentido, é de quando eu era muito criança (não sei precisar a idade, exatamente). Eu sempre fui apaixonado por água. Era daqueles meninos que custam a sair da piscina, do mar, do rio. Mas nem sempre essa atividade era totalmente prazerosa.

O primeiro mergulho era sempre o mais difícil. Envolvido por frequentes brincadeiras e apontamentos em relação ao meu cabelo (taxado como ruim, que é o que muitas crianças ouvem), fui obrigado a me preparar psicologicamente para lidar com piadas que indicavam, por exemplo, que o cabelo era a prova d'água, que eu não conseguiria molhá-lo, entre outros argumentos. Essas afirmativas causavam em mim uma reação que, embora de tristeza, de conformismo. Porque eu, por muito tempo, entendi que, realmente, possuía um cabelo fora do convencional como padrão – e que isso era um problema. E é por conta disso que, após a imersão inicial na água, eu permanecia o tempo máximo que a ausência de respiração me permitia, na tentativa de dar mais condições para que a água molhasse o meu cabelo. Lembro-me de ter, por algumas vezes, durante esse momento, pressionado as mãos contra a cabeça, esfregando-as, na tentativa de facilitar o processo.

Esse é apenas um ínfimo exemplo de situações que já vivenciei e que demonstram o quanto pode ser cruel a vida de uma criança – e de uma pessoa, pela vida toda – negra. E digo isso ciente de todos os privilégios aos quais, embora não concedidos, tive acesso, em relação a toda a população preta e parda. O próprio fato de estar aqui, posicionando-me em uma construção de tese de doutorado, é um indicativo disso, uma vez que grande parte da população negra não consegue ter acesso ou concluir níveis e etapas educacionais nem mesmo inferiores. Falarei mais sobre isso adiante.

Além disso, não é possível esquecer que vivemos em uma sociedade na qual, mesmo que de maneira apenas superficial, quanto mais escura for a tonalidade da cor de pele, mais preconceito a pessoa sofre. Esse fenômeno é chamado de colorismo, ou até mesmo pigmentocracia, e demonstra como as formas de racismo são ressignificadas, exigindo de nós constante alerta e luta, já que, para além de criar um paraíso racial, “a aquarela brasileira – como podemos chamar a infinidade de cores e de tons de pele presente nos brasileiros” acaba exercendo uma outra função, revelando “preconceitos raciais construídos e retroalimentados historicamente e, ainda, elabora novas formas de discriminação, assentes nos mais diversos critérios” (SILVA & SIVA, 2017, p. 3).

Mesmo me reconhecendo como negro e tendo vivenciado situações de materialização do racismo que existe no país, o envolvimento com o tema “negritude” não foi de imediato, mas seguiu um percurso marcado por experiências pessoais, educacionais, políticas e culturais. E, como já defendido, considero

importante esse posicionamento, para a identificação do lugar de onde estou falando.

Sou professor e jornalista. Comecei na área da Educação muito cedo. Tinha apenas 14 anos quando ingressei no Curso de Formação de Docentes, integrado ao Ensino Médio, na pequena cidade de São Tomé, com uma população que não passava dos 5 mil habitantes. Desde o primeiro momento de contato com a área, sentia a necessidade de contribuir para com o setor. Essa sensação foi sendo sempre ampliada, principalmente a cada vez em que eu percebia que a formação educacional não se restringe aos espaços delimitados pelos muros escolares, mas que permeia diferentes contextos, como o midiático, sobre o qual falarei de maneira mais profunda por aqui, neste trabalho.

Profissionalmente, também comecei cedo a atuar na área educacional. Assim que completei 18 anos, fui convidado a assumir o cargo de chefe da Divisão do Fundeb (atual Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), na mesma cidade onde morava. Poucos meses depois, em 2009, logo após concluir o Curso de Formação de Docentes, eu tomava posse no meu primeiro concurso público: no cargo de professor de Educação Infantil, também na pequena São Tomé. Depois disso, assumi outros concursos como professor da Educação Básica, em outros municípios do Estado do Paraná, como Jussara, Cianorte, Arapongas e Paiçandu. Atuei da Educação Infantil ao Ensino Médio e compreendi, de forma mais intensa, a importância de uma formação de qualidade nessa base.

Movido pelo desejo de atuar na área da Comunicação, também, desde muito novo, decidi ingressar na Educação Superior no curso de Jornalismo, que cursei na Unicesumar, em Maringá, na condição de cotista – está aí mais um acontecimento de minha vida que me leva ao envolvimento com as questões acerca da negritude. Num primeiro momento, eu não tinha dimensão da relação entre as duas áreas – Educação e Comunicação. Mas logo nos primeiros meses, imerso no universo comunicativo, fui apresentado à interface entre os dois campos, por meio de diferentes vertentes, entre elas a Educomunicação.

De lá para cá, a exploração dessa intersecção jamais deixou de ocorrer. Mais tarde, licenci-me em Pedagogia e, além de desenvolver pesquisas ligando as duas áreas de formação, passei a atuar com formação de professores de diferentes etapas, níveis e modalidades para o preparo à atuação consciente da influência e

das possibilidades dos recursos tecnológicos midiáticos na área educacional. Trabalho que desenvolvo até nos dias atuais.

Meu mestrado, realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), não deixou de lado a relação entre as duas áreas nas quais tenho formação. Analisei, à época, 14 comerciais da iniciativa privada acerca de cursos da Educação a Distância (EaD). Meu objetivo era compreender, no seio do *boom* dos cursos não presenciais, se os discursos presentes nesses materiais condiziam com as defesas emanadas dos instrumentos legais para a regulamentação e flexibilização da oferta de ensino não restrito à presença física. Concluí, entre outros aspectos, que, muito embora a expansão da EaD tenha sido um dos motivos pelos quais o número de pessoas acessando o último nível de ensino no Brasil tenha aumentado consideravelmente, os discursos produzidos pela publicidade dos cursos seguiam algumas regularidades que nem sempre respeitavam aspectos como a seriedade de um curso superior, pregando, em muitos casos, o mito da facilidade de se estudar a distância.

Além disso, uma das constatações vindas da minha pesquisa do mestrado foi a de que, em várias situações, a figura da pessoa negra era explorada com finalidades bastante mercadológicas e de forma bastante estereotipada, relacionando esses personagens das peças, por exemplo, a posições inferiores às dos brancos. Também compreendi que a venda de cursos com baixo custo era apresentada como a oportunidade necessária a todos os que quisessem mudar de vida – o que reforçava aspectos como o da meritocracia, mesmo em meio às condições desiguais nas quais a população preta e parda vive.

Logo após o mestrado, a ideia era continuar estudando a mesma temática no doutorado, ou seja, a EaD. Porém, foi em meus processos de reconstruções e redefinições que conheci a professora Teresa Kazuko Teruya, que, à frente do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais (GPEMEC), mostrou-me que eu poderia usar procedimentos de análise voltados às áreas comunicacional e educacional de maneira ainda mais profunda, lançando um olhar diferente para construções acerca da História e da Cultura da humanidade. Desde então, tenho me envolvido nas análises acerca das mensagens midiáticas sobre diversos grupos, em especial os marginalizados, como os negros, e esse processo todo tem me feito compreender de forma melhor como e por que algumas percepções culturais e

históricas são tidas e como isso tem impacto na formação educacional da sociedade brasileira, que, não esquecendo, é o nosso pano de fundo por aqui.

Profissionalmente, no momento atual, estou em processo de ingresso no Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), após aprovação em concurso, para trabalhar com comunicação e divulgação científica no órgão. Também atuo como professor, focado, no atual momento, na formação e capacitação de professores da Educação Básica. Além disso, continuo desenvolvendo pesquisas nas interfaces das áreas educacional e comunicacional.

Entre no doutorado em 2020. Atuante nas áreas da Comunicação e da Educação, participei da seleção para dois programas, tendo conseguido a aprovação nos dois, assumindo o compromisso de cursar ambos os cursos. Além do doutorado em Educação na UEM, também me encontro na reta final do doutorado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – sob a orientação da professora doutora Myrian Regina Del Vecchio de Lima.

Foi um processo muito desafiador. Isso porque, além de precisar lidar com as responsabilidades dos dois programas, eu integrei de maneira dobrada a condição de estudante de pós-graduação da pandemia de Covid-19. Logo no começo dos cursos, a condição mundial de saúde foi decretada o que levou a reformulações de atividades básicas. Na área dos estudos, precisamos dominar os recursos tecnológicos para as aulas e outras ações a partir do ambiente on-line, lidando, a todo o momento, com as incertezas sobre as consequências às quais aquele momento, em especial em um contexto de posicionamentos negacionistas que levaram ao fim de muitas vidas. Por outro lado, foi um período rico de experiências, no qual pude relacionar, uma vez mais, as duas áreas de minha formação e ampliar os olhares, os contatos, os relacionamentos. E é nessa condição que aqui chego.

O processo do doutorado é bastante intenso e leva a diversos movimentos de reflexão e reformulação. Mesmo tendo por norte a análise entre a relação de produtos midiáticos e a representação de pessoas negras, a definição do objeto não ocorreu em um primeiro momento. Planejei estudar o tema no contexto do jornalismo. Também considerei as telenovelas. Ambos os campos são tidos como importantes na formação informal da população brasileira.

Mas foi o incômodo gerado frente ao programa Big Brother Brasil (BBB), principalmente a partir de 2021, que me levou a definir esse objeto para a pesquisa. A edição de 2021 foi exatamente aquela em que a produção midiática em questão

passou a ter o aumento no número de participantes negros, com a defesa da ampliação da representatividade da população brasileira – veremos mais sobre isso ao longo do trabalho. Ao mesmo tempo em que víamos – e vemos – a presença maior dos corpos negros ocupando esse espaço midiático, outras problemáticas passaram a ser geradas, relacionadas à forma como esses sujeitos eram e são posicionados na competição e, além disso, em relação ao tratamento dispensado pelo público. A representação das pessoas negras nesse espaço específico passou, então, a ser o foco de minha preocupação enquanto pós-graduando.

Nesse trajeto, considerei importante compreender em que estágio ou patamar encontram-se as discussões científicas sobre a mesma temática. É o que chamo aqui de “estado do conhecimento”, emprestando a definição de Marília Costa Morosini e Cleoni Fernandes para explicar o conceito, que pode ser entendido como “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.155).

De maneira inicial, como forma de verificar o que tem sido construído e, também, as lacunas para a produção de novas pesquisas – o que poderia me orientar no desenvolvimento deste trabalho –, realizei um prévio levantamento, com uma revisão em um banco de dados nacional, especificamente na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os procedimentos para busca, seleção e análise guiaram-se a partir das contribuições de Désirée Motta-Roth & Graciela Hendges (2018), Carlos Gil (2002), Joaquim Severino (2013) e Maria Minayo (2001).

Com base no tema da pesquisa, foram elencadas quatro combinações de palavras possíveis à busca no banco escolhido, os chamados descritores. Foram eles: **Big Brother Brasil**; **BBB**; **BBB e negros**; e **Big Brother Brasil e negros**. Como forma de identificar produções que guardem similaridade com o contexto em que vivemos, estabeleci um recorte temporal de seis anos: de 2018 a 2024, portanto. Cada descritor foi submetido a uma primeira pesquisa, a partir dos filtros estabelecidos. Na sequência, com a leitura dos títulos dos trabalhos, foram selecionados apenas aqueles que guardavam com o objeto deste trabalho e seus objetivos relação mais direta. Depois, mais uma filtragem foi necessária, com base na leitura dos resumos dos trabalhos.

FIGURA 1. BUSCA AVANÇADA NO BDTD

Pesquise por teses e dissertações Todos os campos Buscar Fechar avançada

Correspondência da busca:
 QUALQUER Termo

Busca por:

big brother brasil Todos os campos X

bbb Todos os campos X

big brother brasil e negros Todos os campos X

bbb e negros Todos os campos X

[Adicionar campo de busca](#)

[Adicionar outros campos de busca](#)

Limpar Buscar

Fonte: gerado pelo autor.

Em relação aos descritores, então, na primeira pesquisa, foi encontrada a quantidade de 13 dissertações e teses. Contudo, a maior parte desses trabalhos não guardava relação direta com o que aqui proponho, o que foi possível de ser identificado a partir da leitura dos títulos e, na sequência, dos resumos. Desse processo de filtragem, selecionei quatro trabalhos, cujos desdobramentos e explorações científicas interseccionam a pessoa negra e o Big Brother Brasil. As pesquisas estão listadas a seguir.

QUADRO 1: TRABALHOS SOBRE NEGROS E BBB

Título do Trabalho	Autor(a)	Tipo	Área	Ano
Big Brother: a indústria cultural como (de)formação da sociedade brasileira	Camila Pessoa de Souza	Dissertação	Educação	2019
Representação de pessoas negras na publicidade: uma análise discursiva da campanha #AvonTáOn	Suéllen Stéfani Felício Lourenço	Dissertação	Linguística, Letras e Arte	2022
Linn(da) que brada: Dissidências poéticas, corporalidade em movimento e estéticas insurgentes	Rafa Pinheiro	Dissertação	Ciências Sociais	2022
"Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora": o cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva de fãs	Luiz Henrique Silva de Castro	Dissertação	Comunicação	20023

Fonte: elaborado pelo autor.

O trabalho intitulado **Big Brother: a indústria cultural como (de)formação da sociedade brasileira**, de Camila Pessoa de Souza, analisou os discursos presentes em notícias acerca do programa, construindo um posicionamento crítico com base na Teoria Crítica Frankfurtiana. Como conclusão, a pesquisa aponta que o produto exerce intensa formação cultural, sendo que é carregado de elementos criticados pela Teoria Crítica, tais como a alienação, a valorização do capitalismo e o incentivo à competição. Embora não trate sobre a questão da negritude e do racismo de maneira central, aponta que tais temas também acabam sendo explorados em um processo chamado de deformação.

A dissertação **Representação de pessoas negras na publicidade: uma análise discursiva da campanha #AvonTáOn**, de Suéllen Stéfani Felício Lourenço, considera o BBB como um dos contextos escolhidos pela Avon para o desenvolvimento da campanha publicitária. A pesquisa identificou tanto elementos de reforço de estereótipos da pessoa negra como outros que fogem aos estereótipos. Contudo, não está relacionada à produção midiática, em si, mas à concepção publicitária.

A pesquisa **Linn(da) que brada: Dissidências poéticas, corporalidade em movimento e estéticas insurgentes**, desenvolvida por Rafa Pinheiro, usa a personagem Lina, integrante do BBB 22, para discutir a resistência necessária por pessoas trans em espaços comumente não destinados a esse público. Com foco em uma abordagem antropológica, apresenta mensagens que correlacionam diferentes signos presentes na passagem da participante pelo *reality*. Apesar de citar a condição de pessoa negra, essa discussão não passa a ser central no trabalho.

Na dissertação **"Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora": o cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva de fãs**, Luiz Henrique Silva de Castro explora o posicionamento de fãs frente à rejeição sofrida pela participante Karol Conká. Esse é o trabalho que mais se aproxima da proposta aqui apresentada, uma vez que conclui que a rejeição é mais intensa quando se trata de pessoas negras. Porém o foco é no posicionamento dos fãs perante o episódio vivenciado pela artista na competição, o que apresenta objetivo diferente.

Apesar de aparecerem na primeira pesquisa, os demais estudos não foram explorados, porque fogem do objeto, objetivo e das características que tenho aqui,

que caminham no sentido de identificar as regularidades na representação de pessoas negras no BBB. Ainda assim, considero importante destacar que tem aumentado, ano a ano, o número de trabalhos voltados a discutir a representação de pessoas pretas e pardas na mídia (no telejornal, no jornal impresso, nas redes sociais etc.). São produções que vão desde construções vindas da branquitude quanto aquelas possibilitadas por meio do ativismo do povo negro. Esses movimentos científicos vêm nos fornecendo elementos ricos de resistência e (re)existência.

Além da consulta a teses e dissertações, realizei, também, um mapeamento geral das produções de artigos relacionados à temática. Os mesmos descritores usados anteriormente foram aplicados em diversas plataformas de periódicos, como as vinculadas à Capes e à Scielo. Por englobarem uma produção mais numerosa, não foi realizada a seleção ou o estudo minucioso de uma parte das pesquisas. Porém, da análise geral dos materiais que exploram a intersecção entre negritude e representação midiática, dois aspectos foram identificados e serviram de base na condução desta minha pesquisa: 1- Há um foco intenso em personagem(ns) específicos, dada a limitação dos artigos; 2- Existe uma quantidade grande de subtemas específicos ligados à negritude, como masculinidade e feminilidade. Dessa maneira, foi possível perceber as contribuições de pesquisadores de diferentes áreas às quais os desdobramentos daqui irão se somar. Além disso, foi possível identificar em quais campos e discussões os meus esforços podem contribuir mais.

Este não é um trabalho de revisão bibliográfica ou de percepção do estado do conhecimento. Por isso, não foi o objetivo, aqui, trazer detalhamentos profundos sobre cada uma das teses e dissertações consultadas. O que propus fazer, nesta Introdução, é compartilhar um pouco dos movimentos que, enquanto pesquisador, tenho feito, na tentativa de compreender o que tem sido produzido cientificamente sobre o povo negro e suas diversas representações na mídia, especialmente no BBB. Esse trabalho, como já destaquei, contribui, então, para a compreensão geral do tema, mas, também, para perceber as lacunas que nos direcionam a possíveis novas pesquisas. Por essa razão, cada encontro com novos pesquisadores é uma oportunidade valiosa de trocas e de (re)construções.

Por falar em intercâmbios, muito do que apresento neste trabalho é resultado do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídia e Estudos Culturais (GPEMEC), que é

coordenado pela professora doutora Teresa Kazuko Teruya e do qual faço parte desde 2020. Com reuniões semanais, envolvendo pesquisadores da UEM e de outras instituições, o grupo tem sido referência nos EC e interfaces com as diferentes mídias e a área educacional. No momento, os trabalhos têm se concentrado nas discussões em torno da negritude, a representação do negro e tecnologias de reprodução da racialização. Até o momento, já são 27 dissertações e 12 teses produzidas e apresentadas por integrantes do grupo – além de diversos outros trabalhos, envolvendo seminários, formações, capacitações, produção de livros e capítulos de livros e artigos.

Mas, afinal, por que é necessário pesquisar sobre as representações do povo negro na mídia e de que forma isso pode ter impacto na formação educacional do povo brasileiro? Tento responder, agora, a esta indagação, de maneira geral, em forma de justificativa ao desenvolvimento do trabalho.

A partir do percurso que me fez chegar até aqui, sendo que um pouco do qual já foi relatado, fica evidente meu envolvimento com a temática que está sendo aqui explorada. Esta consiste em uma das principais motivações para a realização deste estudo, conferindo a ele condições de materialização. Além disso, a contribuição da exploração da temática pode ser pensada tanto em relação ao impacto geral que as representações da mídia acerca de diferentes temas e grupos (entre os quais os negros) tem alcançado, quanto no que tange à necessidade de se discutir em processos e contextos educativos os movimentos socioculturais observados na sociedade, nos quais não assumem papel ínfimo as mídias.

Falando especificamente do veículo televisão, uma pesquisa divulgada em junho de 2022 pelo Ibope¹ trouxe dados sobre a audiência em relação à TV e nas redes digitais. Os resultados mostram que, muito embora, na última década, tenha havido um crescimento enorme de pessoas que passam a contar com a internet como recurso principal para acesso a conteúdos midiáticos, os conteúdos dos chamados canais televisivos lineares são, ainda, os que mais alcançam a população brasileira. Os dados apontaram, por exemplo, que as produções desses canais são responsáveis por quase 80% de toda a audiência de consumo de conteúdos exclusivamente em vídeo dentro de casa, sendo que os *streamings*, calcados na internet, são responsáveis por pouco mais de 20%, ainda.

¹<https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2022/05/19/tv-aberta-e-por-assinatura-sao-responsaveis-por-79percent-do-tempo-de-consumo-dentro-de-casa.ghtml>.

Quando questionados sobre os programas aos quais mais assistem, 72% dos entrevistados responderam que vão para a frente da televisão para relaxar, ou seja, optam por programas de entretenimento (entre os quais o BBB está). Outros 52% afirmam usar a televisão para se informar sobre os principais acontecimentos. Segundo o estudo, em 2021, 205.876.165 pessoas assistiram aos canais de TV aberta e Pay TV, o que indica que as emissoras lineares mantêm um grande alcance no território brasileiro.

Considerando esses canais lineares (que não dependem de internet para a transmissão dos conteúdos), a TV aberta (que não requer assinatura mensal) é, atualmente, a única opção para cerca de 70% dos telespectadores², já que apenas 30% da população tem acesso à TV paga. E é justamente neste contexto que está o BBB.

O título desta tese é, a partir desse trajeto, o seguinte: Pedagogias culturais midiáticas: a representação negra no programa Big Brother Brasil (2021-2024). A partir da compreensão de que os discursos midiáticos estão, a todo o momento, influenciando pensares e ações, o trabalho persegue a finalidade de compreender como têm sido representadas, na mídia – especificamente no programa Big Brother Brasil –, as figuras das pessoas pretas e pardas. Com isso, são apontados possíveis caminhos para o (re)pensar sobre negritude, a serem explorados em processos educacionais diversos, formais e informais. O questionamento principal que nos move à pesquisa é, então: Quais regularidades midiático-discursivas em relação às pessoas negras se desenvolvem no contexto do programa Big Brother Brasil, da Rede Globo, operando pedagogicamente sobre o imaginário social acerca da representação desse público? A hipótese que apresentamos ao questionamento é a seguinte: A representação midiática das pessoas negras, por meio do processo de produção midiática e, também, pela recepção e resposta do público, contribui para o reforço de estereótipos historicamente associados ao negro, provocando movimentos de rejeição e marginalização.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é o seguinte: Identificar regularidades midiático-discursivas, por meio de análise cultural, presentes no programa Big Brother Brasil em relação aos participantes negros. Como objetivos específicos, foram elencados estes: Levantar as condições atuais, do território

²<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/domicilios-com-tv-por-assinatura-recuam-para-304-em-2019>.

racializado brasileiro, nas quais vivem as pessoas negras; Entender a existência ou a ausência da ligação de aspectos da atualidade com condições históricas de colonização; Explicitar os processos de representação social e cultural, a partir dos EC; Compreender o papel da mídia para as condições representativas dos negros e a relação desse público com o espaço midiático; Identificar as regularidades midiático-discursivas acerca de personagens negros no Big Brother Brasil.

Sendo assim, este trabalho está dividido em seis partes gerais, representando cada uma delas uma seção: Introdução; O que, por que e em quais somos: Cultura, Representação e Povo Negro no Brasil; Percurso Metodológico da Pesquisa: Definição do Protocolo Analítico; Análise Cultural da Representação de Pessoas Negras no Programa Big Brother Brasil; Regularidades Midiático-discursivas acerca de Participantes Negros: Entre Movimentos Identitários e de Estereótipos; além das Considerações Finais.

Na primeira seção, apresento, de maneira geral, os caminhos que me trouxeram ao desenvolvimento desta pesquisa, bem como os objetivos, as justificativas, aporte teórico genérico, metodologia, entre outros aspectos atinentes à prática científica. Também é apresentada uma hipótese, bem como uma orientação para a leitura e o estudo do trabalho em questão.

Na segunda seção, de forma a aprofundar a temática sobre as condições de vida da população preta e parda no Brasil, exploro aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos que apontam para a forma como este público tem sido tratado, em diferentes áreas e setores, na comparação com outros grupos da sociedade. É nessa parte, ainda, que busco mostrar como as percepções que temos sobre a população negra são fruto de uma construção social que buscou e busca privilegiar determinados agrupamentos, em detrimento de outros, a partir da ideia de que a cultura de cada localidade tem a ver com as formas pelas quais determinados elementos, objetos e grupos estão representados.

Também é explorada a relação entre o negro e a televisão brasileira, de forma a compreendermos melhor qual papel, de maneira geral, tem sido atribuído à pessoa negra no espaço televisivo, que, como vimos, tem grande relevância no dia a dia das pessoas. Por essa razão, é quando faço um movimento de levantamento de dados gerais sobre a participação de pessoas negras em programas de diferentes naturezas; representações e elementos históricos; e o impacto das produções televisivas na vida da sociedade.

Na terceira seção, apresento o protocolo metodológico de análise, que tem nos Estudos Culturais os seus fundamentos. Na quinta seção, realizo a exploração do programa e do recorte com base nos sujeitos e nas relações. Para tanto, analiso dados relativos à participação de 39 personagens do programa, de 2021 a 2024, que é o período que coincidiu com o aumento no número de participantes negros inseridos na competição. Nesse percurso, procurei identificar características recorrentes de perfis, que acabam servindo de reforço a estereótipos sociais.

Na quinta sessão, realizo, então, uma discussão acerca das regularidades midiático-discursivas presentes na trajetória dos participantes selecionados. Essa discussão não é fixada em um só ponto, não leva em relação apenas o discurso presente nos programas ou aquele propagado pela audiência, por meio das redes sociais. É uma análise que leva em consideração o contexto geral, com marcas sociais e culturais, com foco especificamente nos episódios relacionados às pautas de negritude e racismo que foram identificados no programa, desde 2021.

Na análise, objetivo compreender as regularidades discursivo-midiáticas na mídia, especificamente por meio do programa de entretenimento, acerca dos personagens negros. A partir disso, busco entender como tem operado a pedagogia cultural, com base no programa, na produção de sentidos e na influência, na formação, na percepção e nas ações da sociedade brasileira.

Metodologicamente, além das etapas apresentadas, a pesquisa está alicerçada nos EC, que são compreendidos como um conjunto de estudos que trabalham na interface, na intersecção, de diferentes áreas do conhecimento e científicas. Sendo assim, na discussão que aqui proponho, qual seja, a análise das regularidades midiático-discursivas da representação do negro na mídia, filio-me, por base – com contribuições de outros intelectuais e fundamentos – a um dos nomes mais expressivos dos estudos sobre cultura na contemporaneidade: Stuart Hall.

Esta escolha, além da relevância geral do estudioso nesta área, sustenta-se, também, em sua aproximação particular com as condições do público que está sendo explorado nesta pesquisa. Isso porque Hall, jamaicano, viveu na Inglaterra a partir de 1951 e, por isso, compartilha, em atravessamentos com os embasamentos científicos que estuda e produz, experiências de seus movimentos diaspóricos, o que contribui para a compreensão da presença de determinados grupos em lugares não estabelecidos social e historicamente para eles. Portanto, nessa esteira, exploro

conceitos e contextos que perpassam os Estudos Culturais (EC) e que são fundamentais para a definição do protocolo metodológico.

Nesse exercício, apresento desdobramentos acerca de termos como Representação; Cultura; Linguagem; Signo; Significado; Linguagem e Discurso. De imediato, deixo explícito que toda a problematização da análise aqui desenvolvida segue à linha geral de compreensão da interface entre cultura e representação. Em outras palavras, estou buscando compreender – não como fixação imutável, mas como condições possíveis aos questionamentos que temos, para, então, serem confrontadas, questionadas, problematizadas, constantemente – como a negritude tem sido representada na grande mídia, buscando entender de que forma essa construção representativa impacta no processo de formação da sociedade brasileira.

2. O QUE, POR QUE E EM QUAIS CONDIÇÕES SOMOS: CULTURA, REPRESENTAÇÃO E POVO NEGRO NO BRASIL

Nesta seção, há o objetivo de compreensão das situações gerais nas quais vive a população preta e parda, entendendo como os contextos culturais de produção de discursos e de representação podem contribuir para a percepção acerca de determinados grupos, objetos e elementos. Sendo assim, ao final desta parte do trabalho, espero que estejam respondidos ou fomentados os seguintes questionamentos:

- O que os indicadores sociais têm mostrado sobre as condições de vida da comunidade negra no Brasil?
- A quais movimentos históricos as desigualdades existentes nessas condições de vida estão relacionadas?
- Qual a ideia de raça e como esse conceito tem servido de base para as práticas discriminatórias?
- De que forma processos de representação e de produção de discursos podem contribuir para a fixação e produção de sentidos em benefício de determinados grupos e em detrimento de outros?
- Qual tem sido a relação geral entre o negro e a televisão no Brasil?

Para tanto, aqui estão presentes três subseções: Condições sociais de vida da população negra em território brasileiro; Contextos racializados: Cultura, representação, poder e discurso; e O negro na TV brasileira.

2.1. Condições sociais de vida da população negra em território brasileiro

Aprendemos, desde os primeiros anos de escolarização, sobre uma data bastante específica que aponta para o fim da escravidão no Brasil: 13 de maio de 1988. Não sei se para vocês, mas, para mim, essa “aprendizagem” ocorreu de forma tão mecânica, sem a devida contextualização, que a informação, por muito tempo, causou em mim uma reação de alívio: a de que estávamos livres de um período cruel, no qual as pessoas negras eram tratadas de forma diferente – em sentido negativo – das demais. Era como se o dia de início da validade da tão famosa “Lei

Áurea” fosse a solução definitiva para o tratamento desumano, cruel e degradante ao qual uma significativa parte da população estava exposta. Ledo engano.

Muito embora a escravidão aos moldes do aprisionamento e dos açoites nas fazendas dos senhores tenha deixado de existir – e, hoje sabemos, não por vontade genuína e natural do homem branco, mas por diversas condições que o forçaram a esse patamar –, as práticas de racismo e desigualdade para com as pessoas negras – especialmente no Brasil – reverberam diariamente, por diferentes formas e em diferentes lugares e contextos. E não é necessário grande esforço para que essa compreensão seja alcançada. De qualquer forma, para início de conversa sobre este assunto específico, exploremos alguns dados relativos à sociedade à qual pertencemos.

O Brasil, com seus mais de 212 milhões de habitantes, quantidade que ganha um novo morador a cada 21 segundos³, é formado majoritariamente por pessoas negras. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, é de 56% o percentual da população brasileira que se autodeclara como preta ou parda⁴, após um aumento de 43% em dez anos. Apesar disso, as condições dessa parte da população ainda continuam sendo inferiores, em diferentes áreas e contextos.

Pensemos, por exemplo, na área econômica, mais especificamente nas condições de trabalho nas quais vivem os brasileiros. Mesmo sendo a maioria da população, os negros recebem, de forma média, menos que as pessoas que se consideram brancas. Como forma de explorar essa constatação, acessada a partir de diferentes fontes, podemos recorrer, inicialmente, aos dados de 2019 – ano anterior ao do início da pandemia do novo coronavírus. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva⁵ e divulgada no início de 2020, o salário médio das pessoas pretas ou pardas que possuem curso superior foi 31% menor que o dos brancos nas mesmas condições e nos mesmos cargos.

Com base nos levantamentos periódicos realizados pelo IBGE, com recorte para o ano anterior ao pandêmico, a discrepância no sentido econômico observada entre a população negra e a branca é reforçada. A Pesquisa Nacional por Amostra

³ <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>.

⁴ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>.

⁵ <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/racismo-e-cao-da-diferenca-salarial-de-31-entre-brancos-e-negros-com-ensino-superior-diz-pesquisa>

por Domicílios (Pnad) do referido período também aponta informações que nos ajudam a refletir sobre toda essa situação, especificamente no que diz respeito a trabalho, renda e moradia. De acordo com o órgão, que conclui que as condições são desiguais, em relação à raça e cor dos brasileiros, por meio do estudo intitulado “Síntese de Indicadores Sociais”⁶, além de os pretos e pardos terem maior participação na desocupação ou no mercado de trabalho informal, também são o maior público em condições de pobreza e extrema pobreza, sendo que, de forma geral, são os que mais moram em residências com falta de estrutura e infraestrutura necessárias a uma boa qualidade de vida.

Em relação à desocupação, o percentual de pessoas negras nessa situação, em 2019, foi de 13,6%, enquanto que, entre as brancas, o mesmo índice foi de 9,3%. Considerando os que possuíam alguma ocupação, a taxa de informalidade (entendida como a situação em que se enquadram os empregados sem carteira; trabalhadores doméstico sem carteira; com conta própria não contribuinte; empregadores não contribuintes; e trabalhadores familiares auxiliares) chegou a 47,7% para os pretos e pardos, contra 34,5% dos brancos.

O aspecto econômico também é refletido nas condições de moradia. No período de levantamento dos dados, 45,5 milhões de pessoas brasileiras viviam em 14,2 milhões residências que apresentavam deficiência, ou seja, com pelo menos um dos seguintes aspectos: falta de banheiro exclusivo; paredes com materiais não-duráveis; muitos moradores; gasto em excesso com aluguel; e falta de documento do imóvel. Desse total de pessoas, 31 milhões eram pessoas pretas ou pardas, enquanto as brancas representavam 14 milhões.

No período pandêmico, essa desigualdade foi intensificada. Recorrendo ao relatório intitulado “Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2021”⁷, do IBGE, a constatação é a de que, durante todo o ano de 2020, o primeiro afetado pela condição, a população branca ganhou, em média, 73,3% a mais que a população negra. Isso significa que, enquanto pretos e pardos receberam cerca de R\$ 1.700,00 de salário por mês, os demais ocupados tiveram ganho acima de R\$ 3 mil.

⁶<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>

⁷ Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/12/03/Negros-ganharam-733-a-menos-do-que-brancos-na-pandemia>

Entre as várias razões para que isso acontecesse, está o fato de que a população negra se encontra, principalmente, em setores que foram mais prejudicados e que oferecem remunerações menores, como construção, comércio e serviços domésticos. Em contrapartida, a maioria das vagas dos setores com melhores condições e com maior flexibilidade é ocupada por trabalhadores brancos, o que realça as desigualdades.

As condições econômicas desses diferentes grupos impactam direta ou indiretamente em outros indicadores e setores, que também merecem nossa atenção. Na área da Segurança, por exemplo, as diversas pesquisas sobre o tratamento e as condições da população, a partir do aspecto racial, nos trazem alertas importantes. Um desses levantamentos consiste no intitulado “Por que eu?”⁸, que, pela primeira vez, foi desenvolvido pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD) e pelo *Data Labe*. Os resultados reúnem respostas e dados desde 2018 e foram divulgados em julho de 2022.

Entre as informações apresentadas no referido estudo, está a que atesta que, ao ser negra, uma pessoa tem 4,5 vezes a mais de chances de sofrer uma abordagem policial. Além disso, 46% das pessoas pretas ou pardas relataram ter ouvido, dos agentes, expressões que se referiam à sua cor ou raça, de forma pejorativa, durante as abordagens.

Somam-se a esses dados diversos outros que apontam que a população negra é a que tem sido a mais vulnerável. Quando levamos em conta, por exemplo, as informações do Fórum Brasileiro de Segurança⁹, compreendemos que, dos quase 6,5 mil mortos em operações policiais, em 2020, 79% eram pretos ou pardos. Isso significa que, de cada cinco pessoas que perderam a vida em condições assim, quatro eram negras, e apenas uma, branca. No Rio de Janeiro, onde a ocorrência das operações é recorde, na comparação com os outros lugares do país, essa diferença é ainda maior.

Ainda explorando a área, o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹⁰, divulgado em 2020, apontou que, num período de 15 anos, a quantidade de negros no sistema prisional aumentou 14%, enquanto o número de pessoas brancas

⁸<https://www.em.com.br/app/colunistas/arthur-bugre/2022/08/12/noticia-arthur-bugre,1386244/pessoas-negras-tem-4-5-vezes-mais-chances-de-sofrerem-abordagem-policial.shtml>

⁹ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-aco-es-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>

¹⁰<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-priso-es-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>

diminuiu 19%. Essa situação levou o país à atual condição: em cada três pessoas privadas de liberdade, duas são pardas ou pretas, e uma, branca. Em outras palavras: o número de reclusos negros é o dobro do dos brancos. Toda essa situação faz com que as prisões venham adquirindo um perfil cada vez mais homogêneo: formado por negros, oriundos de periferias e que, de forma geral, recebem mais ações de fiscalização e ações de violência.

Se tivermos como esteira de análise e reflexão a área educacional, também nos surpreendemos. Dados do Pnad 2019 Contínua em Educação de 2019¹¹, divulgada em 2020, apontam que, muito embora políticas públicas de inclusão dos negros nos diversos níveis e etapas educacionais tenham obtido resultados positivos, ainda é longo o caminho para se garantir igualdade de condições. O documento apontou, por exemplo, que, entre todas as pessoas que abandonam os estudos antes da conclusão da Educação Básica (formada pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio), 71,7% são pretas ou pardas. Em outras palavras, seria o mesmo que dizer que, de cada dez pessoas em idade escolar que deixam de estudar, sete são negras. Em média, a escolarização da população negra é de 8,6 anos, contra 10,4 da formada por pessoas que se declaram como brancas.

Os dados assustam, mas é preciso considerar, ainda, que há uma grande quantidade de negros que não chega a frequentar nenhuma etapa e aprender competências e habilidades básicas. Ao acessarmos as informações relativas ao analfabetismo, conseguimos compreender essa situação. Em média, em cada grupo de 100 pessoas pretas ou pardas com mais de 15 anos, 10 não sabem ler nem escrever. E aí podemos pensar: “mas há pessoas brancas que também não são alfabetizadas”. Realmente. Porém, o percentual é muito menor. Considerando o conjunto formado pela mesma quantidade de indivíduos, porém brancos, a falta de alfabetização recai sobre 3,6%, percentual quase três vezes menor.

E como as condições de base vão sendo somadas ao longo do processo de escolarização, quando se tem por foco o último nível de ensino, os dados de acesso e permanência também são bastante discrepantes, levando-se em consideração cor e raça. Entre os jovens de cor branca com idades entre 18 e 24 anos, o percentual de matriculados em algum curso na Educação Superior é de aproximadamente 36%.

¹¹ https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf

Já entre o público formado por pessoas pretas ou pardas, com o mesmo recorte de idade, o índice é de 18%, ou seja, a metade.

A Lei de Cotas (12.711/2012) completa, em 2022, dez anos de vigência. O dispositivo legal, sancionado pela então presidenta Dilma Rousseff e que prevê a destinação de metade de todas as vagas de instituições federais, foi fundamental para aumentar a presença de negros em Instituições de Educação Superior (IES) em todo o Brasil. Mesmo assim, como vimos, a paridade na conquista do diploma ainda não é percebida.

Essas constatações acabam refletindo em condições sociais, em diferentes áreas, ao longo de toda a vida, uma vez que a educação escolar, no conjunto das diferentes etapas, níveis e modalidades, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Art. 3º, 1996), tem três finalidades principais: “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Em outras palavras, quero dizer que, ao não garantirmos o acesso e a permanência nos diferentes momentos da escolarização, estamos impactando negativamente a vida das pessoas negras, uma vez que os impactos dessa não-garantia legal vão ser observados em todas as áreas de sua vida, de maneira integral e plena.

Isso guarda relação, de maneira direta e indireta, com os postos de trabalho ocupados pela população brasileira, uma vez que a formação é um dos requisitos mais avaliados. Já vimos, por exemplo, que a presença de negros é maior em atividades laborais suscetíveis a mais ações de controle e a interferências políticas, sociais e econômicas. São essas pessoas, também, que compõem a maior parte dos desempregados e dos que atuam na informalidade. Mas vale a pena, ainda, lançarmos luz aos postos de liderança. O percentual dos negros trabalhadores em funções de comando fica abaixo de 3% (2,4% para as mulheres e 2,6% para os homens). Para os trabalhadores de cor branca, esse índice chega a ser três vezes maior (5,4% entre mulheres e 7,6% entre os homens).

As recentes pesquisas sobre as condições de Saúde das pessoas negras mostram que o fato de serem a maioria da população também não é garantia de atendimento clínico e hospitalar de qualidade e justo. Na verdade, o que ocorre é o contrário. Por todas as condições que apresentei até agora, pretos e pardos têm mais dificuldades para acessar serviços diversos de prevenção e tratamento de doenças várias. Mas essa falta de acesso (seja por ausência de condições

financeiras ou de informações) não é o único problema. Os levantamentos têm apontado, também, uma negligência nos atendimentos, motivada por toda uma questão cultural de preconceito.

Imaginemos, por exemplo, a recusa de um médico a atender um determinado paciente, por conta da cor de sua pele. Ou a ocorrência de aplicação de doses menores de anestésico a mulheres negras no momento do parto. Essas situações, infelizmente, não são meras suposições fictícias. Consistem em algumas das ocorrências que escancaram a maneira desigual como a população negra é tratada quando precisa de atendimento na área da Saúde. Esses são dados trazidos, entre outras fontes, pelo projeto “Vidas Negras Importam?”¹², a partir de dados levantados pelo próprio IBGE.

De acordo com os levantamentos, as pessoas pretas e pardas são as que mais são atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), recurso ao qual recorrem 67% dessa população, contra 47,2% dos brancos. Em tese, esse dado, por si só, não é um problema, a não ser pelo fato de que isso acontece porque a contratação de planos de saúde privados ocorre de forma predominante entre as pessoas brancas. Enquanto 78,6% das pessoas negras não possuem qualquer contrato desse tipo, entre as brancas, esse índice é de 61,2%.

Quando questionados sobre como avaliam sua condição de saúde, 37,8% dos negros respondem que a consideram regular, ruim ou muito ruim. O percentual entre as pessoas de cor branca é de 29,7%. A essa informação, soma-se a relacionada à procura por atendimento. Enquanto mais de 30% dos pretos e pardos ficam mais de um ano sem realizar qualquer consulta médica, o índice entre os brancos é de cerca de 25%. Em relação à assistência odontológica, a situação é, também, discrepante: apenas 38,2% da população negra tem acesso a um dentista em doze meses, enquanto 50,4% da branca consegue ser atendida.

Muitas vezes, mesmo quando se consegue atendimento, a continuidade no tratamento não é garantida. Menos pessoas pretas e pardas conseguem medicação após as consultas (81,1%) do que as de cor branca (84,2%). Como se isso não bastasse, o acesso a serviços de prevenção também é deficitário. Outro dado trazido pela pesquisa é o de que o internamento pelo SUS foi experimentado por 75,8% das pessoas negras e 55,4% das brancas.

¹² <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/saude-da-populacao-negra/#page3>

Com foco nas mulheres, os dados em Saúde também mostram situações muito desiguais. Enquanto 54% das negras realizaram exame de mamografia – considerado importantíssimo para a detecção precoce de câncer de mama –, 66,2% das brancas são submetidas ao procedimento. Além disso, enquanto apenas 69,8% das pretas e pardas realizaram pré-natal adequado, com pelo menos seis consultas, 84,9% das brancas tiveram esse acompanhamento. Em decorrência disso e de outros fatores, 66,1% e 80,8%, respectivamente, foram informadas sobre eventuais sinais de riscos na gravidez. O estudo concluiu, também, que as mulheres negras têm duas vezes mais chances de morrer por complicações no parto, pré-parto e pós-parto, sendo que 54% das mortes maternas ocorrem entre mulheres negras de 15 a 29 anos.

As crianças negras não estão alheias a toda essa situação. Elas têm 25% mais chances de morrer antes de completarem um ano; 60% a mais de possibilidade de falecer antes de completarem cinco anos; 70% mais propensão a serem pobres; e 30% a mais de chances de estarem fora da escola. Além disso, 64,8% das crianças e dos adolescentes que trabalham, no Brasil, são de cor preta ou parda.

Por que trago esses dados, com foco na Economia, Segurança, Educação e Saúde? Para que reflitamos que, muito embora as pessoas pretas e pardas sejam a maioria no Brasil – que, inclusive, é o país fora da África com o maior número de pessoas negras –, elas não têm a representatividade necessária e justa, o que faz com que as condições de vida em diversas áreas sejam inferiores às experimentadas pelos cidadãos de cor branca. Tudo isso tem a ver com diversos motivos específicos e segmentados, como os que aponto aqui. Porém, todos esses movimentos fazem parte de um contexto maior, que aqui chamarei de racismo estrutural.

De acordo com Almeida (2019), existem três tipos de visões sobre o racismo: a individualista, a institucional e a estrutural. No primeiro caso, as condutas racistas são vistas como responsabilidade única e exclusiva de indivíduos ou grupos específicos, que podem apresentar alguma patologia com impacto em aspectos éticos e psicológicos. Nessa concepção, essas atitudes mereceriam ser combatidas diretamente, já que a identificação de sua origem se torna nítida. Além disso, não há aqui, então, uma visão de que possa existir uma conjuntura social racista, mas conjuntos isolados com tal visão.

Já a visão sobre o racismo institucional é concebida como um avanço em relação à anterior. Aqui, a compreensão é a de que não existe uma visão racista que seja individual ou como característica de apenas algum(uns) grupo(s) específico(s). Essas condutas seriam resultado da atuação das instituições de uma sociedade, que passam a operar, mesmo que, em muitos casos, indiretamente, no sentido de conferir desigualdades nas garantias e nas formas de tratamento dispensadas a determinada parcela da sociedade. Entre as justificativas para isso, está a defesa de que, assim como os ambientes institucionais são heterogêneos, a sociedade também o é, e as diferenças acabam por ganhar realce.

A abordagem estrutural, por sua vez, que me parece mais completa e complexa, por isso adotada nesse contexto, concebe o racismo como a expressão de uma estrutura social completa. Não é apenas o fruto de ações individuais ou de grupos específicos, nem é resultado do desajuste de instituições várias, mas reflete as ações que perpassam os diferentes contextos e espaços, a partir de algo que precisa ser tido como um dos fios-condutores de nossas reflexões: a disputa pelo exercício de controle e poder por grupos sociais entre si.

Em outras palavras, ao dizer que existe um racismo estrutural, estou afirmando que toda a estrutura social à qual pertencemos é racista. E essa condição é fruto de aspectos culturais que buscaram, ao longo do tempo, reforçar a hegemonia de determinados grupos sobre outros. As construções que daí advêm estão alicerçadas, portanto, no desejo de poder, de controle, que pode ter muitos interesses, sendo um dos principais a vantagem econômica no contexto capitalista. Assim, a desvantagem observada histórica e socialmente pela população brasileira, em diversas áreas, é reflexo dessa estrutura que buscou e busca constantemente priorizar determinados conjuntos, mantendo a ordem social.

2.2. Contextos racializados: Cultura, representação, poder e discurso

Diante dos dados, que, por muitas vezes, chocam, temos, ao menos, dois caminhos possíveis: aquele pelo qual concebemos tudo como natural, orgânico, e um outro que compreende tais condições, sociais, históricas e econômicas, como construções que tendem a privilegiar e beneficiar determinados grupos, em detrimento de outros. Não consigo entender condições tão desiguais, única e exclusivamente pela cor e pela raça, como algo aceitável, naturalmente. E não me

refiro somente aos dados que se apresentam na atual conjuntura, mas a todo o processo histórico pelo qual o Brasil passou (assim como outros países do mundo) e que condenou a população negra a tratamentos cruéis, degradantes e totalmente injustos.

Jamais seremos capazes, enquanto sociedade constituída, de reparar todos os danos causados. A nossa luta, porém, não é para isso. É para que o curso da história seja modificado e que o combate ao racismo passe a ser real e eficaz. Isto, podemos perceber, está bem longe de ocorrer. É por esta razão que os esforços, na tentativa de compreender todo o processo de construção, sem deixar que os acontecimentos caiam no esquecimento, e, a partir disso, apontar para caminhos outros de leitura, compreensão e ação, são cada vez mais necessários.

As percepções de uma determinada sociedade, que conduzem e moldam suas visões e condutas, são definidas a partir do aspecto cultural de um povo. Para Hall (2016), o termo cultura é um dos mais complexos, sendo que sua definição pode variar de contexto para contexto e de acordo com as finalidades às quais se pretende chegar. Para o autor, o foco empregado ao conceito no sentido de aplicação de análises culturais precisa, porém, superar as divisões clássicas entre alta e baixa cultura, que por muito tempo predominaram nas ciências humanas e sociais, e avançar no sentido de conceber a cultura como o conjunto de valores, atividades e visões que representa um grupo de pessoas, um povo, uma sociedade, uma nação.

Entendo, dizendo de outra forma, que o que intelectual busca apontar como sendo uma das bases para as análises gerais é que não cabe a nós, analistas e pesquisadores de movimentos culturais, a definição do que é ou não cultura; do que precisa ser enaltecido e o que deva ser rebaixado. Esse aspecto, inclusive, é uma das principais marcas dos EC. Os Estudos Culturais, compreendamos, não se tratam de uma disciplina ou metodologia fechada. Sua origem se dá a partir da década de 1950, inicialmente no contexto britânico, com escritos e estudos que problematizam a cultura, buscando encontrar significados possíveis para vivências e expressões (TERUYA; TAKARA, 2012).

Essas afirmações possíveis a partir das análises não são colocadas como determinações fixas imutáveis. Pelo contrário, são produzidas no seio de um contexto no qual é defendida a abertura às múltiplas interpretações. Para tanto, os EC se constituem como área interdisciplinar, na qual diferentes disciplinas se

encontram, confrontam e atravessam, para a produção de sentidos. Esse aspecto de abertura a contribuições de diferentes origens nem sempre foi – e nem sempre é – aceito de maneira pacífica, uma vez que contraria uma lógica de hierarquização e elitização da cultura que há muito tempo é observada.

É a isso que se refere Teruya (2009), quando explicita o seguinte:

A metodologia de pesquisa dos estudos culturais ocupa uma posição desconfortável, uma vez que não tem uma metodologia específica, sendo considerada ambígua, entendida como uma bricolage, uma atividade pragmática que repudia as práticas disciplinares herdeiras das práticas de exclusões (TERUYA, 2009, 151).

Sendo assim, portanto, qual o porquê da escolha por este guarda-chuva sob o qual me proponho a analisar? Inicialmente, porque, em consonância às bases de seu surgimento e desenvolvimento, procuro compreender as representações da população negra na mídia não apenas por um único viés (histórico, econômico, social etc.), mas a partir de múltiplos olhares interdisciplinares. Além disso, muito embora componham um campo aberto a diferentes influências, os EC buscam responder questionamentos que não são sanados por vieses individuais e pré-estabelecidos, como o da antropologia, focando nos problemas encontrados nas sociedades contemporâneas. Vale dizer, também, que, ao possibilitar uma análise com embasamentos oriundos de fontes várias, busca-se romper com a linguagem e as representações que já se encontram estabelecidas, da forma hierarquicamente imposta.

Dessa forma, concordo com Hall (1997, p. 16) quando afirma que “toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”. Ou seja, os movimentos que encontramos na sociedade são fruto da cultura de um povo, em determinado espaço, tempo e condição. Por outro lado, esses elementos culturais não são compreendidos isoladamente, mas em contato, convergência ou divergência com diversas áreas e disciplinas. Em outras palavras, a maneira como determinados grupos e atividades são representados na sociedade é reflexo da cultura representativa desse mesmo grupo social, ao mesmo tempo em que influencia a (re)definição desses elementos e aspectos culturais.

Sendo assim, parece-me indispensável recorrer à análise que leve em conta todo esse contexto da cultura, ou seja, que não menospreze as influências advindas

de diferentes fontes – com motivações, ideais e valores específicos – para a compreensão das representações de movimentos e grupos sociais. Compreender a forma como a população negra tem sido tratada na mídia é ato, portanto, que passa pela consideração dessa abertura, aspecto que vai ao encontro do que é proposto pelos EC.

Entendo, porém, que essa representação midiática não está alheia ao que ocorre nos outros espaços e contextos sociais. Ou seja, as narrativas da mídia acerca da pessoa negra encontram eco nas mais variadas formas de manifestações sociais, o que, para nós, pesquisadores da área, tem representado formas de discriminação e desigualdades bastante fortes, em relação a todo o processo de colonização e exploração do povo negro. Por essa razão, entendo como importante compreender a quais condições as pessoas pretas e pardas brasileiras têm sido lançadas.

Mas, afinal, de onde vem essa desigualdade, com recorte para o Brasil, no tratamento e nas condições de vida da população negra? Como explica Quijano (2005), a situação sobre a qual a história do nosso país foi construída deve ser compreendida a partir da ideia de raça. Esse conceito, não compreendido de maneira única e universal, é marcado por diversas definições, que precisam permear as nossas discussões. De forma geral, a maioria dos sentidos atribuídos originalmente à palavra reside na consideração de características de formação compartilhadas por um grupo de seres. Essas representações, preponderantemente biológicas, seriam, então, a partir desse viés, as condições básicas para o agrupamento de determinadas pessoas que, juntas, representariam uma vertente racial.

Ocorre, porém, que, biologicamente, esse termo não é suscetível à aplicação, a partir da concepção original, a grupos de seres humanos. Isso porque, pelos fatores internos, essa compreensão só seria possível a partir de espécies passíveis de controle, entre as quais fosse possível garantir uma sequência pura e homogênea. Isso, por razões óbvias, não pode ser aplicado à humanidade, uma vez que não há, entre nós, uma continuidade de reprodução que siga a uma lógica imutável de padrão físico e/ou biológico.

Sendo assim, a ideia de raça que temos atualmente, conforme explica Quijano (2005), surge com a exploração das Américas, a partir do momento de confrontos e trocas estabelecidos entre os conquistados e conquistadores,

dominados e dominadores. Naquele momento, as condições físicas, biológicas, fenotípicas, foram usadas para estabelecer uma diferença entre aqueles que, diante do novo, precisavam de um parâmetro para delimitar os que seriam domados, os que estariam no poder e os que estariam a serviço dos controladores. Daí em diante, a ideia de divisão das pessoas, de acordo com suas características, passa a alcançar patamares cada vez mais sociais de construção, com o respaldo das comparações físicas e biológicas, para a garantia de poder a determinados grupos.

Conseguimos compreender melhor essa ideia a partir de Hall (2003, p. 69), quando diz que

(...) raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza.

A ideia de raça é, então, a partir dessa compreensão, ressignificada, repensada e redefinida. Isso se dá tanto a partir do uso de quem está no poder, no controle, quanto por parte das comunidades que estão em desvantagens e que buscam, com novos sentidos, estabelecer horizontes possíveis à superação do caos.

A partir de Gramsci (2004), podemos compreender o conjunto de regras estabelecidas como padrões a serem observados e seguidos, nas diversas áreas da vida humana, como hegemonia. Essa condição também não é, segundo o autor, alcançada naturalmente; não é estática e é definida a partir de diferentes mecanismos, entre os quais as negociações pelo consenso e o uso da força, movimentos que se inter-relacionam, alternam e se sucedem, com vistas à manutenção de padrões hegemônicos. Daí, a possibilidade de reflexão sobre os diversos momentos de controle das pessoas pretas e pardas e suas características pontuais - ora, por coerção, ora, por negociação.

Levando em consideração a vertente gramsciana, diversas filiações nos conferem condições várias de repensar o conceito da hegemonia e, no contexto no qual me coloco a falar, é possível a compreensão de que a história do povo negro foi e é marcada por movimentos hegemônicos (estabelecidos por quem está no poder,

no controle, pois possuem as condições e as formas de produção) e aqueles que podem ser compreendidos como contra-hegemônicos, numa acirrada (mas não igualitária) disputa social.

A contra-hegemonia, entendida aqui, então, como o agrupamento de ações movidas por conjuntos sociais minoritários (porque não mantêm o controle e o poder), na defesa de ideais em comum ao coletivo, pode ser pensada, de forma geral, como o registro das ocorrências de resistência ao que é estabelecido como padrão. Ela é exercida por aqueles que, não estando no controle e no poder, encontram caminhos e brechas para as suas defesas, que também podem ou não ser permanentes.

A formação da sociedade brasileira, cuja compreensão é imperativa aos processos históricos e educacionais, passa, então, por momentos diferentes de busca por poder, lutas das quais os negros jamais saíram vitoriosos, dada a ausência de condições materiais e objetivas – que, como vimos, perdura até os dias atuais.

Mas, afinal, o que é este poder buscado por grupos de diferentes gerações e de onde ele se origina? De acordo com Foucault (1999), para além das definições próprias dos dicionários, que, de maneira geral, apontam para a capacidade de realizações específicas, esse é um termo relacionado a posições de controle. Para explicar melhor essa questão, o filósofo apresenta o que é chamado de triângulo foucaultiano, que pode ser explicado graficamente com a ideia de uma representação triangular em cujos vértices se encontram os seguintes elementos: poder, direito e verdade.

Direito, nessa concepção, representa toda a forma de organização da sociedade, que requer, sempre, a existência de controlados e controladores; dominados e dominadores. Já a ideia de verdade é entendida não como a fixação imutável e universal de determinados aspectos, mas como as elaborações de regras criadas a partir dessa mesma organização que está posta e que força à fixação de valores que se querem verdadeiros. Essa “verdade” é produzida, entre outros mecanismos, pelo discurso, considerado por Foucault (1999) como elemento vivo e em constante transformação.

Sendo assim, o poder, que confere condições de domínio – por isso sempre disputado e negociado –, pode ser percebido, materializado, acessado, a partir da morfologia da estrutura social, que vai indicar, em cada momento, tanto lugares de

privilégios e outros mais de subserviência, quanto aqueles a partir de regras e valores fixados como verdadeiros e, portanto, como condições a serem seguidas por toda a conjuntura social.

É por essa razão que o discurso assume, também, posição de destaque nos estudos de Foucault. O termo indica não apenas enunciados dispostos aleatoriamente, mas o conjunto de enunciações que guardam relação entre si e que, portanto, pertencem a uma mesma Formação Discursiva (FD). Para além dos tão somente aspectos linguísticos, o discurso, dessa forma, é concebido na ideia de movimento, estando a serviço de uma construção pensada e hierarquizada para conferir poder a determinadas instâncias sociais.

Dizendo de outra forma, as práticas discursivas abarcam, em si, além dos códigos que permitem a comunicação entre diferentes polos, marcas materiais e subjetivas. Por isso, é o discurso o mecanismo pelo qual as verdades são construídas, produzidas, conferindo uma regularidade de sentidos pertencentes a um mesmo campo. E é justamente a esse campo, que abriga discursos com uma mesma lógica sequencial, que podemos chamar de FD.

Para entendermos melhor sobre o discurso e seu impacto nas construções históricas e sociais em favor de determinados grupos, podemos invocar, de forma literal, um dos trechos de Foucault, para quem, a ideia de discurso pode ser concebida da seguinte forma:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p. 133).

As regras estabelecidas, as “verdades” apresentadas, estão a serviço de alguém ou grupo que se quer no poder. Sendo assim, o apontamento da necessidade de a população negra servir à branca, bem como as afirmações constantes, após embates, de que a ideia de racismo tem sido retirada do meio social, não são naturais, mas compõem estratégias várias na disputa por poder.

Tais discursos são, então, estratégias importantes à representação, conferindo/construindo sentidos sobre pessoas, elementos, objetos, lugares etc. Voltando à ideia de Representação, podemos entendê-la como um conceito-chave na análise da Cultura, que, a partir da conexão de pensamento e linguagem,

possibilita a construção de sentidos (HALL, 2016). Isso quer dizer que a maneira como as coisas são representadas em nosso mundo depende de dois processos de representação.

O primeiro pode ser compreendido como o do pensamento, da lógica, e está relacionado a tudo aquilo que nós, integrantes de uma sociedade, entendemos como maneiras padrões, lógicas e aceitáveis. É isso que faz, segundo Hall (2016), membros de um mesmo grupo social, em determinado espaço e tempo, entenderem o mundo e seus movimentos de forma relativamente parecida. De maneira prática, é esse primeiro processo que nos confere uma determinada organização em todas as áreas de nossa vida. Não organizamos, como forma padrão, roupas juntamente com utensílios de cozinha, em casa, por exemplo, pois guardamos uma conceituação lógica do lugar de cada elemento com os quais temos contato.

O segundo sistema representacional é o da linguagem. Este representa as maneiras como as coisas, os grupos, lugares e elementos são apresentados. Linguagem aqui, é importante deixar explicitado, não se restringe, na visão de Hall (2016), ao domínio de códigos alfanuméricos, mas a todo sistema formado por letras, números, músicas, movimentos ou cores e cujos sentidos e compreensão são compartilhados por membros de um determinado agrupamento social.

Explicando melhor essa ideia, recorro a Hall (2016), ainda, para compreender as teorias de Representação. Segundo o intelectual, há, de forma geral, três abordagens utilizadas para representar as coisas no mundo. A primeira é a chamada reflexiva e entende que o sentido está exclusivamente em cada objeto, pessoa, evento, elemento. E, muito embora, em alguns casos a representação da linguagem guarde relação e similaridade, especialmente imagética, com o que é representado (o desenho de uma rosa pode parecer muito com uma flor real), há muitas diferenças existentes entre o elemento representado e o do mundo real, (no caso da rosa, podemos pensar em seus espinhos e flores).

O segundo enfoque é denominado intencional, por meio do qual o sentido é atribuído exclusivamente à intenção do interlocutor. Por meio da linguagem, então, o autor seria capaz de imprimir suas compreensões, percepções do mundo, atribuindo a ele seus próprios sentidos. Apesar de considerar uma certa validade nesse argumento, concordo com Hall (2016) que esse fundamento não se sustenta, uma vez que

“Nossos sentidos particularmente intencionados, ainda que pessoais, têm que entrar nas regras, códigos e convenções da linguagem para serem compartilhados e entendidos. Isso significa que nossos pensamentos privados precisam negociar com todos os sentidos das palavras ou imagens guardadas na linguagem que o uso do nosso sistema inevitavelmente desencadeará”. (HALL, 2016, p. 48).

A terceira e última abordagem, explorada por Hall e defendida como a necessária para se pensar a cultura— mesma forma por mim compreendida nesse trabalho —, é a chamada construtiva. Esta vertente defende que nem as coisas são como são por sua natureza (reflexiva), nem o autor de um enunciado ou representação é totalmente autônomo na produção de sentidos (intencional). Há, então, um caráter público e social da linguagem, ao passo que a significação de pessoas, lugares, eventos e movimentos é feita por nós, a partir de nossa ação pessoal em interação com as convenções sociais, as possibilidades objetivas e os recursos de linguagem que temos à disposição.

“São os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para outros.” (HALL, 2016, p. 49).

Ao propor protocolos teóricos e metodológicos, Hall invoca contribuições de outras áreas e outros intelectuais e, mesmo contra-argumentando diversos pontos, explica e faz uso de conceitos que serviram de base ao desenvolvimento de formas e concepções mais completas e complexas. A própria ideia de Representação é tida como fruto, entre outras fontes, das contribuições de Saussure, conhecido como o pai da linguística moderna, para quem “a produção de sentido depende da linguagem.

Entre as várias contribuições do teórico para os nossos estudos sobre cultura, destaca-se a diferenciação entre significante e significado, que compõem um signo linguístico – que, como já adiantei, é ampliado na análise cultural para além do conjunto de códigos alfa-numéricos. As representações em símbolo (letras, desenhos, fotografias etc.) são o que chamamos de significante, que consiste, então, na materialização. Ao termos acesso a esses mesmos códigos, de acordo com as nossas experiências e repertório, nos vêm à mente a representação sígnica

daquilo que está representado. Essa imagem ou conceito, é o que chamamos de significado.

Encontramos em Barthes, também invocado por Hall (2016), outras contribuições para o entendimento dos sentidos. O intelectual aponta que não somente as palavras e os números são signos. O que ocorre, a partir desse pensar, é que todos os objetos culturais expressam sentido e por isso devem fazer uso de signos, uma vez que as práticas culturais dependem desses sentidos.

Na abordagem semiótica, não apenas palavras e imagens, mas os próprios objetos podem funcionar como significantes na produção de sentidos. Roupas, por exemplo, podem ter uma função física simples - cobrir e proteger o corpo do clima. Contudo, também se apresentam como signos. Elas constroem significados e carregam uma mensagem. Um vestido de noite deve significar “elegância”; gravata-borboleta e jaqueta longa, “formalidade”; jeans e camiseta, “roupa casual”; certo tipo de casaco na combinação certa, “um passeio longo e romântico na floresta durante o outono”. Esses signos permitem que as roupas carreguem significado e funcionem como uma linguagem - “a linguagem da moda”. (HALL, 2016, p. 68).

Em Foucault, com base em Hall (2016), como já adiantado aqui, também encontramos contribuições a serem trazidas à análise. A principal é a relação entre o discurso (que, como já ressaltai, não é entendido apenas como o agrupamento de enunciados, mas guarda com aspectos sociais e históricos vínculo intenso), o poder (perseguido por diferentes grupos, em variados momentos) e o sujeito histórico. Entendo que essa exploração se faz necessária de maneira contínua, uma vez que as lutas por poder fazem com que determinados grupos sejam lançados e expostos a determinadas condições. Por isso, voltarei a esses conceitos foucaultianos sempre que for necessário à compreensão dos movimentos culturais.

Com base nisso, precisamos conceber que a presença do(s) sujeito(s) e sua análise dependem do lugar de onde estamos falando e analisando, bem como de elementos que, vindos de diferentes fontes, guardam relação com o aspecto cultural e podem produzir sentido. Nesse movimento, nem sempre tivemos – e temos – acesso a elementos que nos permitem referências que levem em consideração diferentes olhares. No caso da história do povo negro, marginalizado, escravizado, apesar dos avanços observáveis, há ainda compreensões que acessam lugares que tradicionalmente não representam determinados grupos. Essa situação já foi ainda pior e, a exemplo do ocorrido em diversos lugares do mundo, em território brasileiro,

o rebaixamento das pessoas pretas e pardas contava com embasamentos intelectuais e científicos de valorização da Europa.

De acordo com Silva (2018, p. 29),

Historicamente os indígenas, os africanos e seus descendentes - os negros, e os mestiços, como também suas práticas culturais foram inferiorizados e desvalorizados, devido ao eurocentrismo, ou seja, a valorização da cultura europeia em diversas instituições e espaços de sociabilidade, dentre estes a escola.

Há, então, sentidos há muito tempo construídos e disseminados que não valorizam a população negra. Aqui, no Brasil, o discurso de inferioridade de nosso grupo foi ainda mais intenso, sendo que o “fim da escravidão” ocorreu de forma bastante tardia, na comparação com diversos lugares do mundo. E, como já ressaltai, isso não fez com que os tratamentos cruéis e as condições degradantes desse público tivessem fim.

Dessa forma, a representação das pessoas negras, que está em foco aqui, tem dependido, historicamente, dessas construções em movimento, que abarcam em si elementos pessoais, sociais e objetivos em encontros e intersecções. Com isso, há duas constatações gerais que merecem ser destacadas no desenvolvimento de trabalhos como este: Há sentidos estabelecidos – nesta mesma estrutura racista, sobre a qual comentei – que são apresentados e organizados como lógicos e que, portanto, levam à compreensão de que o lugar das pessoas pretas e pardas é naturalmente o ocupado por elas neste momento, assim como a ideia da escravidão foi aceita e defendida logicamente por muito tempo, por diferentes classes sociais; Estamos, em todos os espaços e contextos sociais, sendo influenciados por símbolos diversos – diferentes tipos de linguagens, sons, códigos – que se querem como de sentidos; Essas influências têm impacto no aspecto educacional, dentro e fora das instituições escolares.

Esses movimentos de influência, que têm impacto na formação da sociedade brasileira, compõem o que chamamos de pedagogias culturais. Isso nos leva a compreender a importância dessa discussão, já que “As pedagogias culturais não se limitam a escola, estas estão fora dos muros da instituição escolar, ou seja, estão em diferentes espaços da vida social” (SILVA, 2018, p. 34).

Por isso, a noção de pedagogia para além do espaço da sala de aula, dos muros da escola, é muito potente. Fora da escola, os artefatos culturais, como a mídia, a publicidade, o cinema, a televisão, a música popular, o teatro, entre outros, têm uma pedagogia. Isso significa que os artefatos culturais que nos interpelam, “ensinam e posicionam os sujeitos” (SILVA, p. 34)

Presentes, diariamente, no interior das casas da população brasileira, as produções midiáticas televisivas têm moldado condutas, costumes e pensamentos, justamente por consistirem em produções culturais que produzem sentidos. Assim, procurar compreender esses movimentos de representação da população negra ao longo dos anos torna-se relevante para, a partir disso, entender quais são as pedagogias culturais presentes nesse espaço intensamente acessado, problematizando as questões levantadas e identificando possibilidades de trabalhos culturais e pedagógicos.

Com esse trabalho, não tenho a pretensão de apresentar algo taxativo, definitivo, mas como uma possibilidade de (re)pensares acerca do que temos acessado por meio da mídia, e que as percepções advindas daqui contribuam para fomentar novas pesquisas, olhares e movimentos. Afinal, concordo com Ferrara (2016) que, ao se debruçar sobre as pesquisas que perpassam a área da Comunicação (ponto que encontra neste trabalho relação com a área educacional), entre a asserção e a indecisão, na pesquisa, as possibilidades em aberto assumem destaque já que

Ultrapassamos os limites da asserção e nos introduzimos em um território indeterminado e incerto, mas instigante como possibilidade de investigação e descoberta. Essa superação significa profunda mudança nos modos de conhecer e, possivelmente, nos modos como as sociedades se organizam e onde a comunicação atua. (FERRARA, 2016, p. 150).

Ao afirmar isso, não quero dizer que as pesquisas em comunicação devam seguir sem parâmetros e limites epistemológicos e científicos. Esses, considero, mostram-se necessários inclusive para o fortalecimento da área. O que quero dizer é que, ao estar ligada às recorrentes mudanças sociais de contextura, a comunicação precisa estar sempre relacionada aos novos imperativos de cada tempo, sendo que é papel dos pesquisadores lançar um olhar não apenas no sentido de compreender os diferentes públicos, mas, também, para diminuir as desigualdades e, por meio de

suas pesquisas, contribuir para a promoção de valores como o da democratização do acesso, da compreensão e da produção. Seguindo esse pensar, assim como compreende Ferrara (2016), acredito que a dúvida deva sempre se fazer presente, pois é a busca por respostas às indagações que nos move a novas formulações.

2.3. O negro na TV brasileira

De acordo com Thompson (2014), a influência exercida pela mídia, de modo geral, pode ser compreendida como um grande poder. Daí, entendermos a estrutura midiática como o Quarto Poder, que, ao lado dos outros três Poderes estabelecidos (Executivo, Legislativo e Judiciário), pode representar a regulação, o molde e o direcionamento das ações sociais. Em suas palavras:

É fácil perder de vista esta dimensão simbólica e preocupar-se tão somente com os aspectos técnicos dos meios de comunicação. Estes aspectos técnicos são certamente importantes, como veremos; não deveriam, porém, obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si. (THOMPSON, 2014, p. 35).

Sendo assim, o autor aponta que a produção, transmissão e recepção dos significados das formas simbólicas produzem uma espécie de poder “capaz de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão” (THOMPSON, 2014, p. 35) dessas formas simbólicas, o que é denominado como Poder Simbólico.

E, representando um poder, a mídia passa a atrair a atenção de grupos empresariais diversos, que veem no recurso midiático uma importante oportunidade financeira e de controle social. Na atualidade, um dos muitos movimentos que representam esse ideal é a ocorrência de grandes conglomerados de comunicação, ou seja, diversos meios de comunicação nas mãos de um único grupo jurídico/empresarial. Essa tendência, como assinala Moraes et al. (2013), apesar de ter origem anteriormente, ganha força, no mundo todo, a partir do processo de liberalização econômica em 1980 e 1990.

Sendo assim, a influência da mídia não recai somente sobre a opinião pública, mas, também, sobre as condutas dos demais Poderes. Por essas razões, entendendo a urgência de superação de visões racistas e o importante papel da mídia nas representações dos movimentos negros, nossos esforços, no sentido de questionar e problematizar o que está sendo produzido e veiculado na mídia ganham importância reforçada.

As produções emanadas da mídia, incluindo aquelas que analiso adiante, podem compor o conjunto das elaborações do que é chamado de Indústria Cultural. O termo surge a partir da publicação do texto “Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos”, de Adorno e Horkheimer, em 1947. Apesar de a produção ser voltada à análise crítica da sociedade moderna, no contexto da Alemanha nazista, tais fundamentos oferecem algumas bases de leitura para o que experimentamos frente às produções midiáticas da pós-modernidade. Guardam relação, também, com a ideia explorada anteriormente sobre a mídia como oportunidade comercial.

Naquele contexto, ao se curvarem às representações midiáticas disponíveis no momento, o entendimento dos intelectuais da Escola de Frankfurt caminhava neste sentido:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO e HORKHEIMER, 1986, p. 100).

Indústria Cultural é um termo, então, usado nesse contexto para representar o conjunto de produções possibilitadas pelo processo de industrialização – com marcas como padronização, grande quantidade, barateamento individual e amplo alcance – ligados à cultura. Está ligado, dessa forma, aos movimentos que buscam levar à massa artefatos culturais padronizados, juntamente com todos os valores, condutas e características que lhes são inerentes. Essa ação torna-se possível a partir do que é chamado de reprodutibilidade técnica, que, segundo Benjamin (2000), demonstra a intensificação, a partir da mecanização industrial, das reproduções das artes, de modo geral, movimento ao qual ele sinaliza como

necessidade de alerta, ao questionar a continuidade da autenticidade e da aura de cada produção.

Como explica Teruya (2009, p. 2), a crítica feita pelos teóricos da Escola de Frankfurt caminhava no sentido de indicar o fenômeno da Indústria Cultural como “instrumento de alienação e massificação da sociedade”. Isso, como já destacado, por seu caráter padronizador e de grande alcance. Guardadas as devidas proporções, parece-me relevante essa problematização no contexto social atual, uma vez que as produções midiáticas, como vimos e veremos, têm contribuído para estabelecer padrões, fixar formas e lucrar.

Dessa forma, considero importante, a seguir, pensarmos em como a televisão, enquanto meio específico de comunicação, se relaciona a essa lógica industrial e qual o seu impacto sobre a sociedade brasileira, considerando seu surgimento e desenvolvimento no país, considerando que é desse meio que vêm as produções que analiso adiante.

É quase impossível pensar em uma residência que não tenha um aparelho de televisão. Se, no início de sua história no Brasil, há mais de 70 anos, este era um aparelho pouco presente nas casas brasileiras – acessível apenas àqueles que tinham mais condições financeiras –, atualmente, a TV é recurso considerado indispensável nos lares brasileiros. De acordo com levantamento feito pelo IBGE¹³, apenas 2,8% de moradias não contam com o meio de comunicação, o que faz com que o recurso tecnológico seja o que mais tenha alcance em território brasileiro.

Essa constatação reforça, logo de imediato, a importância das mensagens que circulam pelas telas e “invadem” a rotina da população. Para além disso, chama a atenção para a forma como esse veículo comunicativo chegou e se desenvolveu no país, história que molda o comportamento que os telespectadores têm para com a TV. Concordo com Silverstone (1989, p. 77) que “estudar televisão é o mesmo que estudar o cotidiano”, já que por meio dela cada um de nós entra em contato com conteúdos e informações outras, que têm sobre nós influência.

Não é intenção, aqui, fazer um histórico detalhado sobre o veículo de comunicação televisão. Isso, que não é o objetivo deste trabalho, dependeria de um levantamento profundo, uma vez que são escassas as produções históricas acerca da TV. Ainda assim, é importante dedicar uma parte dos movimentos de pesquisa à

¹³<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2018/02/pesquisa-do-ibge-mostra-que-so-2-8-das-casas-no-brasil-nao-tem-televisao.html>

compreensão dos principais marcos relacionados ao veículo pelos quais o programa se faz presente.

A primeira transmissão televisiva ocorrida no Brasil, em 18 de setembro de 1950, marcou o início de uma história de sucesso. Na ocasião, os equipamentos trazidos por Assis Chateaubriand eram uma aposta – que acabou, mais tarde, se confirmando como valiosa. Isso aconteceu quase dez anos após, nos Estados Unidos, o veículo de comunicação ter sido apresentado oficialmente ao mundo. É claro que, antes disso, muitas tratativas ocorreram. Em 1946, as primeiras concessões haviam sido concedidas ao Brasil; em 1949, técnicos estiveram no Brasil e concluíram que o Pão de Açúcar, onde foi instalada a primeira antena de transmissão, não era o local adequado para o início das operações, entre outros acontecimentos.

Perseguindo a ideia de instalar a primeira TV da América Latina, Assis Chateaubriand, conhecido popularmente como Chatô, conseguiu a transferência para São Paulo, onde, por meio do Canal Tupi, a primeira transmissão ocorreu. Meses antes desse lançamento, o equipamento encomendado dos EUA para a instalação chegou pelo Porto de Santos, momento que contou com uma grande carreata, de manifestação. Apesar disso, o dia da primeira transmissão é avaliado por pesquisadores como um momento de cerimônia simples, diante de tudo o que representava.

Vários aparelhos de televisão foram espalhados pela cidade e o primeiro programa, chamado de “TV Taba”, contou com a abertura feita por uma personagem indígena, com a expressão “Boa noite. Está no ar a televisão do Brasil”, considerada a primeira frase da televisão brasileira. A exposição televisiva inicial contou com shows de diversos artistas, como Inezita Barroso, Wilma Bentivegna, Lolita Rodrigues, Aírton Rodrigues e Lima Duarte. Três meses depois, a TV foi iniciada no Rio de Janeiro e, daí, se seguiram muitos processos de disseminação do veículo e dos programas televisivos.

FIGURA 2: PRIMEIRA TRANSMISSÃO DE TV

Fonte: <https://blog.editoracontexto.com.br/18-de-setembro-1950-inauguracao-da-tv-tupi/>

Inicialmente, a televisão era tida como um rádio com imagem. Primeiramente, porque a concessão era feita para as rádios e, além disso, porque a produção se assemelhava àquela feita no veículo alicerçado somente no som. Os programas eram totalmente ao vivo e não existiam comerciais (os espaços entre uma programação e outra eram ocupados por diversos artistas que se apresentavam até que o cenário e o figurino eram modificados). Depois, esse cenário foi sendo modificado, ao passo que os recursos desse novo veículo eram sendo compreendidos e melhor explorados.

A televisão, ao lado do rádio, consegue ultrapassar as barreiras do analfabetismo e atingir os excluídos da educação formal, integrando-os no mundo da comunicação. Favorecida pela imagem, cor, movimento ou pelo sincretismo caracterizador de sua linguagem, a televisão consegue se abrir a múltiplas entradas de leituras e apreensão de suas mensagens, elementos fundamentais para firmar sua capacidade de alcançar a pluralidade de espaços, tempos e (des)níveis sociais que caracterizam a formação social de um país como o nosso (MOTTER, 2003, p. 76).

Alguns dados importantes: em 1952, foi importado do rádio o programa Repórter Esso, o primeiro noticiário do radiojornalismo, que ganhou, também, bastante sucesso na TV, sendo pioneiro no gênero. Já as transmissões de futebol, hoje responsáveis por grande audiência, começaram em 1954. Já a primeira

telenovela foi transmitida em 1963, com 42 episódios, exibidos às 19h30. A primeira transmissão a cores veio somente em 1972.

Fenômeno de sucesso e líder em audiência, a Rede Globo, escolhida para as análises deste trabalho, possui uma trajetória de bastante influência nos rumos da televisão no Brasil. É, atualmente, a segunda maior rede comercial do mundo - perdendo apenas para a norte-americana American Broadcasting Company (ABC)., estando presente em mais de 98% do território brasileiro e sendo assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente (dentro e fora do país).

A concessão da emissora veio em 1957, sendo que a fundação, no Rio de Janeiro, feita por Roberto Marinho, data de 1965. Nesses anos de história, a Rede Globo posicionou-se como o maior complexo televisivo da América Latina. A sua atuação não se restringe a um único nicho, mas engloba produções de diferentes naturezas e, atualmente, está presente em diferentes plataformas, como na Globoplay, seu canal de *streaming*, o que faz com que as produções midiáticas de diferentes natureza, avancem para além da TV convencional.

Esses intercâmbios culturais e sociais, tanto no que concerne à relação entre os sujeitos e as produções culturais quanto às trocas desses mesmos sujeitos entre si, a partir do pautado nas produções, conferem às produções um caráter identitário. Ou seja, a partir delas, por tudo o que venho falando, é possível existir uma identificação ou contra-identificação com representações várias.

Desse forma, entende-se que

a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e se constitui por formas discursivas de produção de significações, a partir de representações que dão sentido às práticas lingüísticas, à concepção de vida e às práticas sociais e culturais cotidianas, ou seja, à realidade. Assim, o processo de recepção é um fazer ativo para as coisas significarem a partir de seus próprios referenciais cotidianos reais, materializados pelas reações, comportamentos, posicionamentos e discursos do receptor. (TONON, 2006, p. 31).

Compreendo, assim, que esse processo de identificação não ocorre de forma puramente receptiva, passiva. Ele se desenvolve a partir de uma atividade que ressignifica, ecoa sentidos diversos presentes no material televisivo. A ideia de recepção, explorada por diversos estudos midiáticos, precisa ser pensada, então,

com a significação de um sujeito ativo. Estou dizendo que, muito embora reconheçamos a influência da mídia na definição de discussões, moldes e condutas – como reforçado nos estudos acerca da Indústria Cultural –, precisamos entender que essa influência não é previsível e plenamente controlável.

Concordo com Tonon, dessa forma, quando afirma o seguinte:

Os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural, mas não de forma mecânica, senão adaptando-se continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e englobando-as e integrando-as ao próprio sistema cultural, ou ainda, transformando-as mediante a interação dependente e articulada entre as posições hegemônicas e contra-hegemônicas, num processo dinâmico, fluído e indeterminado, assim como a identidade e a cultura, fazendo com que o sistema cultural evolua em função de demandas sociais, culturais, econômicas, históricas e políticas, desenvolvidas nas relações sociais e culturais pelos indivíduos em sociedade. (TONON, 2006, p. 32)

Já vimos, na história da televisão brasileira, casos em que o posicionamento da audiência reivindicou alterações, mudanças, de ordens técnicas e de conteúdo. Apesar disso, não nos enganemos: há uma construção de narrativas e de produções de sentidos que se relaciona a cada concepção.

Com essa força midiática representativa, considero importante, nesta discussão aqui proposta, entender qual tem sido a relação da mídia, em especial da televisão, de um modo geral, com a população negra. Ou seja, quais os espaços que as pessoas pretas e pardas têm ocupado historicamente nos diferentes programas televisivos e, além disso, quais tem sido as representações atribuídas a este público.

Quero lembrar um acontecimento relativamente recente. No início de 2018, a Rede Globo, maior e mais significativa emissora televisiva do Brasil, anunciou a então nova novela das 21h – horário estratégico para a audiência e o faturamento, que quebra recordes constantemente, sendo considerado nobre. Intitulado “Segundo Sol”, o folhetim anunciado chamou a atenção, rapidamente, por conta de um aspecto básico: a ausência de um número significativo de pessoas negras no elenco.

Tudo bem que isso foi – e é – recorrente na história da televisão brasileira e não se restringe à Rede Globo. Porém, o mal-estar gerado em relação à nova

produção televisiva era justificado pelo fato de que toda a trama seria ambientada em Salvador, na Bahia. A cidade é considerada a capital brasileira com o maior percentual de negros, em relação a toda a população. De acordo com dados do IBGE (2018), 80% de todos os moradores da localidade são negros. Sendo mais específico: em cada dez cidadãos vivendo em Salvador, oito são de cor preta ou parda.

Dessa forma, ao anunciar a nova atração sem respeitar as características do local no qual a história se passaria, a emissora acabou por expor o descompromisso com a representatividade racial em suas produções. A novela contava com atores e atrizes nos papéis principais como Giovanna Antonelli, Emilio Dantas, Deborah Secco, Adriana Esteves, Fabiula Nascimento, Vladimir Brichta e Luisa Arraes, portanto, elenco extrema e majoritariamente branco.

FIGURA 3: ELENCO DA NOVELA SEGUNDO SOL, 2018



Fonte:

<https://veja.abril.com.br/cultura/segundo-sol-conheca-o-elenco-e-personagens-da-nova-novela-das-9/>.

Ao mostrar uma Bahia branca, o que não guarda relação com a realidade do respectivo estado brasileiro, a emissora demonstrou, perante boa parte do público, uma face da falta de compromisso com a história das pessoas negras em território nacional. Nas redes sociais, o folhetim, antes mesmo de sua estreia, recebeu

diversas críticas e movimentos que reivindicavam por representatividade¹⁴. A mobilização extrapolou o espaço digital e até mesmo o Ministério Público notificou a emissora¹⁵ em relação ao ocorrido. Ainda assim, poucas alterações ocorreram, sob argumentos de que faltavam atores e atrizes negros com o perfil para a novela.

Essa priorização de artistas brancos não é recente, mas vem desde o início das produções no Brasil. Silva (2020) contribui para esse pensar destacando que essa característica serviu para criar, por décadas, um imaginário social sobre a presença e a função do negro. Essa percepção imagética perpassa por diversos padrões que se repetiram ao longo das produções, mesmo que o roteiro e os personagens tenham se modificado.

Existem alguns estereótipos que acompanham, de alguma maneira, ao longo das décadas, os negros nas ficções seriadas. Alguns deles perpetuam uma certa herança do cinema americano em reproduções nacionais. Sendo as representações peças importantes na formação e reformulação do imaginário social coletivo, acabam por reforçar alguns desses estereótipos também atribuídos aos negros brasileiros. São alguns exemplos: os empregados submissos e fiéis, como verdadeiros “anjos da guarda” na vida dos patrões; a *mammie*, no Brasil, “mãe preta” e o Tom, similar ao nosso “Pai João”, que consiste em um negro de boa índole e bom comportamento. (SILVA, 2020, p. 57).

Isso quer dizer que, muito embora tenhamos tido alguns personagens negros desde a década de 1960 na televisão brasileira, essas figuras acabavam por representar características específicas historicamente atribuídas à população negra. Ao lado disso, constata a pesquisadora, há a frequente escalação de atrizes e atores brancos no lugar de negros, o que deslegitima o movimento no seio das manifestações artísticas e culturais.

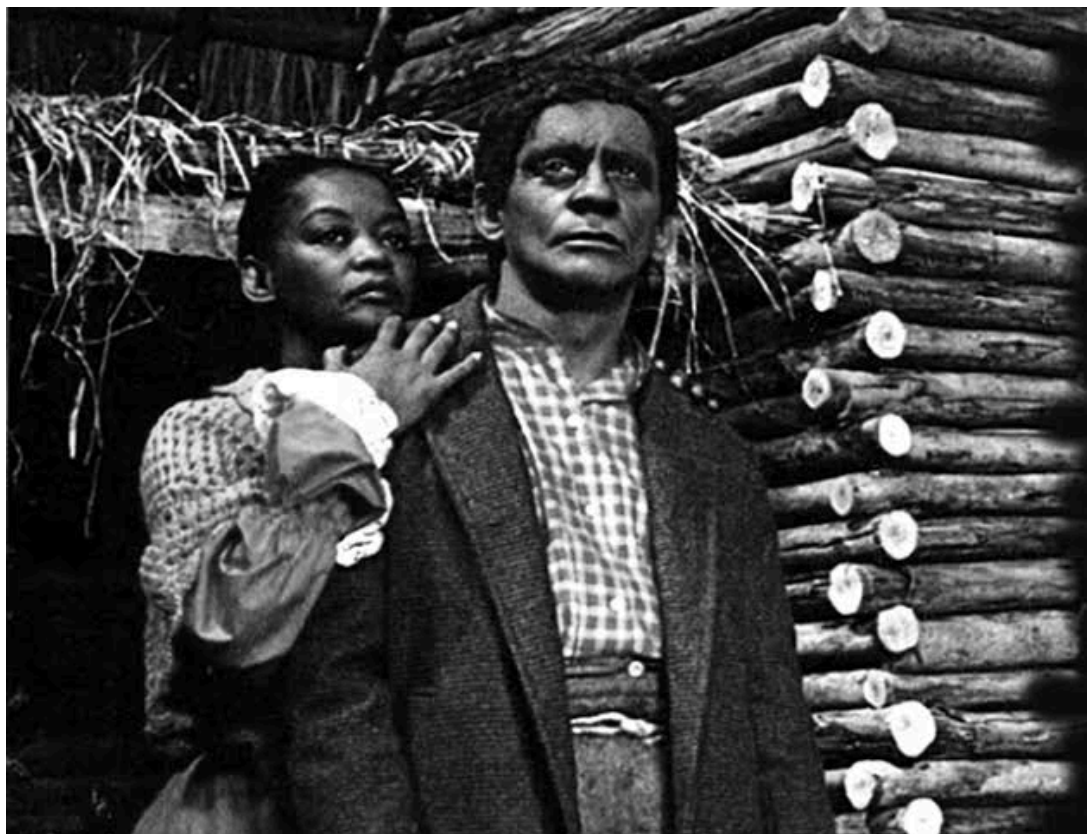
Um exemplo disso data de 1969, ano em que a Rede Globo exibiu a novela “A cabana do Pai Tomás”. A história contava com um número grande de pessoas negras – o maior até aquele momento. Apesar disso, no papel principal, que deveria ser ocupado por uma pessoa de cor preta, o personagem foi assumido por um ator negro, sendo que, para isso, ele foi submetido ao processo de *blackface*, que consiste em pintar artificialmente a pele, tornando-a escura (SILVA, 2020). O enredo

¹⁴<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/chamada-de-segundo-sol-e-criticada-nas-redes-sociais-por-mostrar-bahia-branca-demaais>.

¹⁵ <https://veja.abril.com.br/cultura/segundo-sol-ministerio-publico-notifica-globo-por-representacao-racial/>.

consistia na trajetória de uma família escravizada, nos EUA, que lutava contra fazendeiros. E, além da polêmica relacionada à escalação de atores, a produção recebe muitas críticas, por mostrar negros conformados com a escravidão.

FIGURA 4: ATOR SERGIO CARDOSO, COM TÉCNICA DE BLACKFACE NA NOVELA “A CABANA DO PAI TOMÁS”



Fonte:

<https://iconografiadahistoria.com.br/2020/11/16/black-face-na-globo-a-polemica-novela-cabana-do-pai-tomas/>

Esse caso, ao lado de vários outros, era aceito com naturalidade. E não era somente na telenovela que isso acontecia. A pintura de faces de pessoas brancas na representação de negras foi observada em diferentes momentos e contextos da televisão brasileira¹⁶. Em 1991, participando da tradicional campanha de fim de ano da Globo, com o tema, à época, “Invente, tente, faça um 92 diferente”, a apresentadora Xuxa aparece com a cara pintada de preto, ao lado de diversos outros artistas. A atriz Ingrid Guimarães, durante um episódio de “Sob Nova

¹⁶<https://emails.estadao.com.br/galerias/tv,blackface-relembre-casos-polemicos-com-o-uso-da-tecnica-na-tv,42217>

Direção”, em 2007, também fez uso da técnica de representação. O humorista Carioca, fazendo uma paródia da música “É tarde demais”, no quadro “Sofazenda”, da “Fazenda 12”, em 2020, também se caracterizou como negro. No programa “Pânico”, a prática foi observada em vários episódios.

De acordo com Oliveira e Silva (2020), a prática de *blackface* tem início nos EUA, tendo o objetivo de representar as pessoas negras como inferiores às brancas. A estratégia começou quando a população preta e parda recém emancipada começou a exigir direitos civis e, nesse contexto, foi gerada uma revolta e uma hostilidade por parte do homem branco. Muitos deles passaram a se apresentar em shows de menestréis, em apresentações teatrais, utilizando verniz para sapatos, tinta para graxa ou carvão de cortiça para representar os negros de maneira vexatória e exagerada, na tentativa de inferiorizá-los. Esses episódios, claro, eram motivos de piada.

As influências estrangeiras no desenvolvimento da mídia brasileira não se restringiram à prática de *blackface*. No caso das novelas, por exemplo, o financiamento partiu, inicialmente, em grande medida, de investimentos vindos de fora. De acordo com Araújo (2006, p. 67), até 1969, dois terços de todas as produções “foram patrocinadas e produzidas pelas empresas Gessy-Lever, Colgate-Palmolive e Kolynos-Van Ess”. Dessa forma, mesmo se desenvolvendo em um contexto brasileiro bastante específico, marcado pelos embates relacionados à militarização do país, por exemplo, as obras eram totalmente alheias a essas realidades, consistindo em “velhos clichês folhetinescos”. Isso fazia com que interesses e visões vindos do exterior, inclusive relacionados a aspectos comerciais, se sobressaissem às condições brasileiras. Os próprios artistas que ganharam destaque na mídia conseguiram seus papéis começando a trabalhar de forma vinculada às agências internacionais.

Por várias razões, então, ao longo de décadas, as produções televisivas têm sido infiéis com a história do povo negro e sua relevância ao cenário nacional. Silva (2020) aponta que, de maneira geral, apenas 8% de todos os papéis dos folhetins (importantes por serem frequentemente exportados a outros países) são ocupados por pessoas atrizes e atores negros. Esse, por si só, já é um sinal de desigualdade gritante. Mas a constatação que precisa chamar ainda mais a nossa atenção é a dos papéis representados por esses mesmos artistas. Predominam, para esse público,

nas produções brasileiras, os postos de empregados domésticos e os sem identificação (SILVA, 2020).

A primeira repórter negra da TV no Brasil foi Glória Maria, em 1971. Apesar de uma trajetória de sucesso, sendo referência para o espaço televisivo e para a atividade jornalística, a profissional disse entender que a sua presença nesse contexto é uma exceção e teve, entre outros motivos, o seu domínio de outras línguas desde a adolescência. Ainda assim, era frequente, em suas falas, a constatação de diversas atitudes racistas. “Não deixe aquela neguinha chegar perto de mim”¹⁷, lembrou, por exemplo, Glória, no Especial Memórias Globo, dos anos 2000, fazendo menção a falas que escutava de um presidente da República, quando estava em cobertura jornalística.

O primeiro negro a apresentar o Jornal Nacional apareceu somente em 2002, e apenas em um dia da semana: aos sábados. Heraldo Pereira fez história, mas sua imagem na bancada do principal telejornal do país não era diária. Já a primeira mulher a apresentar o mesmo programa foi Maria Júlia Coutinho (conhecida como Maju), somente em 2019. Daí, seguiram-se sua escalação para atuar diariamente como âncora no Jornal Nacional e, mais recentemente, em 2021, para o Fantástico. Especificamente no caso de Maju, a atuação, como era de se esperar, foi cercada de muitas críticas nas redes, que buscavam contestar a presença de uma mulher negra nesses espaços de destaque.

¹⁷ <https://primeirosnegros.com/gloria-maria/>

FIGURA 5: REPERCUSSÃO DA PRESENÇA DE MAJU COUTINHO NO TELEJORNALISMO DA GLOBO



CHUVA JULHO
30

O tempo no JN

Thiago San Monteiro
Só conseguiu emprego no JN Por causa das cotas preta imunda .
há 2 horas · Curtir · 36 · Responder

Guillermo Bitencourt respondeu · 2 respostas

Thiago San Monteiro
Tempo branco? mentira , sua preta.
há 2 horas · Curtir · 41 · Responder

Gabriel Garcia Negreiros respondeu · 9 respostas

Ariel Vieira
Só conseguiu emprego no JN Por causa das cotas, preta macaca
há 2 horas · Curtir · 85 · Responder

Arthur Frey
Qual é band-aid de preto?
R: Fita isolante
há 2 horas · Curtir · 17 · Responder

Iago Filipe Ferreira respondeu · 2 respostas

Karl Jagger
Não bebo café pra não ter intimidade com preto.
há 2 horas · Curtir · 71 · Responder

Mariano Fabiolo respondeu · 15 respostas

Felipe Santos
Ela ja nasceu de luto
há 2 horas · Curtir · 51 · Responder

Arthur Frey
O que são 100000000 de pretos na lua?
R: Um eclipse total!
há 2 horas · Curtir · 28 · Responder

Maria Eduarda Bellai
Em pleno século 2015 ainda temos preto na TV
há 1 hora · Curtir · 9 · Responder

Yasmim Queiroz respondeu · 39 respostas

Chronick Schlage
Só foi ela chegar ai que o tempo ficou seco igualmente a um carvão em cinzas.
há 1 hora · Curtir · 8 · Responder

Fonte: <https://twitter.com/folha/status/617094307330195456>

Deixarei para falar sobre os julgamentos dos corpos negros, em especial os femininos, adiante, nas análises. Por ora, entendamos que esse movimento provoca ruptura com o padrão e desestabiliza as percepções da audiência. Com os exemplos das telenovelas e do telejornalismo, precisamos pensar, de maneira geral, que as pessoas negras não estão plenamente representadas na TV aberta. Quando a população liga seu aparelho pela manhã, durante a tarde, ou no final do dia, após o trabalho, constata aquilo que aqui nos parece lógico: a pessoa preta e parda não está na tela (guardadas, como vimos, algumas ressalvas).

Conforme já adiantei e como exploro a seguir, ocorre, no momento de produção desta pesquisa, um aumento no número de pessoas negras nas produções midiáticas da Rede Globo de Televisão – a exemplo do que vem ocorrendo no BBB. Ao considerar, porém, os demais programas também de entretenimento, percebe-se que a presença do negro, de maneira geral, não ocupa a posição central, mas a de apoio a uma pessoa branca. Isso pode ser identificado, por exemplo, com a escalção de Manoel Soares no programa Encontro (atualmente comandado por Patrícia Poeta)¹⁸ e de Camilla de Lucas no *The Masked Singer*¹⁹, entre outras. Ambos os artistas são negros e são ativistas contra o racismo negro. Porém, apesar das escalções, o seu papel passa a ser o de auxiliares de personalidades brancas, o que facilita, inclusive, os processos de substituições.

É necessário considerar também que, no contexto de cultura digital, a produção televisiva passa a ter relação com outros espaços midiáticos. É comum, por exemplo, episódios de um programa produzido para a TV serem promovidos ou debatidos nas redes sociais, o que amplifica o alcance das produções midiáticas. Esse fenômeno está relacionado ao conceito de cultura da convergência (JENKINS, 2008), segundo o qual os meios se convergem na produção de conteúdos e sentidos. Assim, ao se reconhecer a potencialidade das diferentes mídias para o alcance da audiência de forma diferenciada e intensificada, há uma produção cada vez mais pensada em sentido transmidiático. Dessa forma, torna-se ainda mais justificável entender as mensagens propagadas pela mídia em relação às pessoas negras, mesmo considerando o aumento da presença desses sujeitos no espaço midiático.

¹⁸

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/07/27/manoel-soares-diz-se-manteve-contato-com-apresentadoras-do-encontro.htm>

¹⁹

<https://www.metropoles.com/colunas/o-melhor-da-tv/entenda-por-que-camilla-de-lucas-saiu-do-the-masked-singer-brasil>

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA: DEFINIÇÃO DO PROTOCOLO ANALÍTICO

Guio-me, desde o início deste trabalho, por um caminho que, tendo os Estudos Culturais como aporte teórico, considera a cultura como elemento-chave para a análise de representações e movimentos socioculturais. Cultura, nesse contexto, com base em Williams (1969; 1979; 2005; 2007), representa o conjunto de significações que, permeando os diferentes espaços, consiste em sistema que, ao mesmo tempo em que (re)significa os movimentos humanos, é por esses mesmos movimentos ressignificado constantemente. Assim, compreendo que a mídia, de modo geral, mas em especial a televisão nesse contexto, funciona como fenômeno cultural que tem servido como suporte por meio do qual conhecimentos, valores e determinações são transmitidos e veiculados, como reforço, transformação ou combate aos elementos e aspectos culturais.

Dessa maneira, movimento-me na definição de um protocolo metodológico próprio, a partir das contribuições e inspirações emanadas por teóricos dos Estudos Culturais, que dê conta de fornecer aparatos suficientes para a análise e compreensão que propomos neste trabalho. Esse movimento consiste em um conjunto de esforços desenvolvido durante um longo período de investigações, em especial no contexto do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Mídias e Estudos Culturais, vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

De um lado, são levados em consideração os aportes teóricos dos Estudos Culturais, relacionando procedimentos metodológicos de abordagem e investigação e propondo um modelo de análise a ser seguido neste trabalho, com o objetivo de, além de conferir condições para o procedimento analítico, contribuir para que demais pesquisadores da área encontrem nesse modelo novas condições para as análises culturais.

Sendo assim, recorro a Lakatos e Marconi (2010) para indicar que o que é entendido por análise cultural se refere a um método de procedimento, diferenciando-se do método de abordagem. Em relação ao método de abordagem, que representa o guarda-chuva maior sob o qual o trabalho é desenvolvido, esta pesquisa enquadra-se como qualitativa, em que não há a preocupação com aspectos quantitativos, mas, sim, com as compreensões advindas de um contexto

social específico. Nesse cenário, os Estudos Culturais aparecem como a referência ampla do trabalho, fonte basilar para onde se recorre. Por outro lado, falando especificamente do método de procedimento, estou falando da análise cultural-midiática, que, construída com base em fundamentos e contribuições teóricas dos Estudos Culturais, permite que o objetivo seja estudado, aprofundado, de acordo com os objetivos elencados na pesquisa.

Reitero, com base em Hall (2003) e Williams (2005), que a compreensão acerca de Cultura está para além de uma posição idealizada para o acesso de todas as pessoas. Também não entendo o conceito como simplesmente o conjunto de obras produzidas por artistas e intelectuais de uma época, em determinado contexto. A cultura, ao ser analisada, está relacionada aos modos de vida e organização sociocultural, sendo que a extração de elementos desse mesmo cenário contribui para a compreensão de ensinamentos, provocações e problematizações, em especial em relação aos povos que historicamente têm sido marginalizados, como o da população negra.

Desde o início de seu desenvolvimento, a área dos Estudos Culturais, por meio de seus pesquisadores, apresentou e vem apresentando modelos diversos de procedimentos metodológicos de análise. Aqui, em especial, foram levados em consideração esses esquemas que, combinados e ressignificados, permitiram a definição de um modelo específico para esta pesquisa. Esse repensar considera que os protocolos existentes de análise cultural nem sempre estão relacionados a uma mídia, como o que fazemos aqui. Concordamos com Steffens et al. (2020), com o fato de que “ao ser direcionada para a esfera midiática, a análise cultural permite pensar as relações humanas no contexto de inter-relação com as mídias, as quais ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos”.

Como vimos, uma das diferenças marcantes dos Estudos Culturais está na consideração de diferentes contextos, áreas e motivações para a compreensão de fenômenos socioculturais – diferenciando-se do Materialismo Clássico, no qual a economia assume papel central. De acordo com Kellner (2001), esses esforços teórico-metodológicos dos Estudos Culturais contribuem, então, para uma análise que leva em consideração a relação entre componentes como economia, cultura, sociedade e política, de maneira indissociável.

Por estar falando, de início, sobre um programa de TV – a despeito das reformulações e ressignificações que essa produção alcança com novas mídias –,

considero como basilar o modelo apresentado por Hall (2003) que leva em consideração os processos de codificação e decodificação. De acordo com o autor, a codificação se refere à ação praticada pelo enunciador, no sentido de codificar, atribuir sentidos a partir de determinados códigos estabelecidos para que a mensagem seja praticada/levada adiante. Já a decodificação está relacionada ao exercício feito pela recepção para que aquela mesma mensagem codificada e sistematizada seja compreendida e produza sentidos (que nem sempre são os mesmos objetivados pelo enunciador). Isso pode ser compreendido na figura a seguir.

FIGURA 6: CIRCUITO APRESENTADO POR HALL



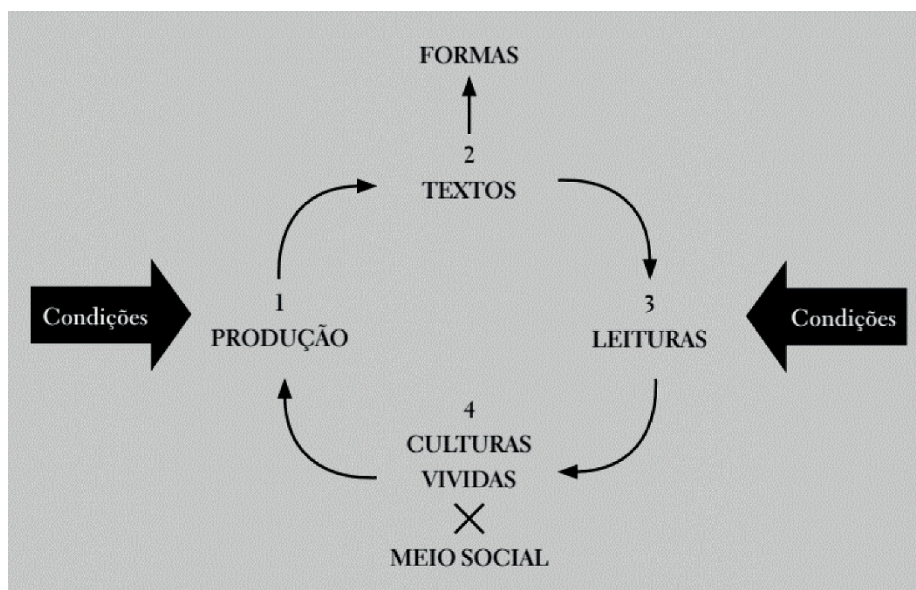
Fonte: Escosteguy (2007, p. 125).

Essa ideia, considerada em muitos trabalhos analíticos, é importante, principalmente porque contribui para a superação da rigidez relacionada à interpretação condicionada aos objetivos do enunciador – como já falado por aqui. Em outras palavras, ao considerar programas midiáticos televisivos, há uma negociação constante em curso, que, de um lado, considera as impressões registradas no momento de concepção e produção de um trabalho, e, de outro, as produções de sentidos que estão ligadas às condições vividas pela audiência. Nesse ínterim, há, ainda, o espaço considerado como um campo em que há determinada fuga das negociações, que representa o campo no qual ocorrências não planejadas e/ou incertas podem ser identificadas.

No caso do Big Brother Brasil, como veremos com mais detalhes adiante, por se tratar de uma produção televisiva em sua essência, a compreensão desse esquema encontra amparo, uma vez que compreende-se que não há, de forma alguma, o controle total e rígido por parte da produção da atração em relação à audiência, sendo que, em diversos momentos, os caminhos precisaram ser redefinidos, com o objetivo de se refazer, repensar a mensagem objetivada. Ainda que, de certa maneira, existam elementos de escolhas que comprometem e/ou influenciam na compreensão da mensagem, como os relacionados à seleção de participantes e edição, não é possível perceber que exista um papel nitidamente estabelecido ao receptor, no sentido de absorver a mensagem projetada e responder a ela como era esperado – como, por muito tempo, prevaleceu a ideia em modelos funcionalistas da comunicação.

Ainda de acordo com Hall (2003), há, pelo menos, três posições de leitura que influenciam nas produções de sentidos. A primeira, identificada como dominante, está relacionada à visão mesma do enunciador, emissor, de uma determinada mensagem. Essa posição, está, portanto, ligada à codificação impressa por quem concebe e produz determinada mensagem ou o conjunto de mensagens. A segunda é a negociada, que indica que, muito embora haja o reconhecimento e consideração dos interesses e objetivos presentes no início, por parte do emissor, há movimentos relacionados ao receptor que levam à (re)significação das mensagens. É, então, o que ocorre, no momento da decodificação. Por fim, há a posição de oposição, em que há a negação e o embate em relação ao que é comunicado, o que poderia ocorrer nos momentos de relativa autonomia – relativa porque, na compreensão cultural, nenhum de nós está livre de influências várias que nos fazem perceber, sentir, compreender de uma determinada maneira, e não de outra.

Também são levadas em consideração, nesse percurso, as contribuições de Jhonson (2006), que, entre outros aspectos, apontam para a necessária consideração do aspecto político da cultura, ou seja, representada pelas instituições. Nesse circuito, é levado em conta que as formalizações culturais estão relacionadas ao que é chamado de “cultura vivida”, que precisa ser considerada tanto em relação à produção quanto no que diz respeito à recepção. Cultura vivida é o termo utilizado, então, para indicar o contexto da produção e da recepção ou, em outras palavras, as condições nas quais a produção e o seu consumo são efetivados, conforme organizado graficamente por Escosteguy (2007, p. 120):

FIGURA 7: CIRCUITO DE JHONSON

Fonte: Escosteguy, 2006, p. 120)

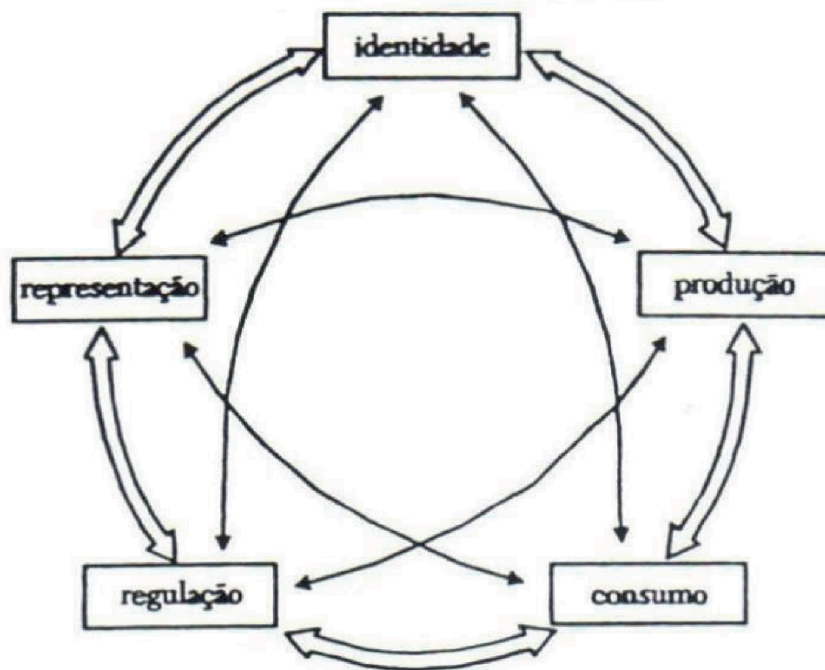
Esse contexto não representa apenas os aspectos e elementos físicos e materiais, mas considera, também, “um estoque de elementos culturais já existentes, extraídos do reservatório da cultura vivida ou dos campos já públicos de discurso” (JHONSON, 2006, p. 56). De acordo com o autor e suas interpretações, a análise se dá, nesse contexto, pautando-se nas relações estabelecidas entre as formas textuais, as condições de leitura e as de produção. Texto, nesse sentido, passa a significar algo que, materialmente exposto, abarca, em si, diversos outros aspectos que nem sempre estão visíveis de imediato. O estudo que recai sobre a expressão textual, então, contribui para a compreensão e problematização de fenômenos e movimentos socioculturais de um determinado contexto e momento.

Esse estudo é considerado aqui, porque, com foco no BBB, que compõe o objeto de análise, há uma relação constante entre participantes e destes com o público, relacionando diversas categorias textuais para a produção de sentidos. Além disso, a produção brasileira, que já está na 24ª edição, é produzida em um determinado contexto de cultura vivida que a recebe e aceita, num movimento de transformações e negociações constantes.

Também de maneira basilar, o modelo apresentado por Du Gay et. al. (1999) é considerado nesse trabalho. Para os autores, há uma interdependência e inter-relação entre diferentes instâncias do processo de produção e consumo de uma determinada obra midiática. Essas instâncias, tratadas de forma individual e

nessa relação, são as seguintes: consumo, produção, regulação, identidade e representação.

FIGURA 8: MODELO DE DU GAY



Fonte: Du Gay et al. (1999, p. 3)

Entre as características desse momento que são consideradas no desenvolvimento do trabalho, está o fato de que, apesar de cada uma das instâncias estar ligada diretamente a outras, há ligações indiretas que também precisam ser consideradas, de forma que nenhuma delas se mantém isolada. Também é importante destacar que, ao introduzir a ideia de regulação, há a compreensão de que as produções midiáticas estão relacionadas a concessões legais que as permitem e/ou promovem. Há que se considerar, ainda, que a identidade tem papel de destaque nesse circuito, sendo construída a partir do processo de representação, que envolve as negociações entre a produção e o consumo.

Em um movimento para a delimitação metodológica necessária à análise aqui proposta, elaborei um protocolo que, à luz das contribuições de diferentes pesquisadores dos Estudos Culturais, está alinhado ao procedimento analítico pelo qual o processo analítico se guia. Ao mesmo tempo em que este protocolo é aplicado nesta pesquisa especificamente, poderá ser aproveitado, ressignificado por demais pesquisadores da área, especialmente quando as produções analisadas

forem embasadas em três características principais: 1) Tenham produção midiática audiovisual, hipertextual e multiplataforma; 2) Contribuam para a compreensão de pedagogias culturais sobre um determinado tema/assunto específico; 3) Possam ser compreendidas em uma proposta sequencial, extraindo-se das sequências as regularidades observadas.

O protocolo metodológico é dividido em três etapas: **Orientação, Aplicação e Movimento**. A primeira fase está ligada à organização do questionamento, do recorte e dos subtemas a serem investigados. A segunda, relaciona-se à aplicação dos subtemas nas instâncias de análise do protocolo, gerando e selecionando dados. Já a terceira, vincula-se aos tensionamentos, compreensões e provocações para o fim da pesquisa ou a sua continuidade.

A orientação tem como ponto de partida o questionamento. Afinal, cada análise tem um objetivo, uma indagação em aberto que precisa ser respondida. Neste caso, como vimos até aqui, a pergunta é “Quais regularidades midiático-discursivas em relação às pessoas negras se desenvolvem no contexto do programa Big Brother Brasil, da Rede Globo, operando pedagogicamente sobre o imaginário social acerca da representação desse público?”. É a partir desse questionamento que o analista precisa recortar o espaço de tempo e o midiático sobre os quais o questionamento recairá. Na nossa pesquisa, a investigação se dá com foco nas quatro últimas edições do programa Big Brother Brasil, a saber, dos anos 2021, 2022, 2023 e 2024.

O recorte pode ser ainda mais específico. Neste trabalho, a análise foi delimitada com base em 39 participantes de 2021 até 2024, aos quais chamamos de **sujeitos centrais da análise**. Essa definição é considerada importante, já que, muito embora o processo analítico recaia sobre eles, especificamente, encontram-se, também outros sujeitos que, nas relações com esses, contribuem para as produções de sentidos.

QUADRO 2 – SUJEITOS CENTRAIS DA ANÁLISE

Edição de 2021	Lumena, João Luiz, Gilberto, Karol Conká, Camilla de Lucas, Pocah, Nego Di, Lucas Penteadado e Projota
Edição de 2022	Luciano, Jessilane, Natália, Vyni, Bruna Gonçalves, Paulo André, Maria, Douglas Silva e Linn da Quebrada
Edição de 2023	Cezar, Ricardo, Sarah Aline, Bruno e Tina, Aline Wirley, Domitila Barros, Fred Nicácio, Marvvila e Gabriel Santana.
Edição de 2024	Davi, Giovanna Pitel, Juninho, Leidy Elin, Lucas Henrique, Lucas Luigi, Lucas Pizane, Marcus Vinicius, Thalyta Alves, Raquele, Rodriguinho

Fonte: elaborado pelo autor.

Com o objetivo de responder ao questionamento inicial geral, chamado de **questionamento condutor** – porque é a partir dele que todo o trabalho de análise cultural-midiática se guiará –, é preciso elencar subtemas que, ao serem investigados no interior da análise, contribuirão, de forma integrada, para o alcance de respostas gerais. Cada um desses subtemas denominamos **pílula**, no sentido de indicar o agrupamento e a condensação de aspectos, características e temas tratados conjuntamente.

Para essa pesquisa, de forma a se chegar às respostas à pergunta inicial, elencamos nove pílulas. Essas pílulas podem ser enumeradas, para a organização do trabalho do pesquisador analítico. Os subtemas, então, elencados nesta pesquisa, em relação ao questionamento condutor, são os seguintes:

- 1- História, sentido e função cultural do programa;
- 2- A inserção da pessoa negra na produção;
- 3- Polêmicas em relação a pessoas negras;
- 4- O racismo e sua relação com o programa;

- 5- O antirracismo e sua relação com o programa;
- 6- Posicionamento do programa em relação às pessoas negras;
- 7- Vivências entre pessoas negras;
- 8- Vivências entre pessoas brancas e negras; e
- 9- Posicionamento da audiência em relação a pessoas negras.

A seguir, é apresentada a maneira gráfica pela qual organizamos a primeira etapa, chamada por nós de **Orientação**.

FIGURA 9: ORIENTAÇÃO



A segunda etapa, denominada **Aplicação**, refere-se, então, a como será a materialização da análise para a elaboração e extração de dados. Levando em consideração os embasamentos teóricos dos Estudos Culturais e os diferentes circuitos e protocolos analíticos, essa parte foi separada em duas instâncias: **Sociopolítica**; e de **Concepção Produção, Recepção e Resposta**, cada uma pensada em níveis gerais e específicos. A primeira instância abarca características e aspectos sociais, políticos e econômicos, que justificam, propiciam ou permitem a produção.

A segunda instância, **Concepção, Produção, Recepção e Resposta**, por sua vez, apresenta características ligadas à produção do programa, em relação aos recortes que se faz para a análise. Para esse momento, como forma de organização e viabilidade, considera-se importante a apresentação geral do percurso ocupado por determinado sujeito na produção, mas com especificidade e delimitação de episódios ou trechos que servem como exemplos do contexto geral. A cada um desses episódios ou trechos damos o nome de **Materialidade Cultural Extraída**.

No caso em questão, serão apresentadas na análise entre uma e três materialidades em relação a cada um dos sujeitos centrais. Além da contextualização geral em relação a cada materialidade selecionada, como forma de discussão específica ligada a cada um dos sujeitos principais, são apresentados os seguintes conjuntos de elementos: *prints* representativos de um episódio ou trecho; transcrição verbal (TV) dos discursos e diálogos presentes no contexto específico; e QR Code de acesso ao trecho na íntegra. Isso tudo está relacionado aos **Aspectos de Produção Midiática**.

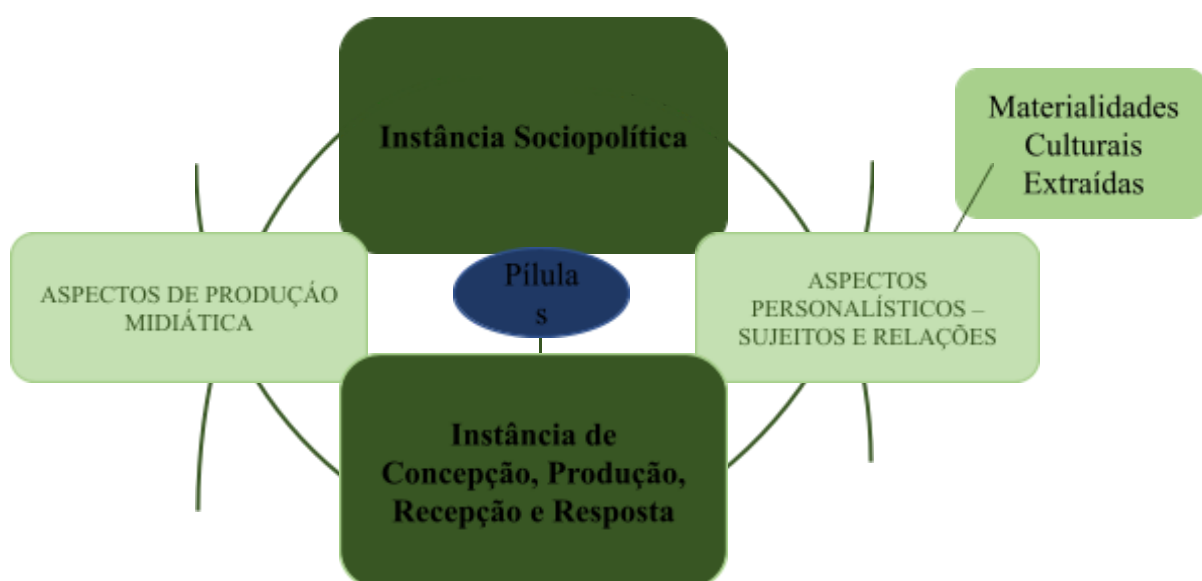
É aqui, também, que os analistas se debruçam sobre o impacto da produção para com a audiência. Para tanto, devem definir o recurso ou plataforma a partir da qual haverá a investigação, trazendo as compreensões, também, em sentido geral e específico. Nesse caso em questão, além do perfil oficial do programa nas redes sociais (@bbb) e do site oficial, foram explorados diversos outros perfis que se nutrem dos conteúdos relativos ao programa.

Nesta etapa de **Aplicação**, algumas das pílulas, que se referem aos subtemas elencados para se chegar à resposta ao questionamento principal, são distribuídas em relação às duas instâncias, para facilitar o trabalho, de modo que cada uma pode aparecer em uma ou nas duas instâncias. Além disso, como a análise será a partir dos personagens/participantes, ou seja, feita a partir da

trajetória de pessoas, recorre-se a dois **Aspectos Personalísticos: Sujeito e Relações**, para, a partir dos tensionamentos, encontrar respostas relativas à Representação e Identidade (HALL, 2003; 1997) de pessoas negras na produção midiática.

Essa segunda etapa, então, pode ser representada graficamente da maneira como se apresenta a seguir.

FIGURA 10: APLICAÇÃO



Fonte: elaborado pelo autor.

Na última etapa, chamada de **Movimento**, serão reunidas e reforçadas as regularidades midiático-discursivas acerca de participantes negros e negras no programa Big Brother Brasil, procurando entender como tais discursos têm operado para o processo de representação e identificação, gerando pedagogias culturais que precisam ser compreendidas e confrontadas.

Nesse momento, a discussão terá como aporte as produções bibliográficas de autores ligados aos temas de negritude e antirracismo, tais como Hall (2003); Williams (2001); Fanon (2020; 2022); Ribeiro (2019); Munanga (2007); Bento (2022), entre outros, que, além de problematizarem a questão da história do povo negro e as desigualdades sociais experimentadas por ele – como já abordado ao longo do trabalho –, apontam para aspectos contemporâneos relacionados à mídia.

4. ANÁLISE CULTURAL DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NO PROGRAMA BIG BROTHER BRASIL

Debruço-me, aqui, sobre a exploração midiática de participantes negros e negras do programa Big Brother Brasil, produzido e exibido pela Rede Globo de Televisão, a fim de identificar possíveis produções de sentido frutos desse movimento de identidade e representação. Para tanto, como recorte necessário à análise cultural, foram selecionadas quatro edições do programa, que tem produção e exibição anuais: 2021, 2022, 2023 e 2024. A extração de dados ocorre a partir de duas instâncias: Sociopolítica e de Concepção, Produção, Recepção e Resposta.

4.1. Instância Sociopolítica

A escolha pelas edições selecionadas está embasada em duas razões principais: o fato de ser nesse período que a produção passou a contar com o aumento no número de participantes pretos e pardos – com ampla divulgação midiática sobre esse aspecto –; e por ser esse o espaço temporal de desenvolvimento do doutorado ao qual estamos vinculados. Nesta instância sociopolítica, abordamos as seguintes pílulas: 1. História, sentido e função social do programa; 2. A inserção da pessoa negra na produção; e 6. Posicionamento do Programa em relação a pessoas negras.

Big Brother Brasil é um *reality show* que decorre da franquía criada por John de Mol, bilionário ligado aos meios de comunicação de massa holandeses. É, dessa forma, uma produção internacional, que tem no território brasileiro um dos cenários de concretização da proposta que, ao longo de mais de duas décadas, tem se transformado em um fenômeno global. O programa foi produzido e transmitido pela primeira vez na Holanda (Países Baixos), em 1999, sendo distribuído na sequência para diversas partes do mundo.

O embrião do programa surge da proposta apresentada no livro intitulado “1984”, de George Orwell (1949). Não é a intenção, aqui, explorar aspectos detalhados do trabalho, mas, para início de conversa, considera-se importante registrar, de maneira geral, o pano de fundo sobre o qual se desenha a história construída e que serviu de inspiração. No romance, que figura entre os livros de maior impacto e faturamento no cenário mundial, o autor, por meio de uma visão futurística, apresenta uma realidade distópica, na qual, um líder referencial, o

chamado Big Brother (Grande Irmão, em tradução livre), mantém o controle sobre as vidas e condutas das pessoas, utilizando-se de recursos que permitem a vigilância constante, tais como câmeras escondidas e microfones.

Ao serem vigiados permanente e continuamente, os indivíduos são forçados a agir conforme aquilo que é preceituado pelo Partido do Grande Irmão, sendo que qualquer violação ou desvio do que era esperado torna-se passível de punição. Algumas vidas, ao desagradarem ao “olho que tudo vê”, eram simplesmente “apagadas”, em relação a seus registros na história. Outras, como o do personagem principal, Winston Smith – que, tenta ir contra o sistema e provocar uma revolução –, são submetidas a um tratamento pesado, até que passem a respeitar e “amar” o seu poderoso líder.

Embasado nessa ideia é que o programa se desenha, no sentido de se mostrar como um experimento social, por meio do qual diversas pessoas, de diferentes etnias, origens e características, são colocadas em um espaço cenográfico construído e pensado exclusivamente para esse fim. Periodicamente (em geral, semanalmente), alguns membros do grupo são escolhidos para serem submetidos ao julgamento do público, que decide quem irá deixando o programa e, também, quem será digno de receber o prêmio milionário, consagrando-se como o vencedor, ao final da disputa.

Como forma de entretenimento, no decorrer dos dias, os participantes são submetidos a dinâmicas de convivência, além de provas de sorte, habilidades e inteligência, disputando vantagens relacionadas a alimentação, conforto, informações privilegiadas, possibilidade de indicar alguém ao “Paredão” – nome que indica a posição de quem está sob o julgamento do público para deixar o programa –, entre outras. Durante todo o tempo de “confinamento”, os “jogadores” são privados de informações do que acontece no mundo real – a não ser em casos considerados extremos, tais como os relacionados a conflitos e condições de saúde com impacto geral. Também não podem acessar os meios de comunicação, vivendo realmente em uma realidade distópica.

Em terras brasileiras, com o nome de Big Brother Brasil – popularmente conhecido como BBB –, o programa teve a sua primeira edição em 2002, ano que contou com duas edições. A partir de então, as edições se tornaram anuais, chegando, em 2024, à 24^a. Durante todo esse tempo, o programa se reinventou e continua se reinventando, de forma a se movimentar em direção à audiência. A

primeira versão do programa foi apresentada por Pedro Bial e Marisa Orth. Bial seguiu sozinho a partir da segunda, sendo que em 2017 quem assumiu a apresentação foi Tiago Leifert e, desde 2022, quem comanda o programa é Tadeu Schmidt.

A partir de 2021, com propagação midiática veemente, a produção começou a inserir no elenco mais pessoas negras, que, passaram a representar de 40 a 50% de todos os participantes do reality show. Essa inserção é vista como algo positivo, uma vez que, servindo como, além de entretenimento, um experimento social, com participação do público real, o programa, dessa forma, caminha numa aproximação maior com o que é percebido no contexto social real. Contudo, há que se destacar que esse movimento demorou a ser percebido, uma vez que durante 20 edições, a presença de corpos negros (em especial entre as figuras de destaque e os finalistas) foi exceção à regra, em uma produção que priorizou, durante muito tempo, padrões do corpo branco. Considerando todos os participantes de todas as edições até 2020, a média daqueles considerados pretos ou pardos não ultrapassou 20% de todo o elenco. Para se ter uma ideia dessa falta de representatividade até há pouco tempo, basta lançar o olhar para a edição de 2020, na qual, dos 20 participantes, apenas 3 eram negros – Thelminha, Babu Santana e Fly –, ou seja, 15%. Dessa forma, considero importante indicar que, como forma padrão, as mensagens midiáticas transmitidas pela mídia bombardeavam a audiência com referências de pessoas brancas, sendo que o espaço reservado às pretas e pardas eram uma exceção à regra observada.

É importante destacar, ainda, que, muito embora tenha havido a participação de pessoas negras ao longo das edições, e algumas delas tenham alcançado repercussão significativa, não há projeção igual à tida por pessoas brancas. Ao compararmos a atuação de Thelminha (vencedora da edição 20), por exemplo, no pós-programa, apesar do destaque que teve frente a outros participantes negros que passaram pelo experimento, essa atuação midiática fica muito aquém de outros nomes que, enquanto pessoas brancas, encontraram muitas outras portas de acesso, mesmo não tendo sido consagradas como vencedores. Para uma comparação levando-se em consideração o mesmo contexto, podemos citar Rafa Kalimann e Manu Gavassi, ambas participantes da mesma edição. Enquanto Thelminha conta com 5 milhões de seguidores no Instagram, por exemplo, no momento desta pesquisa, Rafa Kalimann e Manu Gavassi somam 21,5 milhões e

15,2 milhões. No atual contexto digital, o número de seguidores na rede social é considerado um dos indicativos de sucesso, já que, é a base para que oportunidades para que trabalhos de diferentes naturezas sejam criadas. Mas não é só isso. A participação da vencedora da edição da edição fica aquém no que se refere às produções midiáticas da emissora, enquanto Rafa Khalimann, por exemplo, já passou por diversas experiências no entretenimento, tendo ganhado, inclusive programas e, atualmente, apresentar uma novela.

Há que se considerar que tanto Rafa Kalimann quanto Manu Gavassi já eram conhecidas do público geral, por comporem o público artístico. Elas participaram da primeira edição (que não está aqui em análise) que organizou os participantes a partir de duas categorias: Pipoca (desconhecidos do público) e Camarote (conhecidos do público) – tendência que se seguiu nas edições seguintes. Mas, ainda assim, o lugar que ocupam, considerando os participantes da mesma edição, tem maior projeção. Babu Santana, homem negro, por exemplo, do mesmo ano, também entrou no grupo Camarote. Ator e cantor, já tendo feito diversos papéis no teatro e na TV, ganhou notoriedade maior após interpretar Tim Maia nos cinemas. Ainda assim, sua passagem pelo programa e a sua projeção midiática também ficam aquém. No momento desta pesquisa, os números de seus seguidores no Instagram equivalem aos de Thelminha. Além disso, sua participação em produções midiáticas não é tão veemente quanto das demais participantes brancas já indicadas.

Essas considerações gerais, muito embora sejam citadas até mesmo edições que não fazem parte do corpus de análise, contribuem para se pensar em dois aspectos principais: que nem sempre o corpo negro teve lugar reservado na produção midiática (a despeito de as pessoas negras serem a maioria no Brasil, como já vimos), o que só foi ocorrer depois de quase 20 anos de programa e, entre outras razões, pelas pressões recebidas; e que, mesmo havendo o espaço reservado às pessoas pretas e pardas, as suas projeções não se equivalem às das pessoas brancas durante e após as edições, o que deve ser motivo de questionamento e reflexão.

Guardadas as devidas proporções, fazendo um paralelo em relação a esse lugar que passa a ser reservado à pessoa negra no programa e as cotas afirmativas, entende-se que, apesar de serem extremamente importantes as inserções de pessoas pretas e pardas nos diferentes espaços sociais (educativo, midiático etc.), essas são ocorrências iniciais à promoção de uma igualdade de condições, e não

como o ponto de chegada. Isso porque as condições históricas do povo negro, como já vimos, são extremamente desproporcionais e desfavoráveis.

Em outras palavras, estou a dizer que a permissão de acesso a lugares antes não ocupados por pessoas negras não é condição suficiente para a superação das desigualdades que por tantos anos comprometem a vida e as oportunidades dessa parcela da população. Em especial a partir de 2021, quando, como já destacado, a produção passou a contar com número maior de participantes pretos e pardos, essa reserva de espaços pode transmitir uma ideia de que as condições de acesso e permanência nos lugares de destaque e de poder são iguais a todas as pessoas, condição que, como vem sendo discutida, não se materializa.

Como a produção midiática de entretenimento da atualidade com o maior faturamento, superando a marca de R\$ 1 bilhão por edição, o BBB reúne audiência que, frente às experiências filmadas e transmitidas, experimenta ensinamentos culturais diversos, que podem ser compreendidos como pedagogias culturais. É por essa razão, em geral, então, que a preocupação com o que emana como ensinamentos culturais a respeito das pessoas negras nesse contexto compõe a motivação da pesquisa. Para isso, pensando especificamente neste trabalho, é necessária a divisão por edições. Em 2021, nove participantes foram negros, conforme divulgação feita pela própria emissora do programa, como se vê na imagem a seguir.

FIGURA 11: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 21



Fonte: Rede Globo.

A percepção, reforçada pela propagação midiática intensa a esse respeito, até certo ponto, era a de que, havia, a partir daquele momento, a superação das desigualdades de condições aplicadas às pessoas pretas e pardas, única e exclusivamente pela reserva de espaço a esse público, o que, pelo que já apontamos, não pode ser compreendido como condição suficiente para a promoção de igualdade de condições.

Essa estratégia continua nas edições seguintes. E, para organização dessa análise, apresentamos, também, as divulgações oficiais dos programas, ano a ano.

FIGURA 12: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 22



Fonte: Rede Globo.

FIGURA 13: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 23



Fonte: Rede Globo.

FIGURA 14: PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2024



Fonte: Rede Globo.

Na edição de 2024, além da divulgação oficial inicial, com a escolha do elenco por parte da produção do programa, houve, ainda, uma dinâmica, por meio da qual, participantes já selecionados e o público de casa escolheram mais oito pessoas para entrar na casa.

Como se vê, a tendência de reservar um percentual maior às pessoas pretas e pardas passa a ser característica do programa a partir de 2021, o que não ocorreu nas edições anteriores. Essa tendência não é casuística, mas ocorre no seio de um contexto de transformações políticas e sociais que envolvem a empresa. Em especial, dois acontecimentos²⁰ que datam a partir de 2020 merecem destaque. O primeiro está relacionado à adesão da Rede Globo ao Pacto de Promoção da Equidade Racial da Organização das Nações Unidas (ONU)²¹, que, entre outras medidas, tem por objetivo a ampliação para 50% no percentual de pessoas negras em postos de liderança, sendo que, no Brasil, há a expectativa de se alcançar esse índice até 2030. Esse aspecto justifica não apenas o aumento no número de pessoas pretas e pardas no BBB, mas, também, nas novelas e no telejornalismo da emissora, como se há percebido nos últimos anos.

O segundo acontecimento está relacionado a uma cobrança da Endemol, produtora de *realities* como o BBB, para que haja o aumento para, no mínimo, 50% na quantidade de pessoas negras e pardas, com ampliação, também, da diversificação relacionada a gênero. Ambas as iniciativas, se adotadas, contribuem para a promoção da empresa e sua colocação e reafirmação no mercado.

Frente a esse contexto social e político, que se configura como o pano de fundo para o desenvolvimento das relações e das vivências dos participantes, questionamos: a partir dessa ampliação do espaço, quais as representações e identificação possíveis a partir dos corpos negros ocupando esse contexto? Para essa discussão, apresentamos a seguir, de maneira padronizada, os participantes negros e negras que ocuparam o espaço do programa, o que compõe a Instância de Concepção, Produção, Recepção e Resposta.

4.2. Instância de Concepção, Produção, Recepção e Resposta

Em relação a esta instância especificamente, as pílulas trabalhadas centralmente foram as seguintes: 3- Polêmicas em relação a pessoas negras; 4- O racismo e sua relação com o programa; 5- O antirracismo e sua relação com o

²⁰

<https://www.uol.com.br/splash/colunas/fevito/2023/02/27/o-que-explica-o-crescimento-de-protagonismo-negro-nas-producoes-da-globo.htm>

²¹

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/pacto-da-onu-quer-alcancar-50-de-negros-em-posicoes-de-lideranca#:~:text=O%20Pacto%20de%20Promo%C3%A7%C3%A3o%20da,da%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20profissionais%20negros.>

programa; 7- Vivências entre pessoas negras; 8- Vivências entre pessoas brancas e negras; e 9- Posicionamento da audiência em relação a pessoas negras.

Edição de 2021

No ano de 2021, nove participantes do programa eram negros: Lumena, João Luiz, Gilberto, Karol Conká, Camilla de Lucas, Pocah, Nego Di, Lucas Penteado e Projota, sendo três do grupo “Pipoca”, e seis, do “Camarote”, conforme divisão apresentada a seguir. Considero importante essa separação, uma vez que tais dados contribuirão para a análise feita adiante, uma vez que o fato de já ser conhecido artisticamente pelo público ou não tem impacto sobre as percepções que se tem acerca dos diferentes perfis.

Pipoca

O ano de 2021 foi o segundo no qual a separação dos participantes entre dois grupos foi aplicada, dinâmica que começou, como vimos, em 2020. Nessa edição, três pessoas foram selecionadas para o grupo Pipoca, ou seja, dos desconhecidos artisticamente do grande público: Lumena, João Luiz e Gil.

Lumena é natural de Salvador, na Bahia, e entrou no BBB com 29 anos²². Já era formada em psicologia, curso que concluiu aos 21 anos, com mestrado na área. Deixou o território soteropolitano para trabalhar no Rio de Janeiro, lugar onde atuou junto ao SUS, no atendimento a pessoas em vulnerabilidade social, entre as quais estavam mulheres vítimas de violência doméstica. A baiana se apresentou desde o começo como bissexual e chegou à Casa vigiada tendo um relacionamento fora do confinamento com uma mulher que, segundo ela, era uma das motivações para a busca do prêmio do programa, com a defesa de construção de boas condições para a família.

Principalmente durante o período da pandemia de Covid-19, Lumena disse ter se reinventado em relação às atividades de entretenimento e profissionais. Além de se dedicar à culinária, passou a se envolver com a discotecagem, especificamente de pagodão baiano. Sua principal fonte de renda vinha, naquele momento, de construção de roteiros para produções audiovisuais. Pesquisadora acadêmica,

22

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/lumena-e-participante-do-bbb21-conheca.html#:~:text=Formada%20aos%2021%20anos%20em,que%20me%20nutre%20muito%20internamente.>

Lumena, quando foi selecionada para o programa, afirmou que sentia que estava deixando de lado o seu lado artístico e do entretenimento, o que buscava retomar com a experiência.

De forma aliada à sua área de formação, Lumena também desenvolveu estudos acerca da negritude e da pauta antirracista, tendo feito, inclusive, um intercâmbio pela África. Nessa condição, a participante chegou ao BBB com uma expectativa de defesa dessa pauta, o que de fato aconteceu. Seus posicionamentos e análises na relação com as demais pessoas permeavam essa área e, ao mesmo tempo em que representaram uma de suas principais marcas, também foram as motivações para os seus principais embates, que a levaram, inclusive, a ser eliminada no quinto paredão da edição²³ – e já no primeiro em que apareceu –, com 61,31% dos votos, disputando com dois homens, um do grupo Pipoca e um do Camarote.

FIGURA 15: APRESENTAÇÃO - LUMENA



Fonte: Globo.

Entre os episódios nos quais Lumena esteve envolvida, estavam suas análises psicológicas com os demais participantes e a fixação de termos como “jornada”, “fenotipicamente”, “ressignificação”, entre outros, relacionados à sua luta

²³

<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/relembre-todos-os-paredoes-do-big-brother-brasil-21-24997439.html#:~:text=No%20primeiro%20pared%C3%A3o%20da%20edi%C3%A7%C3%A3o,se%20salvando%20e%20salvando%20Rodolfo.>

antirracista. Muitas dessas pautas foram reprogramadas dentro e fora do programa, transformando-se em memes e piadas.

Lumena foi a maior aliada da participante Karol Conká, cantora e compositora que participava do grupo Camarote, que, como veremos, na condição de mulher preta, é, ainda, considerada a personagem mais polêmica da história do programa, carregando consigo o título de ter a maior rejeição percentual por parte do público. Inclusive foi em relação à participante que a psicóloga teve um episódio que ficou marcado na edição. Durante uma dinâmica ao vivo, ela defendeu Karol (em relação a uma briga dela com uma participante branca integrante do Camarote) e apontou que é bem mais comum o apoio ser para as pessoas brancas, após uma briga, e não para as negras.

QR CODE 1



Vídeo mostra Lumena defendendo Karol – Fonte: Globoplay

Em relação à presença e influência midiática, utilizando-se como parâmetro a atuação na rede Instagram, Lumena chegou ao programa tendo 3.642 seguidores. Quando saiu do confinamento, tinha 179 mil²⁴. Atualmente, a baiana acumula 627 mil pessoas que a acompanham na mesma rede social, tendo aumentado o número de seguidores, especialmente nos momentos imediatamente após a saída. Na internet, a ex-participante do programa apostou em diferentes atividades para superar a rejeição que havia conquistado. Ela chegou a fazer comerciais para diversas empresas, apareceu em programas de TV e, além disso, participou, em

24

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/confira-quem-ganhou-mais-seguidores-durante-o-bbb-21/#:~:text=Lumena%20Aleluia%20tinha%20pouco%20menos,Saiu%20com%20179%20mil.>

2022, de outro reality show: o ‘De Férias com o Ex’, transmitido pela MTV²⁵. Quando da entrada nesse novo *reality*, Lumena afirmou que, por conta das experiências que teve no BBB, havia abandonado a “militância”.

Essa tendência, levada ao novo *reality*, tem sido sentida nas redes sociais da ex-BBB²⁶. Com aparições marcantes e polêmicas em eventos culturais e artísticos – como no Lollapalooza 2023, onde apareceu com o look considerado mais ousado²⁷ –, não se vê a discussão sobre temas ligados à sua formação enquanto psicóloga ou sobre a pauta antirracista, como fazia antes.

Outro participante negro da mesma edição integrante do grupo Pipoca é João Luiz²⁸. De Santos Dumont, Minas Gerais, o professor de geografia tinha 24 anos quando entrou no programa. Assim como Lumena, ele fez questão de falar que vivia em um relacionamento fora do confinamento com outro homem – com quem morava havia um ano – e afirmou que não escondia, nem mesmo no trabalho, que é gay.

João Luiz também chegou ao programa levando, entre outras pautas, a da negritude e a da luta antirracista, reconhecendo os episódios que sofreu ao longo da vida, sendo um homem filho de um homem preto e uma mulher branca. Levou também para o confinamento questões relacionadas ao acesso à educação, apresentando desde a sua confirmação, informações relativas à sua trajetória, que envolvia a reinvenção da carreira docente no contexto da pandemia de Covid-19, que, segundo ele, serviu para acentuar ainda mais as diferenças e desigualdades.

²⁵

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2022/11/foi-incrivel-poder-sair-da-seca-diz-lumena-sobre-o-de-ferias-com-o-ex-clafj1jkb002e0170gbd742ln.html>

²⁶ <https://www.instagram.com/lumena.aleluia/>

²⁷

<https://gshow.globo.com/tudo-mais/lollapalooza/2024/noticia/lollapalooza-2024-look-de-lumena-e-eleito-o-mais-ousado-no-primeiro-dia-de-festival.ghtml>

²⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/joao-luiz-e-participante-do-bbb21-conheca.ghtml>

FIGURA 17: APRESENTAÇÃO – JOÃO LUIZ



Fonte: Globo.

Ao longo do programa, João se mostrou uma pessoa bastante amistosa, tendo feito bastantes amigos e aliados e pouco se envolvendo em confusões e embates diretos. Ele foi eliminado com 58,86% dos votos no 12º paredão da edição, em que disputava com outro homem do Pipoca e uma mulher do grupo Camarote.

Apesar de sua vivência tranquila dentro da Casa, houve um episódio específico de embate entre Luiz e o cantor Rodolfo, da dupla Israel e Rodolfo, que também participava da edição, que ficou marcado no programa. A ocasião estava relacionada a uma situação de racismo. O cantor, ao se fantasiar como um homem das cavernas para cumprir o “Castigo do monstro” – uma dinâmica do programa –, assemelhou o cabelo do personagem ao de João Luiz, que, no momento, mostrou-se incomodado e chateado, mas não conseguiu reagir de imediato à comparação. Foi durante outra dinâmica, “Jogo da Discórdia”, no qual os participantes são motivados a falar verdades e partir para os embates, que o professor apontou, ao vivo, o seu desconforto com a situação. Aos prantos, ele disse, entre outras coisas, que o episódio o fez reviver muitas situações de racismo que havia experimentado ao longo da vida.

O episódio ganhou coro com a participação de outros participantes que saíram em defesa de João Luiz, como Camilla de Lucas, também negra e principal aliada do jogador. A situação motivou o posicionamento da direção do programa, por meio do apresentador Tiago Leifert, sobre a importância do cabelo para a população

negra, como símbolo de luta e resistência, sendo que qualquer piada relacionada a isso está relacionada a um racismo estrutural, cuja dor pode ser sentida apenas pelas pessoas pardas e pretas. Por outro lado, dentro e fora da Casa, o episódio gerou posicionamentos contrários, no sentido de indicar que havia o exagero, traduzido comumente nas redes como “mimimi”.

QR CODE 2



Vídeo mostra João Luiz relembrando comparação a seu cabelo – Fonte: Gshow

João Luiz entrou no programa com 1.377 seguidores no Instagram. E deixou o *reality* com 3,3 milhões. No momento desta pesquisa, ele soma 2,5 milhões de seguidores, ou seja, perdeu, ao longo de três anos, cerca de 800 mil seguidores. Depois de sair do programa, o professor chegou a lançar o livro "Como essa calopsita veio parar no Brasil? – e outras dúvidas de geografia" e, durante um tempo, dedicou-se a fazer postagens educacionais em suas redes sociais. Atualmente, as publicações combinam os temas eventos, moda, mundo dos famosos e rotina.

Gilberto, mais conhecido como Gil do Vigor, é, entre os participantes do “Pipoca” dessa edição, o que mais conquistou seguidores e visibilidade²⁹. Em relação aos demais participantes negros, é o que tem a pele mais clara. De Pernambuco, nascido em Jaboatão e criado em Paulista, Gil chegou ao programa aos 29 anos, sendo economista e doutorando na mesma área. Chegou ao *reality* contando sua história de vida, que reunia, entre outros aspectos, o fato de precisar superar inúmeras dificuldades da vida humilde para conseguir estudar. Ele contou

29

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/gilberto-e-participante-do-bbb21-conheca.ghtml>

que, em alguns momentos da vida, precisava pegar três ônibus para chegar à faculdade.

Gil tem uma formação cristã. Aos 10 anos, tornou-se mórmon. Chegou a se dedicar a missões religiosas – deixando a faculdade em segundo plano –, inclusive conhecendo realidades privilegiadas e periferias de São Paulo. Com essa sua condição, segundo conta, contrastou a sua descoberta como homossexual, realidade não aceita no contexto cristão em que vivia. Tempos mais tarde, decidiu voltar aos estudos e decidir assumir sua condição e orientação sexual.

FIGURA 18: APRESENTAÇÃO - GIL



Fonte: Globo

Dentro do programa, Gil do Vigor, como ficou conhecido, a partir da expressão “vigorar”, protagonizou diversos momentos de embates, figurando, em diversos momentos, entre os favoritos do programa. Diferentemente de João e Lumena, esses embates não estavam relacionados à cor da pele ou à pauta antirracista, embora, em alguns diálogos, tenha se reconhecido publicamente como parte da população negra. Seus posicionamentos eram relacionados a jogo, defendendo suas visões e grupos.

Ao entrar no programa, Gil tinha 9.522 seguidores no Instagram³⁰, mas confessou que ‘comprou’ boa parte deles por acreditar que isso teria impacto nas seletivas para o *reality*. Ao ser eliminado com 50,87%, no 16º paredão, na disputa com os três finalistas do programa – sendo dois do Camarote e um do Pipoca –, ele já tinha 9,6 milhões. No momento desta pesquisa, o economista conta com 14,2 milhões de pessoas o seguindo³¹.

Atualmente, Gil cursa uma parte de seu doutorado no Canadá. As publicações feitas em suas redes sociais combinam eventos, publicidades, rotina e, além disso, tem feito, mais recentemente, postagens relacionadas a educação financeira para diferentes públicos. Esse tipo de conteúdo, segundo ele, é o que mais o faz perder seguidores. Gil é figura presente em diversos programas de TV da Rede Globo, participando de forma recorrente de quadro no programa “Mais Você”, comandado por Ana Maria Braga nas manhãs da emissora, e de diversas outras atrações de entretenimento.

Camarote

Para quem acompanha o BBB, a figura de Karol Conká³² é totalmente conhecida. Sua passagem pelo programa, como integrante do grupo Camarote, foi marcada por muita polêmica, sendo que ela saiu da edição com a maior rejeição da história: 99,17% dos votos³³, recebidos durante o quarto paredão da edição, numa disputa com dois homens do Pipoca.

A cantora, compositora e apresentadora chegou ao programa com 35 anos. Solteira e com um discurso bastante marcante sobre empoderamento feminino – pauta que atravessa suas composições –, é natural de Curitiba e começou a cantar aos 16 anos. De acordo com ela, no início, sofreu muito por falar sobre diversidade em suas produções. Mulher preta e mãe solteira desde os 19 anos, afirma que sofreu muito preconceito, mas que conseguiu avançar, por acreditar que suas obras

³⁰

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/confira-quem-ganhou-mais-seguidores-durante-o-bbb-21/#:~:text=Gilberto%20Nogueira%20admitiu%2C%20em%20entrevista,saltou%20para%209%2C6%20milh%C3%B5es.>

³¹ <https://www.instagram.com/gildovigor/>

³²

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/karol-conka-e-participante-do-bbb21-conheca.gh.html>

³³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/noticia/karol-conka-e-eliminada-com-a-maior-rejeicao-da-historia-do-bbb.gh.html>

poderiam contribuir para melhorar o mundo. Suas produções combinam o Rap, o Hip Hop, o Pop e elementos da cultura brasileira. Karol é dona de hits famosos como “Tombei”, “É o Poder”, “Mamacita” e “Lalá”, essa última, por exemplo, falando sobre a liberdade para o prazer sexual das mulheres.

FIGURA 19: APRESENTAÇÃO – KAROL CONKÁ



Fonte: Globo.

Os discursos de empoderamento feminino e sobre a questão racial, explorados nas produções artísticas de Karol, reverberaram também no contexto do jogo do BBB. Desde o momento em que entrou na Casa, a artista protagonizou diversos embates com os demais participantes, assumindo uma postura que, em geral, desagradou os demais jogadores e as torcidas. Entre os embates diretos que vivenciou, está a sua briga com Lucas Penteado, outro participante negro do grupo Camarote, e com Juliete, mulher branca do Pipoca que, mais tarde, se consagraria como a campeã da edição, sendo considerada o maior fenômeno em relação a seguidores e votos – saiu do programa com mais de 24 milhões de seguidores no Instagram, ocorrência que não foi observada com nenhum outro participante.

QR CODE 03



Vídeo mostra Karol em embate com Lucas – Fonte: Globoplay

Karol Conká entrou no *reality* tendo 1,5 milhão de seguidores no Instagram. Esse número aumentou e chegou a 1,8 milhão, mas foi diminuindo depois, a partir de um intenso movimento organizado de rejeição nas redes sociais. Quando deixou o confinamento, tinha 1,2 milhão³⁴, tendo sido a única participante que perdeu seguidores enquanto estava no programa, no comparativo com a situação de início.

Por conta da rejeição extrema, após sair do programa, Karol narrou, em diversos episódios, que precisou de ajuda. Passou por terapia e ficou um tempo afastada da mídia. Depois disso, sua história real passou a pautar diversas produções midiáticas. A série documental “A vida depois do tombo”³⁵, produzida pela Globo Play e lançada em 29 de abril de 2021, é um exemplo dessa exploração. Na produção, a artista narra sua trajetória de vida e no programa, suas escolhas e os movimentos de retomada de seus trabalhos, após a rejeição que recebeu. A produção bateu recorde histórico, até aquele momento, em relação à quantidade de horas assistidas em apenas um dia na plataforma, com 716 mil horas assistidas no dia do lançamento³⁶.

No momento desta pesquisa, a artista reúne 1,7 milhão de seguidores no Instagram. Suas publicações variam entre eventos, produções artísticas – que voltou

³⁴

<https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/saiba-quantos-seguidores-karol-conka-tinha-antes-do-bb-21.html>

³⁵

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/11/a-vida-depois-do-tombo-serie-documental-sobre-karol-conka-estreia-no-globoplay-em-abril.ghtml>

³⁶

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/serie-de-karol-conka-e-vista-durante-716-mil-horas-e-bate-recorde-no-globoplay-56569>

a desenvolver – e rotina. Eventualmente, também tem aparições em programas televisivos, incluindo os relacionados ao próprio BBB.

Outra mulher integrante do grupo Camarote da edição de 2021 é Camilla de Lucas³⁷. Segunda colocada da edição, ela chegou ao programa após se tornar conhecida por produzir para as redes sociais, especialmente no período da pandemia, vídeos de humor relacionados à sua rotina. De Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, a influenciadora de pele retinta já vivia, à época, com o companheiro, que passou a ser personagem de suas produções feitas de sua casa, mesmo.

FIGURA 20 – APRESENTAÇÃO CAMILLA DE LUCAS



Camilla de Lucas, BBB21 — Fonte: Globo.

Durante sua participação no programa, Camilla assumiu uma postura de conciliadora em muitos casos. Mas, em outras ocasiões, assumiu postura de enfrentamento. É o que fez, por exemplo, frente a Carol Conká, outra mulher negra, ao se posicionar contra a jogadora. Camilla também foi considerada personagem importante em alguns momentos de discussão sobre a pauta do antirracismo, como quando ajudou João Luiz a se posicionar contra Rodolfo – que, como vimos, comparou o cabelo do homem das cavernas com o do professor. Na ocasião, assim como em algumas outras, Camilla demonstrou domínio sobre letramento racial e reforçou, diante de pedidos de informação, que, apesar de poder falar sobre, ela e

³⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/camilla-de-lucas-e-participante-do-bbb21-conheca.ghtml>

os demais participantes negros não estavam ali para dar aula, cobrando, inclusive, uma postura mais ativa dos participantes brancos em relação aos temas relacionados à negritude.

Durante uma de suas discussões mais marcantes, em defesa de João, seu aliado, Camilla rebateu Rodolfo: *“Deixa eu te falar, existe uma diferença entre cabelo cacheado, crespo, liso e ondulado. O que a gente mais luta hoje, é pela aceitação do nosso cabelo e essas comparações. Pode não ter sido sua intenção, mas isso magoa e pra gente que ouve é cansativo”* (BBB 21).

QR CODE 4



Vídeo mostra Camilla de Lucas conversando com Rodolfo

Ao entrar no BBB, Camilla de Lucas tinha 2,9 milhões de seguidores no Instagram. Ao deixar o programa, acumulava 9,7 milhões. No momento desta pesquisa, a influenciadora tem 9,3 milhões de pessoas a seguindo na rede. Suas publicações combinam conteúdos relacionados a evento, moda e rotina.

A cantora Pocah também integrou o elenco da edição de 2021, fazendo parte do grupo Camarote³⁸. Ela chegou ao programa aos 26 anos, 10 anos após começar na carreira artística. Do Rio de Janeiro, ela é dona de hits como “Não sou obrigada” e “Carnaval chegando”, sendo que, além de ter se destacado individualmente no meio artístico, também participou de diversas produções em conjunto com artistas de diferentes estilos musicais. Em suas produções, explora temas que são considerados tabus, como feminismo e bissexualidade. Quando entrou na Casa,

³⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/pocah-e-participante-do-bbb21-conheca.gh tml>

Pocah – antes MC Pokahontas – namorava o produtor de eventos Ronan Souza, em uma mansão na Barra da Tijuca e com uma vida considerada estabilizada.

FIGURA 21: APRESENTAÇÃO - POCAH



Fonte: Globo.

Ao longo do programa, Pocah pouco se envolveu em polêmicas. Sua personalidade amistosa e, muitas vezes, reservada a levou ao quinto lugar da edição, saindo no 21º paredão, com 73,16% dos votos, quando disputava com uma integrante do Camarote e um membro do Pipoca. Apesar de pouco se envolver em embates, incluindo os relacionados à pauta antirracista, há um episódio, ao longo do programa, que ficou marcado. Na ocasião, diante de conversas acerca do cabelo afro, a artista falou sobre o quanto considera difícil a vida de uma mulher negra, com as imposições em relação à estética. Ela contou sobre o conflito da sua filha de 5 anos com o cabelo crespo.

Saindo em defesa de João Luiz, na comparação de seu cabelo com o do homem das cavernas, ela contou sobre um episódio com sua filha ao cantor autor da 'brincadeira': *"O cabelo dela é crespo. Com 3 aninhos, estava dando banho nela, penteando o cabelinho dela e ela começou a falar que o cabelo dela era feio"* (BBB21). Nessa situação, a cantora e compositora se posicionou, reconhecendo-se como negra e expressando reconhecer a dificuldade maior de pessoas com cabelos ondulados e crespos em relação aos seus, que são lisos.

QR CODE 5



Vídeo mostra Pocah falando sobre cabelo da filha – Fonte: Globoplay

Considerando sua presença nas redes sociais, Pocah tinha 11,4 milhões de seguidores no Instagram quando entrou no programa, saindo com 13,8 milhões³⁹. No momento desta pesquisa, a artista reúne 14,6 milhões de pessoas que a acompanham na mesma plataforma. Suas postagens combinam, principalmente, conteúdos relacionados à sua atuação profissional artística, além de eventos e publicidades em geral.

Também com 26 anos ao entrar no programa, Nego Di foi outro participante do grupo Camarote. Humorista, ele ficou conhecido por produzir histórias cômicas em áudio, misturando situações da sua vida real com improvisos. Gaúcho, de Porto Alegre, após começar a produzir áudios de humor, passou a apresentar *stand up*, uma forma de apresentação individual em que há a narrativa de acontecimentos cômicos. Contando sobre ter tido uma infância difícil, por questões financeiras, ele chegou ao programa com o objetivo de melhorar a vida do filho, que na época tinha 5 anos.

Ele também afirmou que tinha como foco o investimento em projetos sociais para a transformação da vida de crianças negras em situação de vulnerabilidade social. Também contou que durante a sua vida sofreu preconceito e *bullying*, sendo que desses episódios criou histórias para serem contadas em suas apresentações. Dessa forma, ingressou no confinamento reconhecendo-se como negro, afirmando, inclusive, que em muitos espaços em que esteve era o único negro presente.

³⁹ <https://www.estadao.com.br/emails/tv/confira-quem-ganhou-mais-seguidores-durante-o-bbb-21/>

FIGURA 22: APRESENTAÇÃO – NEGO DI



Fonte: Globo.

A passagem do artista pelo confinamento foi uma das mais polêmicas da história do programa. Sua rejeição, na votação de eliminação, foi de 98,76%, sendo a segunda maior, só não superando a de Karol Conká, de quem foi aliado – uma das razões pela sua rejeição fora da Casa. Além da aliança com Karol, episódios polêmicos fizeram com que o público se voltasse contra o humorista. Entre outros episódios, ele se voltou contra Lucas Penteado, outro participante negro do grupo Camarote, acusando-o de defender bandidos, em um contexto de discussão política. Ele também foi um dos responsáveis por mobilizar o elenco contra Penteado, uma das situações que levaram o artista a desistir do programa; questionou a negritude de Gil, acendendo o debate sobre o colorismo – afirmou, por exemplo, que, em vez de negro, o participante era apenas ‘sujinho’ e que bastava ‘*esfregar bem*’; e disse que se masturbaria se estivesse deitado ao lado de Karla Dias, outra participante do *reality*⁴⁰.

⁴⁰ <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/16/nego-di-terceiro-eliminador-do-bbb-21.htm>

QR CODE 5

Vídeo mostra Nego Di questionando negritude de Gil – Fonte: Globoplay

Nego Di também chegou a ser denunciado judicialmente por intolerância religiosa. Isso porque, em um episódio, ao lado de seus aliados, no qual era lembrada uma conversa entre duas outras pessoas negras, ele usou a expressão ‘xangozei’, fazendo um trocadilho que foi considerado desrespeitoso para com a entidade Xangó, dentro de religiões de matriz africana. Essas e outras situações contribuíram para a rejeição que o artista recebeu dentro e fora do programa.

QR CODE 7

Vídeo mostra Nego Di fazendo piada – Fonte: X.

No momento em que ingressou no confinamento, ele tinha 1 milhão de seguidores no Instagram, saindo com 1,2 milhão⁴¹. No momento desta pesquisa, o humorista e influenciador conta com 8,2 milhões⁴². Suas publicações combinam

⁴¹ <https://www.estadao.com.br/emails/tv/confira-quem-ganhou-mais-seguidores-durante-o-bbb-21/>

⁴² <https://www.instagram.com/negodioficial/>

conteúdos sobre eventos, cotidiano, estilo de vida, moda e música, já que tem investido também como cantor.

Lucas Penteado, também integrante do grupo Camarote, teve passagem de destaque na edição – apesar de curta⁴³. Aos 24 anos, o artista – cantor, compositor, ator, MC, entre outras posições – entrou na competição com um discurso forte sobre a valorização da negritude e sobre o combate ao racismo. De origem humilde, ele expôs, desde o momento da confirmação, as dificuldades pelas quais passou, apontando que um dos objetivos era conquistar o prêmio para comprar uma casa para a sua mãe.

Intérprete do personagem Fio, de Malhação – temporada ‘Viva a diferença’, que recebeu um prêmio Emmy Internacional Kids –, Lucas também teve sua vida explorada midiaticamente por conta de sua atuação no contexto das ocupações estudantis de 2015, momento em que era presidente de um grêmio estudantil.

FIGURA 23: APRESENTAÇÃO – LUCAS PENTEADO



Fonte: Globo.

A polêmica passagem de Lucas pelo programa – de apenas 13 dias – terminou com a sua desistência⁴⁴. A decisão do jogador ocorreu após uma série de

⁴³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/lucas-penteado-e-participante-do-bbb21-conheca.ghtml>

⁴⁴

<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21/2021/02/bbb-21-lucas-penteado-deixa-o-programa-apos-perseguido-de-variados-jogadores.shtml>

embates intensos com outros participantes do reality. A sua rejeição não seguiu a lógica de fora da Casa, como o que ocorreu com outras personalidades, mas internamente, dentro do confinamento. Desde o momento em que chegou à Casa, o artista provocou inimizades e atitudes que foram indicadas, em alguns momentos, como perseguição. Vários motivos contribuíram para isso, como a sua tentativa de se aproximar de todas as pessoas e a sua busca pela formação de casais – situação em que foi indicado, na brincadeira, que seria o par de Kerline, a primeira eliminada no programa; na situação, o participante disse ter se sentido mal, porque a brincadeira o fez lembrar de situações de racismo que sofreu fora da Casa, incluindo o fato de não ser olhado e nunca ter ficado com mulheres brancas.

Sendo assim, grande parte dos jogadores – negros e brancos – passaram a submeter o participante a situações que foram descritas por ele como constrangedoras. Karol Conká, por exemplo, chegou a impedi-lo de comer à mesa enquanto ela estivesse se alimentando, ao mesmo tempo em que corriam conversas entre diferentes grupos afirmando que a companhia de Lucas não era bem-vinda.

Mas o que foi considerado o estopim para a sua saída, segundo o próprio participante, foi em relação ao que ocorreu durante a sua última festa na Casa. Na ocasião, ele trocou beijos com Gil do Vigor – assumidamente gay – e se assumiu bissexual. Outros jogadores passaram a questionar a legitimidade da orientação sexual indicada, sugerindo, por exemplo, que ele estava apenas usando de outro participante para se promover.

Antes de formalizar a sua saída junto à produção do programa, Lucas fez alguns desabaços, como na conversa que teve com Gil: *"Vou beber a última festa e vou ser eu, pedi essa licença para fazer isso [...] E até com essa licença, nego está decidindo que eu estou jogando"* (BBB 21). Isolado dentro do programa, ele disse acreditar que os telespectadores também não estariam entendendo o seu jeito de ser e, por isso, precisava sair.

QR CODE 8



Vídeo mostra Lucas desabafando com João – Fonte: Globoplay

Lucas entrou no BBB com 178,3 mil seguidores no Instagram. Quando saiu, porém, tinha cerca de 7 milhões, registrando um dos maiores crescimentos nas redes sociais entre todos os participantes. Ainda assim, por não saber como estava fora da Casa a repercussão dos acontecimentos em que esteve envolvido, não continuou na disputa. Nos meses após a sua saída, ele continuou tendo o número de seguidores aumentado substancialmente, chegando a registrar a marca de 10 milhões⁴⁵.

No momento desta pesquisa, o artista conta com 6,2 milhões de seguidores no Instagram⁴⁶. Tem se destacado como ator, tendo vencido, por exemplo, o prêmio de melhor ator de cinema pela Associação Paulista de Críticos de Cinema (APCA) por sua atuação no filme “Nosso Sonho”, que narra a história de Claudinho (seu personagem) e Buchecha⁴⁷. Suas postagens nas redes combinam conteúdos relacionados à sua carreira artística, cotidiano e, de maneira bastante enfática, tem falado sobre situações que envolvem o racismo, principalmente nas demais edições do BBB.

⁴⁵

https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/02/4905313-bbb21-apos-sair-do-reality-lucas-penteado-tem-mais-seguidores-que-karol-conka-e-projeta-juntos.html#google_vignette

⁴⁶ <https://www.instagram.com/lucaskokapenteado/>

⁴⁷

<https://gcm.com.br/entretenimento/2024/01/30/lucas-penteado-e-juan-paiva-vencem-premio-por-filme-so-bre-claudinho-e-buchecha/#:~:text=Juan%20Paiva%20e%20Lucas%20Penteado,do%20funk%2C%20Claudinho%20e%20Buchecha.>

Por fim, o último participante negro da temporada de 2021 foi Projota⁴⁸. Quando entrou no programa, o cantor e rapper paulista chegou a afirmar que estava em uma das melhores fases da sua vida. Grande nome do rap nacional, ele já se apresentou em palcos grandes, como o do Rock in Rio e das Olimpíadas de 2016, somando, já naquele momento, mais de 2 bilhões de visualizações de suas músicas nas redes sociais. Ele contou que teve uma infância difícil, por questões financeiras, assim como outros participantes.

Tendo perdido a mãe na infância e com o pai enfrentando desemprego, precisou ser persistente para conseguir um lugar na cena musical. Casado e pai de uma menina de apenas um ano, Projota chegou ao *reality* aos 34 anos, com a promessa, entre outras, de mostrar o que tem a dizer artisticamente para mais pessoas. Ele é dono de hits bastante conhecidos nacionalmente, como “Muleque da Vila” e “Ela só quer paz”.

FIGURA 24: APRESENTAÇÃO – PROJOTA



Fonte: Globo.

A participação de Projota no BBB também foi marcada por diversas polêmicas. Aliado de Karol Conká e Nego Di, ele deixou o programa no sexto paredão, com 91,89% dos votos, numa disputa com duas mulheres, uma do Pipoca

⁴⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/projota-e-participante-do-bbb21-conheca.g.html>

e outra do Camarote. Sua rejeição também figura entre as maiores da história do programa.

Uma das razões para a alta rejeição foi o seu posicionamento contra Lucas Penteado, outro participante negro. Como agravante relacionado a essa situação, estava o fato de Lucas ter se declarado, desde o início, como fã de Projota. Nos primeiros conflitos nos quais Penteado se envolveu, o rapper chegou a ter uma conversa com o participante, atitude que foi elogiada pelo público, em geral, e pelo apresentador do *reality*. Porém, na sequência, uma série de atitudes foi vista de forma bastante negativa. Entre elas, estavam as imitações, no sentido de deboche, que Projota fazia em relação a Lucas, de forma escondida e somente perante seus aliados. Esse embate, mais uma vez entre pessoas negras, contribuiu para a alta rejeição.

Quando chegou ao programa, o rapper tinha 2,4 milhões de seguidores no Instagram. Quando deixou o confinamento, somava 3,8 milhões. No momento desta pesquisa, o artista tem 3,6 milhões⁴⁹. Suas publicações combinam conteúdos relativos à sua carreira no universo da música, publicidade e cotidiano.

Edição de 2022

Na 22^a edição do programa, nove participantes, dentre 22, eram negros: Luciano, Jessilane, Natália, Vyni, Bruna Gonçalves, Paulo André, Maria, Douglas Silva e Linn da Quebrada, sendo que os quatro primeiros integravam o grupo Pipoca, e os cinco demais, o grupo Camarote.

Pipoca

Aos 28 anos, Luciano é mais um participante, negro, que chegou ao confinamento do BBB narrando dificuldades financeiras pelas quais passou desde a infância⁵⁰. Filho de uma trabalhadora da roça, ele disse ter encontrado dificuldades quando começou a se interessar pelo universo artístico. Ele é ator e bailarino e o primeiro contato com o palco ocorreu a partir do seu interesse pelo balé, que, além de não ser acessível, em geral, não era um espaço totalmente aberto para os homens. Por conta dessa situação, disse ter enfrentado muitos embates, inclusive na escola, mas que em nenhum momento deixou de fazer o que gostava.

⁴⁹ <https://www.instagram.com/projota/>

⁵⁰ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/luciano-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

Suas motivações para entrar no programa estavam ligadas à sua vontade de se aprofundar no universo artístico e, além disso, ser muito famoso, ambição que não escondeu desde os seus primeiros momentos de aparição. Ele é de Florianópolis, Santa Catarina, e entende que por diversas ocasiões passou por situações de racismo, inclusive em relação a oportunidades profissionais. Bissexual assumido, ele também já usava suas redes sociais para falar de temas considerados tabus, incluindo os relativos à comunidade LGBTQIAP+. Nesse espaço, ele também compartilhava sua rotina de treino e alimentação, já que ganhou 22 kg a partir de uma rotina focada nesse objetivo.

FIGURA 25: APRESENTAÇÃO – LUCIANO



Fonte: Globo.

Apesar de sua vontade de ir longe no programa e permanecer na mídia, Luciano teve uma passagem bastante rápida pelo BBB. Ele saiu já no primeiro paredão da edição, sendo que o principal motivo apontado foi o fato de não esconder que gostaria de ocupar aquele espaço por conta da fama⁵¹, situação que foi indicada como arrogância por parte do público. Ele foi eliminado com 49,31% dos

51

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/atitude/bbb-22-rejeicao-luciano-por-querer-fama-escancara-racismo-do-publico-74120>

votos em uma disputa com duas mulheres, uma do Pipoca – também negra – e outra do Camarote⁵².

Quando entrou no programa, Luciano tinha 14,5 mil seguidores no Instagram. Quando deixou o confinamento, estava com cerca de 650 mil. No momento desta pesquisa, o influenciador digital tem 969 mil. Suas postagens nas redes combinam conteúdos relacionados a moda, eventos, cotidiano e universo artístico. Ele também tem se dedicado a comentar sobre o BBB, especialmente em relação a outros participantes negros. Luciano continua investindo em sua carreira artística como ator e dançarino e, recentemente, lançou uma conta em um site de conteúdo adulto.⁵³

Jessilane é outra participante da edição que integrou o grupo Pipoca⁵⁴. A professora de biologia de Valparaíso de Goiás, Goiás, chegou ao programa com 26 anos. Ela é especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e chegou ao confinamento com o discurso sobre a necessidade da inclusão. Como destaque de sua trajetória de vida, Jessi, como ficou mais conhecida, contou também sobre as dificuldades financeiras pelas quais já passou. De família humilde, disse que, em alguns momentos, teve pouca coisa até mesmo para comer. Sendo assim, o BBB era uma das possibilidades de mudança de vida.

Apesar disso, ela começou a trabalhar desde muito cedo. Aos 12 anos, já ajudava no salão de beleza da mãe. Aos 14, foi atuar como jovem aprendiz em uma loja de departamentos e, depois, passou por diversas ocupações. Jessilane cursou graduação e mestrado na área em universidade pública, sendo que, naquele momento de ingresso no programa, atuava dando aula para adolescentes com idades entre 14 e 17 anos.

⁵²

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb22-luciano-e-o-primeiro-eliminado-do-programa/#:~:text=O%20dan%C3%A7arino%20Luciano%20foi%20eliminado,que%20teve%2034%2C89%25.>

⁵³ <https://www.instagram.com/lucianoestevan/>

⁵⁴ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/jessilane-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

FIGURA 26: APRESENTAÇÃO – JESSI



Fonte: Globo.

Jessilane teve uma participação bastante tranquila, na comparação com outras pessoas negras. Não se envolveu em muitos embates e polêmicas, o que, no começo, a fez ser chamada pelos demais participantes de ‘planta’ – termo usado para quem permanece neutro ao longo do programa. Contudo, no decorrer da edição, ela conseguiu fortalecer laços de amizade, criar estratégias e se manter no jogo. Tudo isso a fez ser a última mulher a deixar o confinamento. Ela foi eliminada no 14º paredão, em uma disputa com um homem do Pipoca e dois outros do Camarote –sendo um negro –, ficando em sétimo lugar no jogo.

Apesar de não se envolver diretamente em embates, Jessilane teve, durante o programa, uma forte aliada, Natália – uma outra mulher negra integrante do grupo Pipoca, que protagonizou momentos tensos dentro da Casa e esteve envolvida em uma situação que levou à expulsão de uma outra participantes, também negra.

Quando chegou ao confinamento, Jessi tinha pouco mais de 9 mil seguidores no Instagram. Quando deixou o programa, somava 1,2 milhão. No momento desta pesquisa, a professora tem 1,5 milhão. Suas publicações combinam conteúdos relacionados a eventos, publicidade, cotidiano e, além disso, postagens sobre a sua área de formação, com curiosidades e explicações sobre a biologia, por meio do quadro chamado “Jessiologia”.⁵⁵

⁵⁵ <https://www.instagram.com/jessilane/>

Natália é outra mulher negra integrante do grupo Pipoca na edição de 2022⁵⁶. A designer de unhas – que já havia feito alguns trabalhos como modelo e sonhava com essa carreira – chegou ao programa com 22 anos. Ela também chegou ao programa sem esconder sua origem humilde, sendo que nasceu quando sua mãe tinha apenas 15 anos e, por algum tempo, precisou ser criada pelos avós. Além disso, a história de Natália também está relacionada a uma doença que descobriu ter aos 9 anos, quando voltou a morar com a mãe, juntamente com o padrasto: o vitiligo, caracterizado como a perda de coloração da pele, o que é ainda mais perceptível em pessoas de pele mais escura.

A descoberta do vitiligo, de acordo com Natália, trouxe a ela muitos traumas. Ela se submeteu durante três anos a diversos tratamentos que não surtiram efeito, Então, decidiu aceitar a sua condição e aponta o preconceito que sofre como fruto da desinformação que as pessoas têm sobre a doença. Ela é fã de Michel Jackson – que também tinha vitiligo – e passou a usar as ‘manchas’, como se refere, como sendo a sua marca.

Como ocorreu com outras participantes, Natália começou a trabalhar muito cedo, ainda na infância, para sobreviver. Ela contou que começou aos 8 anos a fazer bombons para vender. Depois, foi ajudar a mãe no salão de beleza (onde aprendeu a ser designer de unhas) e, aos 12 anos, passou a atuar como animadora de festa infantil. Com uma formação cristã evangélica, ela também se casou cedo, aos 15 anos – com o argumento de que não poderia ter relações sexuais sem se casar. A união durou dois anos, sendo que aos 18 ela se separou.

⁵⁶ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/natalia-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

FIGURA 27: APRESENTAÇÃO – NATÁLIA



Fonte: Globo.

Diferentemente de Jessi, sua aliada no jogo, Natália teve uma participação no BBB bastante conturbada. Ela se envolveu em diversas polêmicas, dentro e fora da Casa, desde o seu primeiro dia de confinamento. A primeira polêmica na qual esteve envolvida ocorreu logo no primeiro dia e estava relacionada à questão da negritude e da condição racial. Em conversa com os *brothers* – nome atribuído aos participantes do *reality* –, ela apresentou uma possível justificativa para a escravização das pessoas negras: *“Realmente tem a história que a gente veio e viemos como escravos, sim. Por quê? Porque a gente era eficiente. Por quê? Porque a gente era forte. Por que é que a gente veio como escravo? Porque a gente era bom no que a gente fazia. Por isso, porque talvez se colocasse uma pessoa lá pra fazer aquilo, talvez não conseguiria.”*⁵⁷ (BBB 22).

A situação repercutiu negativamente fora da Casa, levando pesquisadores do tema a se posicionar sobre a necessidade de não se naturalizar a escravidão, especialmente em um momento de negações sobre o impacto gerado por todo o processo na formação da sociedade brasileira.

Durante o programa, também, Natália se relacionou com um homem branco e algumas atitudes incomodaram o público. Havia constantes apontamentos, por exemplo, de que o relacionamento era forçado por parte da participante negra, já

57

<https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2022/01/18/bbb22-fala-de-natalia-gera-debate-nas-redes-e-historiador-diz-que-escravidao-nao-pode-ser-suavizada.ghtml>

que o homem branco não estaria empolgado com a relação. Por causa do relacionamento e do ciúme, Natália chegou, em alguns momentos, a iniciar brigas e discussões, como durante uma festa em que Eliezer – com quem estava tendo um relacionamento – se aproximou de Larissa, uma outra participante branca. Em todos esses episódios, Natália era frequentemente indicada como sendo alterada, desequilibrada e incontrolada⁵⁸.

QR CODE 9



Vídeo mostra uma das crises de Natália – Fonte: Globoplay.

Essa postura de embate fez com que a participante criasse inimizades, tanto com pessoas brancas quanto com negras, que passaram a se unir para que ela fosse eliminada. O episódio mais dramático envolvendo Natália está relacionado a uma outra mulher negra, Maria, integrante do grupo Camarote. Durante a dinâmica do “Jogo da Discórdia”, Natália apontou seu descontentamento com Maria, pelos apontamentos da artista sobre não poder ser aliada dela por questões de força no jogo. Na ocasião, os demais participantes precisavam votar se concordavam com os argumentos de Natália e a maioria decidiu que não. Sendo assim, Natália deveria receber um balde de ‘água suja’ jogado pela outra jogadora.

Nesse momento, Maria se dirigiu até Natália, com o balde, e, além de derrubar toda a água que estava dentro do recipiente, acertou o objeto na cabeça de Natália. Natália logo rebateu: *“Olha aqui: só não pode bater o balde na cabeça, né?”* (BBB 22). Maria pediu desculpas logo na sequência. Porém, horas mais tarde, após

58

https://www.purepeople.com.br/noticia/bbb-22-festa-do-lider-tem-sexo-casamento-choro-e-dedo-quebrado_a341196/1

análise da produção do programa, Maria acabou sendo eliminada por descumprir as regras de convivência.

Ao entrar no programa, Natália, que é de Belo Horizonte, Minas Gerais, tinha 21,8 mil seguidores no Instagram. Ao sair do programa, contava com 2,9 milhões. No momento desta pesquisa, ela tem 3,2 milhões. Suas publicações combinam conteúdos sobre a participação em programas de TV, moda, cotidiano e publicidade. Ela também usa as suas redes para falar sobre o vitiligo, apontando que ainda existe muito preconceito em relação à doença⁵⁹.

O outro participante do grupo Pipoca dessa edição é Vyni⁶⁰. De Crato, no Ceará, ele chegou ao confinamento com 23 anos. Criado pela avó, a quem chama de 'mainha', ele também expôs que tinha uma vida muito humilde e simples. Inclusive foi pela coragem de mostrar essa realidade que ele passou a crescer nas redes sociais, denominando-se 'influencer de baixa renda'.

Mas sem ter como, naquele momento, sobreviver da internet, Vyni, que é bacharel em Direito, estava empenhado em passar em um concurso público, quando decidiu tentar a sorte no BBB. Gay assumido, ele afirma reconhecer que o seu jeito afeminado o levou a passar por muitas situações de preconceito, inclusive relacionadas a violência física e verbal. Assim como outros jogadores, Vyni entrou na Casa com o objetivo de conquistar dinheiro e mudar a vida da família. Além disso, por estar ligado ao universo midiático, também buscava investir em sua carreira.

⁵⁹ <https://www.instagram.com/natalia.deodato/?hl=pt>

⁶⁰ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/vinicius-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

FIGURA 28: APRESENTAÇÃO – VYNI



Fonte: Globo.

O participante teve, também, uma passagem tranquila pela Casa. Porém, ao longo do programa recebeu muitas críticas do público e dos comentaristas do programa. Entre as razões para isso, estavam os apontamentos de falta de posicionamentos em momentos importantes. Em relação a isso, o próprio jogador disse concordar, ao sair do programa, afirmando que, em muitos momentos, esquecia de si para jogar pelos outros⁶¹.

Outra situação que gerou descontentamento e críticas, por parte do público, foi a sua aproximação e lealdade em relação a Eliezer, também participante do grupo Pipoca, homem branco cis hétero (quem, inclusive, se relacionou com Natália). Vyni, em alguns momentos, demonstrou interesse amoroso por 'Eli', mesmo sabendo de sua orientação sexual, condição que o fez levar o apelido de 'chaveirinho de hétero'⁶². Muito desse posicionamento, conforme o próprio participante apontou, estava relacionado com a sua falta de um companheiro. Ele chegou a falar, quando de sua entrada no programa, que o seu estado civil era mais do que solteiro, que ele estava esquecido e rejeitado. Vyni deixou o programa no

⁶¹

<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2022/03/20/vyni-nao-terceiriza-culpa-e-lamenta-sobre-bbb-22-esquecia-de-mim-178711.php#:~:text=Ex%2DBBB%20relembrou%20sua%20passagem%20pelo%20reality%20da%20Globo&text=Em%20conversa%20com%20Luciano%20Huck,se%20colocou%20em%20segundo%20lugar.>

⁶²

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/vyni-nao-deveria-aceitar-o-papel-de-chaveirinho-de-hetero,258f8998fc4bb2ac0c5f7df9bf214666cuywo002.html>

oitavo Paredão, com 55,87% dos votos, num embate com dois homens brancos, um do Pipoca e outro do Camarote.

Ao entrar no confinamento, Vyni tinha o maior número de seguidores entre os integrantes do grupo Pipoca: 58,9 mil – muito em razão de alguns vídeos seus, mostrando a realidade simples e de baixa renda, terem viralizado. Ao sair da competição, ele tinha 4,8 milhões de seguidores. No momento desta pesquisa, o influenciador tem 4,1 milhões, sendo que suas postagens nas redes combinam conteúdos relacionados à sua carreira artística, dança, eventos, programas de TV e cotidiano. Recentemente, ele se envolveu em uma polêmica, ao se submeter a um procedimento estético e o resultado não agradar parte do público⁶³.

Camarote

Brunna Gonçalves, esposa da cantora Ludmilla, foi uma das participantes negras do grupo Camarote na edição de 2022⁶⁴. De Nilópolis, Rio de Janeiro, a bailarina e influencer digital disse que uma das motivações para participar do programa era poder mostrar algo para além do rótulo de ser esposa de uma das cantoras mais bem sucedidas no Brasil. Além disso, falou que o prêmio em disputa serviria para que ela ajudasse toda a sua família, já que ainda não tinha condições para isso e tem origem humilde.

Brunna começou a dançar aos 15 anos, escondida do pai, que não queria que a filha seguisse essa carreira. Quando tinha 20 anos, passou em uma audição, foi morar nos Estados Unidos – sem falar inglês e nunca ter viajado de avião – e morou durante meses em um trem. Tempos mais tarde, passou a integrar, aqui no Brasil, a equipe de dançarinas da cantora Ludmilla, momento em que se conheceram, se aproximaram, e estão juntas desde então.

Brunna chegou à Casa ciente de sua condição enquanto mulher preta. Desde a confirmação, falou sobre como sofreu com imposições estéticas relacionadas ao seu corpo e ao seu cabelo, tentando se ajustar aos padrões estabelecidos. No patamar artístico em que estava, afirmou pretender inspirar cada vez mais mulheres

⁶³

<https://www.terra.com.br/diversao/gente/vyni-faz-desabafo-apos-internautas-criticarem-sua-aparencia-nas-re-des-sociais,dc5ff1453b5884414260a5a7ee6efbce8epqkx7y.html#:~:text=O%20influenciador%20virou%20um%20dos,comprida%E2%80%9D%2C%20escreveu%20um%20internauta.>

⁶⁴

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/brunna-goncalves-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

a aceitarem o seu perfil e expôs o desejo de ser uma empresária do ramo de beleza, para ajudar nessa missão.

FIGURA 29: APRESENTAÇÃO – BRUNNA



Fonte: Globo.

Durante sua passagem pelo confinamento, Brunna acabou recebendo de críticos e fãs do programa o apelido de planta, pela falta de posicionamentos. Eliminada já no quinto Paredão – quando recebeu 76,18% dos votos, em uma disputa com dois homens brancos, sendo um do Camarote e outro do Pipoca⁶⁵–, ela reconheceu que em muitos momentos poderia ter jogado mais, mas justificou o seu posicionamento com o medo de que alguma conduta acabasse por repercutir negativamente fora do *reality* e prejudicar a carreira de sua esposa – também negra⁶⁶.

Apesar de sua participação não considerada tão incisiva, Brunna protagonizou alguns momentos de parceria entre mulheres negras que repercutiram bastante fora da casa e contribuíram para a discussão sobre algumas pautas. Um desses momentos foi quando, depois de diversos dias de confinamento, ela decidiu abrir

⁶⁵

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/tempo-real/noticia/quem-saiu-do-bbb-22-brunna-goncalves-e-a-quinta-eliminada.ghtml#:~:text=Brunna%20Gon%C3%A7alves%20sai%20da%20casa,recebe%20o%20carinho%20dos%20confinados.>

⁶⁶

<https://gshow.globo.com/programas/domingao-com-huck/noticia/brunna-faz-desabafo-sobre-participacao-no-bbb-22-e-reencontra-ludmilla-no-palco-do-domingao.ghtml>

mão das perucas que usava e soltar o seu cabelo natural, expondo o volume. Ela foi ajudada por Linn da Quebrada, mulher negra trans⁶⁷.

Quando entrou no programa, Brunna já tinha 3,5 milhões de seguidores no Instagram. Quando deixou o confinamento, essa marca já tinha passado de 5 milhões⁶⁸. No momento desta pesquisa, a artista tem 6,2 milhões de pessoas acompanhando da rede social⁶⁹, sendo que suas postagens combinam conteúdos relacionados à sua carreira, eventos culturais, participação em programas de TV, moda, publicidade e cotidiano.

Outro participante do grupo Camarote na edição foi Paulo André – mais conhecido como P.A. De Santo André, São Paulo, aos 23 anos, ele já era conhecido do público por ser atleta, com habilidade maior na prova de 100 metros rasos. Quando aceitou participar da competição, fazia menos de um ano que havia participado das Olimpíadas. Ele já contava com oito medalhas de ouro, em diversas provas, sendo uma delas no Japão, no Campeonato Mundial de 4x100, em 2019.

Apesar dessas conquistas, expôs, desde o começo, que não é fácil a vida financeira de um atleta profissional e, por isso, via no BBB a oportunidade de conquistar prêmios e dinheiro para melhorar a vida da família – incluindo seu filho, então com apenas quatro meses.

⁶⁷

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/02/21/brunna-exibe-cabelo-natural-pela-primeira-vez-no-bbb-ve-ja-antes-e-depois.htm#:~:text=Brunna%20Gon%C3%A7alves%20tirou%20a%20lace%20que%20costuma%20usar%20no%20%22BBB,soltou%20as%20tran%C3%A7as%20de%20Brunna>.

⁶⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/descubra-quantos-seguidores-os-ex-participantes-do-bbb-22-ganharam-neste-ano.ghtml#:~:text=Brunna%20Gon%C3%A7alves%20F0%9F%92%9F&text=Antes%20de%20participar%20do%20programa,tem%20planos%20para%20ser%20atriz>.

⁶⁹

[https://www.instagram.com/brunnagoncalves/?hl=pt-br#:~:text=Brunna%20Gon%C3%A7alves%20\(%40brunnagoncalves\)%20%E2%80%A2%20Instagram%20photos%20and%20videos](https://www.instagram.com/brunnagoncalves/?hl=pt-br#:~:text=Brunna%20Gon%C3%A7alves%20(%40brunnagoncalves)%20%E2%80%A2%20Instagram%20photos%20and%20videos)

FIGURA 30: APRESENTAÇÃO – PAULO ANDRÉ



Fonte: Globo.

Desde que entrou no programa, P.A. era tratado pelo público como o ‘galã’ da edição⁷⁰ e esse rótulo permaneceu até o final. Ao longo da edição, Paulo André se envolveu no programa com Jade Picon⁷¹, mulher branca, influenciadora digital, também membro do Camarote e uma das participantes com mais seguidores nas redes sociais. Durante o programa, ele se demonstrou uma pessoa amistosa, fez muitos amigos e aliados e não se envolveu em muitos embates. Essa postura, que agradou ao público em geral, o levou ao segundo lugar do jogo, ficando atrás apenas de Arthur Aguiar, também integrante do Camarote.

Um dos destaques em relação à participação de P.A. foi a discussão que a sua presença na mídia gerou em relação aos incentivos financeiros aos atletas brasileiros. Enquanto estava confinado, uma decisão do Governo cortou a bolsa que ele recebia enquanto atleta, pelo fato de ele ter parado de treinar⁷². Além da própria decisão, o que também gerou comoção e discussão nas redes foi o valor que o atleta recebia, na época: R\$ 1.850,00.

⁷⁰

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/bbb-22-paulo-andre#:~:text=Paulo%20Andr%C3%A9%20Camilo%20de%20Oliveira,recorde%20pessoal%20%C3%A9%20de%2010s02.>

⁷¹

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/a-internet-ta-vendo-no-bbb-22/noticia/jade-picon-e-paulo-andre-finalmente-se-beijam-no-bbb-22-e-levam-a-internet-a-loucura.ghtml>

⁷²

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2022/03/23/governo-suspende-bolsa-atleta-de-paulo-andre-por-para-r-de-treinar-para-participar-do-bbb.ghtml>

Paulo André, reconhecidamente negro, não protagonizou, durante o programa, discussões e situações relacionadas à negritude e ao racismo. Contudo, logo depois de sair do programa, a partir da visibilidade que recebeu, passou a receber muitos ataques racistas que o levaram, inclusive, a se posicionar nas redes, chorando⁷³.

Com 78 mil seguidores no Instagram ao entrar na competição, P. A. deixou a disputa com 9,6 milhões⁷⁴. No momento desta pesquisa, o atleta conta com 7,9 milhões⁷⁵. Suas postagens combinam conteúdos relativos ao atletismo, mas, também, suas demais investidas profissionais, como artista e modelo. Ele também investe em publicidade, sendo embaixador de marcas, e mostra seu cotidiano.

A participante Maria – já citada – é outra integrante do Camarote na edição⁷⁶ e acabou expulsa do confinamento após embate direto com Natália, outra mulher negra. Atriz e cantora, ela chegou ao programa com 21 anos, com um bom currículo no mundo artístico – apesar de relatar ter origem em uma comunidade do Rio de Janeiro e ter passado por dificuldades financeiras.

Maria começou a estudar teatro ainda na infância, aos 7 anos. Com 12, começou a cantar, sendo que, com 17 anos, foi convidada para participar do projeto Poesia Acústica 2. Na ocasião, ela gravou a canção “Sobre nós dois” e viralizou, sendo que o vídeo, no momento do início do programa, já contava com mais de 500 milhões de visualizações.

Foi assim que ficou conhecida do grande público. Mais ou menos nesse mesmo período, ela recebeu uma outra oportunidade: interpretar uma personagem extravagante em uma novela das 9 da TV Globo, desafio que cumpriu, começando já no horário nobre da emissora. Solteira, Maria – cujo nome verdadeiro é Vitória Nascimento Câmara – chegou ao BBB afirmando ser uma pessoa livre e consciente de que sua origem incomodava muitas pessoas.

⁷³

<https://www.terra.com.br/nos/ex-bbb-paulo-andre-cai-em-lagrimas-ao-revelar-ataques-racistas-nas-redes-sociais,ab2f7fe1c7ac3de3f4b18a4c371fdec012wuhl1p.html>

⁷⁴

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/05/bbb-22-paulo-andre-e-lucas-bissoli-tiveram-maior-crescimento-percentual-de-seguidores-veja-ranking.ghtml>

⁷⁵ <https://www.instagram.com/iampauloandre/>

⁷⁶ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/aria-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>

FIGURA 31: APRESENTAÇÃO – MARIA



Fonte: Globo.

No geral, Maria fez aliados enquanto esteve no programa, mas foi eliminada antes de a edição completar um mês no ar⁷⁷. Além do episódio que resultou em sua eliminação, ela teve uma passagem considerada controversa e polêmica, tendo afirmado em diversos momentos que precisava de ajuda para superar alguns problemas, como a ansiedade⁷⁸. Ela também contou perante as câmeras que já teve depressão, quase virou dependente do álcool e que passou por um relacionamento tóxico.

Bissexual assumida, Maria também chegou a ter um caso com Eliezer, participante branco. Aliás, uma das razões para os desentendimentos com Natália foi exatamente essa, já que as duas buscaram a atenção do participante. Além de protagonizar momentos considerados bastante quentes com Eliezer, logo no começo do programa, ela também beijou Linn da Quebrada durante uma festa. Contudo, o que ficou marcado em relação a sua trajetória foi a agressão a Natália.

⁷⁷

<https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2022/02/15/bbb22-maria-e-desclassificada-do-reality-show.gh.html>

⁷⁸

<https://natelinha.uol.com.br/bbb/2022/02/15/de-amor-no-edredom-a-agressao-as-polemicas-de-maria-no-bb-b-22-176896.php#:~:text=Maria%20admitiu%20que%20h%C3%A1%20dois,isso%20mexeu%20bastante%20com%20ela.>

QR CODE 10



Vídeo mostra agressão de Maria a Natália – Fonte: Youtube.

Após deixar o programa, com uma rejeição alta perante o público, Maria ficou bastante tempo sem aparecer nas redes sociais. Além disso, paralisou alguns projetos em sua vida, sendo que as consequências do que ocorreu impactaram muito na sua trajetória artística. Recentemente, dois anos após o acontecido, ao comentar sobre acusações de racismo em outra edição do programa, Maria postou um vídeo nas redes sociais, no qual denuncia a falta de apoio da produção e de perdão por parte do público, quando o erro se trata de uma mulher negra, e expõe problemas que vivenciou desde que deixou o confinamento⁷⁹.

Quando entrou no programa, Maria tinha 1,1 milhão de seguidores no Instagram. Quando deixou a edição, contava com 2,3 milhões⁸⁰. No momento desta pesquisa, a artista contabiliza 2,8 milhões de pessoas a acompanhando⁸¹. Suas publicações combinam conteúdos relativos à sua rotina e algumas produções artísticas como atriz e cantora. Ela também tem usado suas redes sociais para falar sobre temas como racismo estrutural, assédio e estupro, aborto, dentre outros.

A imagem de Douglas Silva – outro participante negro do grupo Camarote – está relacionada ao personagem ‘Dadinho’, do filme ‘Cidade de Deus’ (que, inclusive, foi lançado no mesmo ano que o BBB). Aos 33 anos, quando chegou ao programa, DG, como ficou conhecido, foi o primeiro ator brasileiro a ser indicado ao

79

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/bbb-maria-compara-sua-expulsao-com-tratamento-dado-a-wanessa-racismo-estrutural,e858d7d4e777345198d5c0d4c21de985d2b8nydn.html>

80

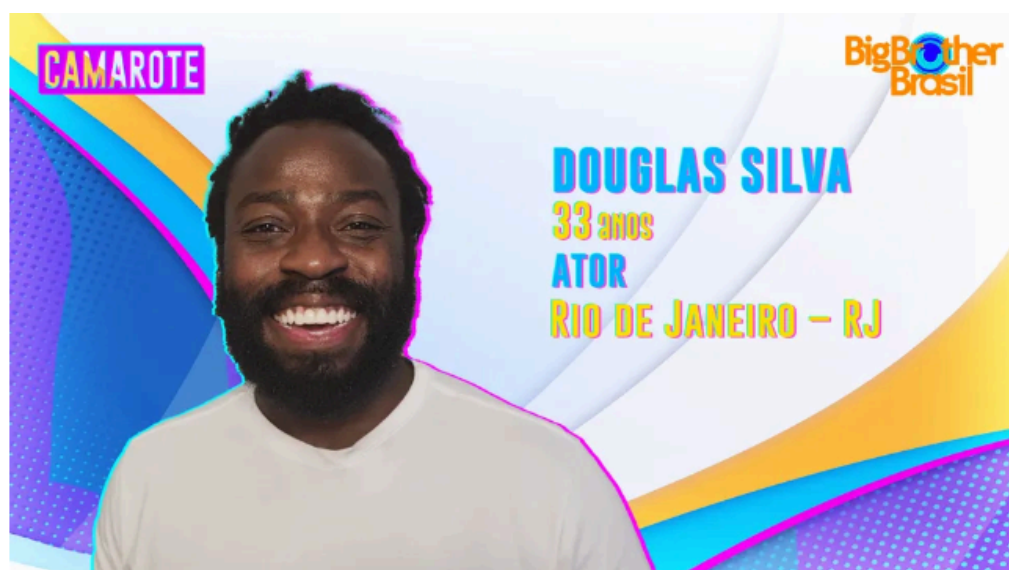
<https://sief.sistemas.ufsc.br/publico/brnews.jsp?14477951#:~:text=Maria%3A%20de%201%2C1%20milh%C3%A3o,milh%C3%A3o%20e%20200%20mil%20seguidores.>

⁸¹ <https://www.instagram.com/eumaria/?hl=pt-br>

Emmy Internacional, por conta de sua atuação como Acerola, na série ‘Cidade dos Homens’.

Ao entrar no confinamento, DG já era casado havia 13 anos, sendo pai de duas meninas, de 1 e 10 anos. Em relação às filhas, disse que procura ser bastante presente, porque ele foi criado pela mãe e pela avó, que lhe deram uma boa educação, mas que a ausência paterna lhe deixou lacunas na formação.

FIGURA 32: APRESENTAÇÃO – DOUGLAS



Fonte: Globo.

Com a sua representatividade na cena artística, havia uma grande expectativa pela participação de DG. Contudo, diversos pesquisadores e críticos do programa afirmam que a valorização do artista não ocorreu de maneira proporcional ao que ele representa fora do confinamento. Muitos, inclusive, fizeram comparações, afirmando que homens brancos na mesma condição que ele teriam se dado melhor, já que o negro é tratado de forma mais rígida⁸².

Durante a vigência do programa, houve falas de DG que foram motivo, perante o público, para tentativa de eliminação e rejeição generalizada. Uma dessas ocasiões foi quando, fazendo uma brincadeira, Douglas disse que outro participante, também do Camarote, havia quebrado suas fichas (para ouvir músicas liberadas para quem era líder). Nesse momento, ele usou a expressão ‘mão de bicho’, que foi

⁸²

<https://www.terra.com.br/nos/opiniao/luca-andrade/bbb-por-que-ainda-julgam-negros-de-forma-mais-rigida,86ba7d5c1ef3350bd9a79b0afe22d7ccgu00muxc.html>

entendida por uma parcela do público como ‘mão de bicha’. A sua equipe, fora do *reality*, precisou se posicionar e explicar o termo utilizado. Segundo os administradores de suas páginas, a expressão é comum no contexto de Douglas, e não tem o intuito de atacar a comunidade gay (pejorativamente chamada de bicha)⁸³.

Outro episódio, também relacionado à comunidade LGBTQIAP+, quase foi motivo de linchamento nas redes sociais. Numa conversa com outro participante do Camarote, Douglas usou a expressão ‘papo de viadinho’. Imediatamente, o ator reconheceu que o termo não é adequado, que isso impacta negativamente um grande público e pediu perdão. Ele voltou a se desculpar sobre o episódio em outros momentos, como no ‘Raio X’ – momento diário no qual os participantes fazem um balanço, perante as câmeras no confessionário, dos últimos acontecimentos na Casa⁸⁴.

Esses movimentos quase levaram o artista a sair da Casa logo nas primeiras semanas do programa, como no terceiro Paredão – no qual disputava com duas pessoas brancas, também do Camarote. As enquetes chegaram a apontar sua eliminação, mas o quadro foi revertido⁸⁵. Vale lembrar que mais ou menos nesse período, fora da Casa, Douglas estava recebendo ataques racistas na internet. Um deles foi feito por um blog anônimo (que também atacou outros participantes), de forma bastante direta relacionada à cor e raça. Na ocasião, uma denúncia foi feita pela equipe de DG e o Ministério Público conduziu uma investigação sobre o Caso⁸⁶.

Após a saída do confinamento, Douglas Silva passou a aparecer mais em programas televisivos. Participou de programas importantes da grade da Rede Globo, como o ‘Dança dos Famosos’ e impulsionou suas redes sociais. Apesar disso, em alguns momentos, o ator chegou a falar sobre os ataques racistas que ainda recebe.

⁸³

<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/bbb/2022/03/14955719-bbb-22-equipe-de-douglas-silva-se-pronuncia-apos-acusacao-de-homofobia-veja-video-e-entenda.html>

⁸⁴

<https://revistaanamaria.com.br/noticias/bbb/no-bbb-22-douglas-silva-pede-perdao-apos-fala-homofobica-desculpa-os-terminos.phtml>

⁸⁵

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/entretenimento/zoeira/douglas-silva-e-favorito-a-sair-do-bbb-22-mostra-parcial-de-enquete-do-diario-do-nordeste-1.3189860>

⁸⁶

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-22-douglas-silva-sofre-ataques-racistas-e-equipe-adota-medidas-judiciais/>

Ao entrar no programa, DG tinha 356,8 mil seguidores no Instagram. Ele deixou o confinamento com 3,1 milhões⁸⁷. No momento desta pesquisa, seu perfil contabiliza 3,3 milhões de pessoas o seguindo. Suas publicações combinam participações em programas televisivos, promoção de produções artísticas, publicidade e sua rotina, na qual mostra suas filhas, em especial Maria Flor, que virou influenciadora digital e sempre aparece dançando ao lado do pai⁸⁸.

Linn da Quebrada é a participante que fecha o quadro de pessoas negras da edição de 2022⁸⁹. Além de fazer aumentar o número de pessoas negras participantes do programa, a cantora, compositora e atriz também levou consigo uma outra marca: a de ser a segunda pessoa trans/travesti a participar da competição. A primeira, Ariadna Arantes, havia participado ainda na 11ª edição, o que fazia com que as edições anuais não fossem espaços para a representatividade desse público.

Sendo Linn da Quebrada o nome artístico, o social verdadeiro, formalizado havia pouco tempo, é Lina Pereira dos Santos. A travesti, como prefere se identificar, construiu uma trajetória artística na música e nas artes cênicas. Participou de seriados (dentre os quais, 'Segunda Chamada'), filmes e já havia gravado dois discos, posicionando-se como ícone referencial para a comunidade LGBTQIAP+.

Lina não esconde as dificuldades pelas quais passou, não só no sentido financeiro, mas, também, para a autoaceitação e, também, para a aceitação das demais pessoas. Criada em uma igreja evangélica, da denominação Testemunhas de Jeová, ela foi expulsa na adolescência da congregação, assim que começava a entender mais sobre o seu corpo e sua identidade. Além da expulsão, houve um desligamento total dos demais membros, já que ninguém tinha autorização para manter contato com ela. A artista também passou por momentos difíceis em relação à sua saúde. Aos 21 anos, descobriu um câncer, passou por tratamento, viu seus cabelos caírem, enquanto enfrentava afastamento das pessoas.

Ao chegar ao BBB, Lina disse entender que além de representar a comunidade LGBTQIAP+, em especial as trans/travestis, ela também era expressão

⁸⁷

[https://exame.com/pop/bbb-22-veja-quem-ganhou-mais-seguidores-no-instagram/#:~:text=\(Instagram%2FReprodu%C3%A7%C3%A3o\)-,Douglas%20Silva,milh%C3%B5es%20na%20final%20do%20programa.](https://exame.com/pop/bbb-22-veja-quem-ganhou-mais-seguidores-no-instagram/#:~:text=(Instagram%2FReprodu%C3%A7%C3%A3o)-,Douglas%20Silva,milh%C3%B5es%20na%20final%20do%20programa.)

⁸⁸ <https://www.instagram.com/douglassilva/>

⁸⁹

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/linn-da-quebrada-e-participante-do-bbb22-conheca.ghml>

de mulheres negras. Aliás, em sua primeira aparição no programa, ao entrar na Casa, ela usava uma camiseta com a imagem de 'Anastácia Livre', produção do artista visual Yhuri Cruz, numa releitura da obra 'Voz de Anastácia', pintada em 1817 pelo francês Jacques Etienne Arago. Na vestimenta, Anastácia aparece sorrindo, mas na obra original, ela está amordaçada e com um grilhão no pescoço⁹⁰.

Anastácia é uma referência nos estudos acerca de negritude e a sua existência e identidade são discutidas até os dias atuais. Há versões que apontam que ela era uma ex-princesa que chegou ao Brasil e foi escravizada, e outras, por exemplo, que indicam que ela era fruto do relacionamento de uma mulher africana, que foi trazida para o Brasil, com um homem branco. Seja como for, a sua imagem tem representado, para o movimento, a resistência e a luta por liberdade e igualdade para as pessoas negras. Isso demonstra o quanto o discurso da negritude e antirracista está presente na passagem de Lina pela Casa vigiada.

FIGURA 33: APRESENTAÇÃO – LINN DA QUEBRADA



Fonte: Globo.

Lina teve uma passagem amistosa no BBB, sendo eliminada no 12º Paredão, numa disputa com dois homens brancos do grupo Pipoca. Sua presença na Casa fez com que temas importantes, como o do próprio termo travesti, fossem levantados dentro e fora do confinamento. Ela também não recebeu, de maneira

⁹⁰

<https://elle.com.br/moda/anastacia-livre-o-que-significa-a-camiseta-de-linn-da-quebrada-em-sua-estreia-no-bb-b-22>

explícita, ataques virtuais e rejeição no nível de outros participantes negros, tendo ido mais longe no jogo do que a transsexual que a havia antecedido no programa, anos atrás.

Todavia, a sua eliminação, com 77,6% dos votos, causou espanto e mobilização de outros artistas e fãs dela, o que não foi suficiente. Críticos do programa apontaram que houve um grande esforço por parte das torcidas de preferidos ao prêmio para que Lina fosse eliminada, já que representava uma ameaça⁹¹. Dessa forma, a mobilização contra o seu nome, sob esse ponto de vista, ocorreu de maneira implícita.

Durante sua passagem pelo programa, Lina também foi alvo de ataques transfóbicos. Ela precisou, inclusive, explicar algumas vezes, para alguns participantes, que o seu pronome era ‘ela’, e não ‘ele’, como foi chamada – mesmo isso estando tatuado em sua testa, literalmente. Esses episódios se repetiram e levaram até mesmo o apresentador da edição a fazer uma intervenção ao vivo para explicar a situação e exigir o tratamento adequado.

QR CODE 11



Vídeo mostra Lina falando sobre o pronome ela – Fonte: Globoplay.

Depois de sair do confinamento, Lina tem ampliado sua participação em projetos midiáticos. Recentemente, divulgou que estava em gravação para o cinema ao lado de Fernanda Montenegro⁹². Além disso, tem participado de programas televisivos e desenvolvido projetos artísticos diversos, em diferentes áreas.

⁹¹ <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2022/04/11/linn-da-quebrada-saida-injusta-bbb/>

⁹²

<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/linn-da-quebrada-celebra-trabalho-com-fernanda-montenegro-no-filme-don-a-vitoria-mais-que-amigas-parceiras-25610925.html>

Quando chegou à Casa, Linn da Quebrada era seguida por 325,7 mil pessoas no Instagram. Quando deixou o confinamento, tinha 2,8 milhões⁹³. No momento desta pesquisa, ela tem 2,5 milhões⁹⁴. Suas postagens combinam conteúdos relacionados aos seus projetos artísticos, participações em programas, eventos, moda e projetos sociais.

Edição de 2023

No ano de 2023, na 23ª edição, o BBB teve o maior número de participantes negros de sua história: 11. Os integrantes do grupo Pipoca foram Cezar, Ricardo, Sarah Aline, Bruno, Tina E Paula. Já os jogadores do grupo Camarote foram Aline Wirley, Domitila Barros, Fred Nicácio, Marvyla e Gabriel Santana.

Pipoca

Aos 34 anos, Cezar Black chegou ao BBB com foco no prêmio⁹⁵. Ele afirmou que, apesar de ter uma vida confortável no momento – o que envolve a posse de imóvel, carro e cotas de um barco –, trabalhava muito para manter tudo. Ele atuava como servidor público em dois cargos, na área da enfermagem, sendo natural de Salvador, na Bahia. Solteiro e hétero, ele disse que o objetivo era poder deixar pelo menos um dos trabalhos com o que conquistasse no programa.

⁹³

<https://exame.com/pop/bbb-22-veja-quem-ganhou-mais-seguidores-no-instagram/#:~:text=Linn%20da%20Quebrada,apenas%20325%2C7%20mil%20pessoas>.

⁹⁴ <https://www.instagram.com/linndaquebrada/?hl=pt>

⁹⁵ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-cezar-do-bbb-23.ghtml>

FIGURA 34: APRESENTAÇÃO – CEZAR BLACK



Fonte: Globo.

Cezar Black avançou até o 14º Paredão da edição, no qual foi eliminado com 48,79% dos votos, numa disputa com uma mulher branca do grupo Pipoca – que mais tarde seria a vencedora da competição –, e uma mulher negra do Camarote. Durante sua participação no programa, ele admitiu não ter conseguido aliados como gostaria, sendo que na maior parte do tempo não se envolveu com situações polêmicas.⁹⁶

Apesar disso, houve momentos em que o enfermeiro, que ficou muito conhecido por seu corpo malhado e suas tatuagens, participou de alguns embates com outros participantes, uma das razões que foram apontadas para a sua queda de popularidade. Seu desentendimento principal foi com Bruna Griphao, mulher branca, loira, integrante do grupo Camarote. Entre as razões para a discussão que ocorreu entre os dois estava o fato de Bruna sair em defesa de Larissa – outra participante, que foi eliminada, mas voltou ao *reality*, por causa de uma dinâmica – contra um posicionamento de Black a seu respeito. Na ocasião, Bruna acusou Cezar de ser machista, discurso que foi endossado por outras mulheres do programa.⁹⁷ Após a sua saída, seus aliados, como Domitila, mulher negra do mesmo grupo, acabaram, também, sendo eliminados sem chegar à final.

⁹⁶

<https://www.folhape.com.br/cultura/cezar-black-e-eliminado-do-bbb-23-e-lideranca-e-decida-na-mesma/266186/>

⁹⁷

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/04/13/bate-boca-e-xingamentos-como-comecou-a-treta-entre-bruna-e-cezar-no-bbb-23.htm>

O jogador também teve desentendimentos com Tina, mulher negra refugiada no Brasil. Entre outras razões, estava o fato de ele, que é careca, ter pedido para usar suas perucas, o que foi negado pela *sister*. Essa situação, além de contribuir para a defesa de seu posicionamento machista, acabou virando meme fora da Casa⁹⁸, com postagens humorísticas e montagens que o atacavam.

Após a saída do BBB, Cezar Black teve a oportunidade de participar de um outro *reality* de confinamento, o A Fazenda 15, da Rede Record. A rejeição pelos embates dos quais participou no programa da Globo aumentou, tendo saído do programa sendo reconhecido como o vilão da edição. Em relação a isso, ele disse ter se arrependido de ter participado da competição⁹⁹.

Uma das situações que provocaram resposta negativa do público no outro *reality* teve a ver com uma discussão sobre posicionamentos no programa com uma mulher branca, também ex-BBB. Na ocasião, mais uma vez Cezar foi acusado de ser machista, fazendo com que a imagem gerada no Big Brother fosse reforçada. Em relação a esse episódio, a reação do público foi intensa, de forma que ações de *hackers* não identificados levaram à queda de sua conta no Instagram.¹⁰⁰

Ao entrar no BBB, Cezar tinha 3,9 mil seguidores no Instagram. Ao sair do confinamento, contava com 1,4 milhão¹⁰¹. No momento desta pesquisa, sua conta tem 1,1 milhão de pessoas seguindo¹⁰². Logo após deixar o *reality*, ele se posicionou nas redes a favor da valorização da carreira dos enfermeiros, no contexto da discussão sobre a fixação do piso para a categoria profissional. Atualmente, suas postagens combinam conteúdos relacionados a eventos, publicidade, viagens e cotidiano.

Ricardo também é um homem negro que participou da mesma edição, no grupo Pipoca¹⁰³. Ele, que era biomédico, com mestrado na área, chegou ao programa com 30 anos. De Aracaju, Sergipe, Alface, como foi conhecido, disse que

⁹⁸

<https://revistaquem.globo.com/entretenimento/tv-e-novelas/bbb/noticia/2023/01/bbb-23-treta-da-peruca-de-cezar-black-rende-memes-na-web.ghtml>

⁹⁹

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/a-fazenda/cancelado-cezar-black-confessa-me-arrependo-de-ter-ido-par-a-a-fazenda-113148>

¹⁰⁰

<https://natelinha.uol.com.br/a-fazenda/2023/10/02/a-fazenda-2023-metido-em-polemica-cezar-black-tem-perf-il-derrubado-na-web-202418.php>

¹⁰¹ <https://www.estadao.com.br/emails/gente/bbb23-veja-os-10-participantes-que-mais-ganharam-seguidores/>

¹⁰² <https://www.instagram.com/cezar.black/>

¹⁰³ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-ricardo-do-bbb-23.ghtml>

ficou com a responsabilidade de cuidar da irmã e da mãe. E não deixou de falar, logo de início, de episódios de preconceito e racismo pelos quais passou na vida.

Em sua entrevista de início, ele contou que recebeu ataques até mesmo durante o mestrado, com pessoas falando que ele era uma farsa. Nesses momentos, reconheceu se tornar violento e explodir. Ricardo é amante de atividades físicas e, assim como Cezar, passou pela edição sendo elogiado por sua beleza física.

FIGURA 35: APRESENTAÇÃO – RICARDO



Fonte: Globo.

Apesar de ter uma passagem pelo programa não muito conturbada, Ricardo não ficou imune a episódios polêmicos dentro da Casa, que levaram parte do público externo a defender a sua rejeição. Esses episódios estavam relacionados, principalmente, com os seus embates com mulheres, principalmente negras, dentre as quais Domitila Barros, do mesmo grupo – a quem chamava de chata por falar demais, chegando a compará-la à ex-campeã da edição de 2021, o que gerou muita mobilização nas redes e o fez comentar sobre isso ao sair do programa.¹⁰⁴

Ricardo foi acusado por algumas participantes como sendo agressivo. Além disso, ele também teve um desentendimento com Fred, participante do grupo

¹⁰⁴

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/entretenimento/zoeira/no-mais-voce-ricardo-comenta-polemicas-protagonizadas-no-bbb23-veja-detalhes-1.3360611>

Camarote¹⁰⁵, e com Sarah Aline, participante negra do grupo Pipoca com quem ele teve um envolvimento amoroso na Casa¹⁰⁶. Alface foi o 17º eliminado da temporada, deixando o programa com 68,86% dos votos, no Paredão contra uma mulher branca, também do grupo Pipoca.

Ao chegar ao BBB, Ricardo Alface tinha menos de 2 mil seguidores no Instagram. Quando deixou a disputa, esse número passava de 1 milhão¹⁰⁷. No momento desta pesquisa, ele conta com 1,1 milhão de perfis o seguindo na rede social¹⁰⁸. Suas postagens combinam, principalmente, conteúdos relativos a sua rotina, incluindo treinos, participação em eventos e publicidade.

Sarah Aline, mulher negra, também integrou a edição, fazendo parte do grupo Pipoca¹⁰⁹. Psicóloga por formação, de Osasco, em São Paulo, ela chegou ao programa aos 25 anos. Ela disse que começou a ter interesse pelo programa por conta da proibição de assisti-lo em sua casa, por conta da religião evangélica de sua família. Sarah teve uma formação cristã e acompanhou os pais, missionários em diversas missões e ações sociais.

No momento em que entrou na competição, Sarah ocupava o cargo de analista de Diversidade e Inclusão dentro de uma empresa. Entre os objetivos do posto está o de criar estratégias para a inserção de minorias no mercado de trabalho, como membros da comunidade LGBTQIAP+, pessoas negras e pessoas idosas. Apesar de não negar a influência da religião em sua formação, ela havia rompido com esse vínculo, entre outras razões pela falta de contemplação e valorização da diversidade. Bissexual assumida, ela conta que foi incentivada pelos membros da comunidade cristão a deixar a igreja.

¹⁰⁵

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/fred-x-alface-entenda-a-treta-que-rolou-no-bbb-23,46c34419342949d1b76522680687265f3q5zn17t.html>

¹⁰⁶

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/dentro-da-casa/noticia/briga-de-casal-entenda-a-treta-entre-sarah-aline-e-ricardo-no-bbb-23.ghtml>

¹⁰⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/descubra-quantos-seguidores-os-ex-participantes-do-bbb-23-conquistaram-ao-longo-do-ano.ghtml>

¹⁰⁸ <https://www.instagram.com/alface/>

¹⁰⁹ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-sarah-aline-do-bbb-23.ghtml>

FIGURA 36: APRESENTAÇÃO – SARAH



Fonte: Globo.

Eliminada no 15º Paredão, com 58,2% dos votos¹¹⁰, em uma disputa com duas mulheres do grupo Camarote, uma branca e outra negra, Sarah Aline teve uma passagem tranquila pela Casa, sendo que recebeu, por parte da crítica do programa, elogios em relação à sua intelectualidade e habilidade de articulação das palavras, mesmo com sua pouca idade. Apesar disso, também foi alvo de apontamentos de ser ‘planta’ no jogo, por não ter se envolvido em grandes embates.

Em relação a essas críticas, fora da Casa, a equipe e a família de Sarah chegaram a acusar o programa de esconder algumas participações da psicóloga, acusando a edição de manipulação¹¹¹. Além disso, considerando o percentual de votos recebidos por ela na eliminação, diversos influenciadores e pesquisadores sobre temas ligados à negritude e ao antirracismo apontaram para o preconceito que tornou a jogadora ‘apagada’¹¹².

Em relação a isso, Sarah foi alvo, também, de algumas falas racistas. Uma delas de uma atriz branca, que fazia parte do grupo Camarote e que a derrotou no Paredão. Na ocasião, a participante comparou o jogo amistoso de Sarah, tido como

¹¹⁰ <https://www.estadao.com.br/emails/bbb-23-sarah-aline-e-a-15-eliminada-do-reality-show/>

¹¹¹

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/irma-de-sarah-aline-aponta-boicote-na-edicao-do-bbb-23-padroes-estao-frente-96900>

¹¹²

<https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/bbb23-eliminacao-de-sarah-aline-gera-comocao-nas-redes-sociais>

conveniente, a uma 'banana', uma fruta associada a macaco¹¹³. A atriz, durante uma discussão, disse o seguinte: "*Aqui, se você tá confortável, come uma banana. Quando tá desconfortável, todo mundo espana, rimou*". A situação provocou discussões e críticas entre fãs da psicóloga, mas isso não foi suficiente para mantê-la no jogo.

Ao chegar ao programa, Sarah tinha 5 mil seguidores no Instagram. Quando deixou o confinamento, registrava 1,1 milhão¹¹⁴, número que continua no mesmo patamar no momento desta pesquisa¹¹⁵. Na rede social, as postagens de Sarah Aline combinam conteúdos relativos a suas participações em eventos, publicidades e cotidiano.

De São José da Laje, Alagoas, Bruno Nogueira foi outro participante do BBB, integrante do grupo Pipoca na edição de 2022¹¹⁶. Ele, que era atendente de farmácia, chegou ao confinamento aos 32 anos. Fã da cantora Lady Gaga, ele ficou conhecido entre seus amigos como Bruno Gaga e se apresentou como sendo alguém que gosta de abusar de roupas coloridas e de maquiagem.

Com um salário de cerca de um salário mínimo, ele afirmou que o foco era o prêmio do programa, para que conseguisse mudar de vida e investir em viagens, uma das coisas que mais gosta de fazer. Sua admiração por Lady Gaga decorre da defesa da artista pela liberdade individual, incluindo o campo da identidade de gênero e da sexualidade, em geral. Dessa forma, além de ser representante negro no programa, o participante também chegou com pautas relativas à comunidade LGBTQIAP+.

¹¹³

<https://extra.globo.com/entretenimento/bbb/noticia/2023/04/sarah-aline-evita-assistir-video-com-rima-polemica-de-bruna-e-analisa-atitude-de-sister-frustrada.ghtml#:~:text=Ex%2Dparticipante%20do%20reality%20show,programa%20durante%20fala%20da%20atriz&text=Sarah%20Aline%20comentou%20sobre%20a,confinamento%20do%20'BBB%2023'>.

¹¹⁴

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/100-dias-de-bbb-23-quantos-seguidores-os-brothers-ga-nharam-nas-redes-sociais.ghtml>

¹¹⁵ <https://www.instagram.com/sarah.aline/?hl=pt>

¹¹⁶ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-bruno-do-bbb-23.ghtml>

FIGURA 37: APRESENTAÇÃO – BRUNO



Fonte: Globo.

A passagem de Bruno Gaga pelo BBB foi breve. Poucos dias depois da estreia do programa, o participante escolheu desistir da competição e pediu para sair¹¹⁷. Em suas justificativas, ele apontou que estava tendo crises de ansiedade por não estar conseguindo se expressar como gostaria. Dessa forma, demonstrou estar vivendo uma forma de pressão psicológica que não conseguia administrar.

A desistência de Bruno ocorreu após alguns episódios de comentários sobre a sua identidade e a sua forma de ser. Os ataques principais, que envolviam questões raciais e, também, posicionamentos homofóbicos, foram feitos por Gabriel, um homem branco, hétero, integrante do grupo Pipoca – e que, mais tarde, receberia uma advertência por ter atitudes consideradas tóxicas com outra participante, com quem teve um relacionamento amoroso, ameaçando agredi-la fisicamente.

Em relação a Bruno Gaga, Gabriel fez piadas com frequência¹¹⁸. Ele chegou a afirmar que o seu adversário tinha um cabelo que parecia um ‘carpete’; que ele parecia o personagem ‘Garfield’, por conta do peso; e o apelidou de ‘Penélope Gordosa’, em referência à personagem ‘Penélope Charmosa’, que usa roupas rosas,

¹¹⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/dentro-da-casa/noticia/bruno-aperta-o-botao-da-desistencia-n-o-bbb-23.ghtml#:~:text=Bruno%20Gaga%20aperta%20o%20bot%C3%A3o%20da%20desist%C3%Aancia%20do%20BBB%2023,eu%20n%C3%A3o%20estava%20aguentando%20mais.>

¹¹⁸

<https://istoe.com.br/bbb23-equipe-de-bruno-gaga-se-manifesta-contras-falas-gordofobicas-e-racistas-de-gabriel-fop/>

mas com o acréscimo da referência ao peso do jogador. Tais comentários não foram feitos em forma de embate, mas como 'brincadeiras', inclusive porque os jogadores mantinham uma proximidade no jogo.

QR CODE 12



Vídeo mostra comentário homofóbico e gordofóbico sobre Bruno – Fonte: X.

Fora da Casa, perante toda a situação, a equipe de Bruno chegou a se posicionar, afirmando que os comentários eram racistas, homofóbicos e gordofóbicos e, que, por isso, eram inadmissíveis. Ao sair da Casa, o participante pediu desculpas por sua trajetória no programa, afirmando que não estava agradando os demais participantes e o público, em geral.

Quando chegou ao programa, Bruno tinha cerca de mil seguidores no Instagram. Ao sair da Casa, tinha 300 mil¹¹⁹. No momento desta pesquisa, ele registra 623 mil perfis o seguindo. Suas publicações na rede social combinam conteúdos relacionados à sua participação em eventos e programa televisivos, publicidade e cotidiano.

Também com uma passagem rápida pelo *reality*, Paula, que é natural de Jacundá, Pará, chegou ao programa com 28 anos¹²⁰. Ela é biomédica e atuava como servidora pública havia oito anos. Narrando sua história de vida, conta que teve uma infância feliz e de muitas oportunidades, mas que, na infância, por conta de problemas entre os pais, que depois se separaram, enfrentou muitas dificuldades

¹¹⁹ <https://twitter.com/euosodrac/status/1626762544663736320>

¹²⁰

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/casa-de-vidro/noticia/paula-e-participante-da-casa-de-vidro-do-bbb-23-conheca.ghtml>

financeiras. Além disso, as brigas entre eles eram constantes, o que fez com que ela buscasse refúgio na igreja.

Paula saiu de sua cidade e de seu estado para estudar, sendo que quando voltou assumiu a principal responsabilidade sobre a família – sua mãe e irmão. E, apesar de ter conseguido assumir um cargo público, avaliava que precisava de algo a mais para mudar a vida deles. Por isso apostava há algum tempo no BBB, com foco no prêmio. Paula não foi selecionada diretamente para a Casa vigiada, mas precisou passar pela dinâmica da ‘Casa de Vidro’, na qual, disputou vaga no programa com outros participantes e acabou ganhando, pelo voto do público.

FIGURA 38: APRESENTAÇÃO – PAULA



Fonte: Globo.

A participação de Paula na edição foi considerada tranquila, mas ela deixou o programa no quarto Paredão, com 72,5% dos votos, numa disputa com outras três pessoas, um homem negro e uma mulher branca do Pipoca e um homem branco do Camarote. Uma das razões que a levaram à berlinda foi o fato de ter passado informações de jogo para homem branco que era seu aliado, que foram repassadas para outras pessoas, que passaram a apontar não confiar nela¹²¹.

Diferentemente de outros participantes, Paula não chegou ao programa com a afirmação de reconhecimento de ser negra. Essa percepção ocorreu por conta da

121

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-paula-e-a-quarta-eliminada-do-reality-show/#:~:text=Paula%20foi%20a%20eliminada%20do,%2C%20com%201%2C75%25.>

intensa discussão sobre o tema que ocorreu durante a edição, que, como vimos, teve o maior número de participantes pretos e pardos da história. Isso aconteceu quando Fred Nicácio, outro participante negro, convidou a todos os participantes pretos para que fizessem uma foto e exaltassem a sua presença no reality. Logo depois daquele momento, ela afirmou que o reconhecimento veio¹²². O episódio gerou discussões dentro e fora da Casa, relacionadas à necessidade de reconhecimento e afirmação em relação à cor e raça. Também permitiu a exaltação dos diferentes tons de pele.

QR CODE 13



Fred Nicácio reúne participantes negros para foto. Fonte: Globoplay.

Paula era seguida por 10 mil pessoas no Instagram¹²³ quando entrou no programa. Ao deixar a competição, esse número era de 610 mil. No momento desta pesquisa, ela conta com 1,3 milhão de seguidores¹²⁴. Suas postagens combinam conteúdos relacionados a sua participação em eventos, publicidade e cotidiano.

Natural da cidade de Huambo, no país Angola, Tina é a participante que fecha o grupo dos participantes negros da categoria Pipoca da edição¹²⁵. A caçula de sete irmãos, que perdeu o pai com apenas três meses de vida, durante uma guerra, chegou ao programa com 29 anos, deixando fora da casa duas filhas crianças. A sua vinda para o Brasil havia ocorrido oito anos atrás, sendo que pisar em solo brasileiro era um sonho que tinha desde a infância. Segundo ela, a diversidade

¹²²

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/jogo-discordia/noticia/paula-diz-ter-descoberto-que-e-negra-no-bbb-23.ghtml>

¹²³ <https://www.oficinadanet.com.br/instagram/44738-paula-bbb-23-seguidores-instagram>

¹²⁴ <https://www.instagram.com/paulafreitas/>

¹²⁵ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-tina-do-bbb-23.ghtml>

existente no Brasil a atraía. Muito que aprendeu sobre o país se deve às novelas a que assistia. Taís Araújo, por exemplo, atriz negra, era uma referência para ela.

Tina chegou veio ao país para conhecer, mas se casou com um brasileiro e ficou morando por aqui. Em solo brasileiro, ela se formou em comunicação social e, no momento em que entrou no confinamento, trabalhava como analista de marketing digital e modelo. Tina também atuava em seu país de origem como modelo, tendo conquistado o título de miss Benguela.

Como sonho profissional, Tina contou que tinha por objetivo ter uma carreira na TV e, além disso, ter sua marca de cosméticos. Ela entrou na Casa vigiada solteira, já que havia dois anos que tinha terminado o casamento. A mudança veio acompanhada de outras, incluindo um processo de autoconhecimento que a levou à transição capilar, como uma forma de valorizar a sua origem.

FIGURA 39: APRESENTAÇÃO – TINA



Fonte: Globo.

Tina teve uma passagem rápida pelo programa. Foi a terceira eliminada, em um Paredão com dois homens, também, negros, um do Camarote e um do Pipoca. Sua saída rápida estava ligada aos embates que teve com os participantes, de modo geral, que apontaram, durante as dinâmicas do programa, que ela era, entre outros aspectos, antipática e agressiva¹²⁶.

126

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-tina-e-a-terceira-eliminada-do-reality-show/#:~:text=Tina%20foi%20a%20terceira%20eliminada,2%2C67%25%20dos%20votos.>

Os desentendimentos foram generalizados e envolveram participantes dos dois grupos. Um desses episódios, como já destacamos, estava relacionado a Cezar Black, por conta de uma peruca que não foi emprestada – acontecimento que virou meme nas redes sociais. Nesses mesmos ambientes virtuais, a angolana recebeu diversos ataques racistas ao longo do programa.

Mesmo depois de sua eliminação, ao voltar para a Casa na dinâmica do “reencontro” – na qual os participantes eliminados tinham a oportunidade de voltar ao confinamento – ela teve desentendimentos com duas pessoas brancas, uma do Camarote e outra do Pipoca, que a chamaram novamente de agressiva e deram a entender que sua conduta era a de uma pessoa incontrolável.

QR CODE 14



Vídeo mostra uma das brigas de Tina – Fonte: Globoplay.

Fora do programa, os ataques se intensificaram. Nas redes sociais da influenciadora, foram diversos os ataques, que levaram a sua equipe a acionar a assessoria jurídica e expor algumas das mensagens recebidas, que, entre outras, defendiam que ela deveria voltar para o seu país de origem e que ela deveria aceitar o seu ‘pixaim’, em referência a seu cabelo.¹²⁷

Ao entrar na competição, Tina tinha pouco mais de 7 mil seguidores no Instagram. Quando deixou o *reality*, contava com 404 mil¹²⁸. No momento desta pesquisa, a angolana tem 591 mil perfis a seguindo na rede social¹²⁹. Suas postagens combinam conteúdos relacionados a suas participações em eventos e

¹²⁷

<https://www.opovo.com.br/divirtase/bbb/2023/03/23/bbb-23-tina-e-vitima-de-racismo-e-xenofobia-aceita-teu-pixaim.html>

¹²⁸ <https://www.oficinadanet.com.br/instagram/44587-tina-bbb-23-seguidores-instagram>

¹²⁹ <https://www.instagram.com/tinacalamba/>

programas de TV, moda, cotidiano e projetos sociais. Ela também tem participado de produções para comentar sobre o BBB.

Camarote

Conhecida por ter integrado o grupo de música pop Rouge, nos anos 2000, a cantora e comunicadora Aline Wirley foi uma das integrantes do grupo Camarote na edição de 2023¹³⁰. Ela afirmou que entrar no programa era algo que provocava medo, por conta das possíveis rejeições, mas que a decisão pela participação estava ligada ao desejo de inspirar outras mulheres negras.

Mesmo tendo feito sucesso e conquistado muitas coisas, como ela mesma reconheceu, Aline disse que não teve um começo fácil. Ela trabalhou como telefonista de telemensagens e como empregada doméstica, até se firmar como cantora, ao vencer um outro programa de TV. Ela também apontou que os ataques relacionados à sua cor e raça sempre existiram e que teve de aprender a lidar com isso.

Aline entrou na Casa vigiada estando casada com um homem branco, com quem tem um filho. Tempos antes de ser confirmada na competição, os dois falaram sobre suas intimidades nas redes sociais, contando, inclusive que tinham um relacionamento aberto. Aline também se declarou bissexual. Essa situação provocou debates e polêmicas que repercutiram na mídia. Natural de Cachoeira Paulista, no interior do estado de São Paulo, ela chegou ao programa com 41 anos.

¹³⁰ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-aline-wirley-do-bbb-23.ghtml>

FIGURA 40: APRESENTAÇÃO – ALINE WIRLEY



Fonte: Globo.

Aline foi longe na edição, saindo somente no último dia de programa e consagrando-se como a vice-campeã – perdeu a disputa para uma mulher branca do grupo Pipoca. Porém a sua passagem também foi marcada por muitas polêmicas, dentro e fora da Casa vigiada. Entre outras críticas que recebeu de participantes e de parte do público, estava o de ser ‘planta’ e omissa perante casos relacionados a racismo.

Por outro lado, na internet, ela também recebeu muitos ataques – incluindo ameaça de morte. Para fãs do programa, ela foi acusada de se aliar aos brancos para perseguir participantes negros. Em relação a isso, foi comparada a mucama – escravizada que tinha regalias junto aos senhores. A sua equipe também precisou acionar a assessoria jurídica e se posicionar em relação aos ataques¹³¹.

Dentro da Casa, Aline demonstrava preocupação com toda essa situação, afirmando que, embora entenda o seu lugar e a importância do seu corpo, não considerava justo ter de sempre se posicionar em relação às questões raciais. Em uma conversa com Sarah Aline – mulher negra –, por exemplo, ela chorou e afirmou o seguinte: *"Que horas eu vou poder simplesmente poder jogar? Só ser a Aline? Porque eu sei que sou um corpo político, eu trago comigo pautas extremamente importantes para a sociedade, pautas que precisam ser faladas. A gente precisa*

131

<https://odia.ig.com.br/diversao/bbb/2023/04/6605986-aline-wirley-e-alvo-de-ataques-racistas-e-equipe-se-posiciona-nao-iremos-tolerar.html>

*falar, reforçar e argumentar. Em determinado momento eu só queria ser, assim como outras pessoas só são dentro do jogo e não precisam se preocupar com isso”.*¹³²

QR CODE 15



Vídeo mostra Aline e Sarah falando sobre racismo – Fonte: Uol.

Após o término do programa, a cantora continuou passando por situações de ataques, geralmente relacionados à questão racial. Até mesmo discussões sobre o seu relacionamento com um homem branco e seu encontro com ex-participantes, também brancos vieram à tona. Ela também foi criticada sobre permitir que o filho se vista como se sente mais confortável

Ao chegar à competição, Aline tinha 853 mil seguidores. Ao sair, somava 2,1 milhões¹³³. No momento desta pesquisa, ela conta com 2,2 milhões de pessoas a seguindo na rede social¹³⁴. Suas postagens combinam conteúdos relacionados a suas participações em eventos e programas midiáticos, cotidiano e moda.

Domitila Barros também integrou o elenco, fazendo parte do grupo Camarote¹³⁵. Aos 38 anos, quando entrou no programa, Domitila apresentou sua história como sendo de superação. Nascida em uma comunidade de Recife, Pernambuco, disse que precisou enfrentar muitas dificuldades, mas que, encontrou algumas oportunidades que a fizeram mudar de vida e ficar conhecida.

¹³²

https://www.purepeople.com.br/noticia/-nao-me-arrependo-de-nada-aline-wirley-e-detonada-apos-entrevista-e-internautas-nao-perdoam-planta-omissa_a378468/1

¹³³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/quantos-seguidores-as-finalistas-do-bbb-23-ganharam.g.html>

¹³⁴ <https://www.instagram.com/alinewirley/>

¹³⁵ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-domitila-barros-do-bbb-23.ghtml>

Seus pais, moradores da periferia, criaram um projeto social voltado a crianças em vulnerabilidade social. Ela já cresceu nesse meio, participando de diversas ações, que envolviam atividades artísticas, culturais e educacionais. Na adolescência, como forma de superar a perda de um familiar por bala perdida, passou a se envolver mais no projeto, alfabetizando crianças da comunidade. Essa ação lhe trouxe visibilidade, sendo que, aos 15 anos, foi contemplada pela Unesco, dentro do prêmio 'Sonhadoras do Milênio' e foi levada para conhecer a Disney, onde fez uma palestra.

Mais tarde, Domitila se formou em Serviço Social e, como fruto de seu engajamento com as pesquisas e causas sociais, conquistou uma bolsa de estudos para o mestrado na Alemanha. Ela contou que quando se mudou de país para estudar, não falava Alemão e teve de aprender tudo do zero. Em terras estrangeiras, Domitila não só concluiu o mestrado, mas viu sua vida mudar, também, por duas principais oportunidades que apareceram para ela.

A primeira foi que recebeu o convite de uma agência, nas ruas, para fazer teste para uma novela. Como tinha também interesse nessa carreira artística, fez a tentativa e foi aceita, tendo trabalhado três anos como atriz. Além disso, Domitila se inscreveu, anos mais tarde, para participar da competição de Miss Alemanha. Segundo ela, o objetivo era conseguir mais visibilidade e, com isso, promover projetos sociais.

Mas além da visibilidade, Domitila venceu a competição, levando o título de miss Alemanha em 2022, sendo a primeira imigrante e negra a conquistar o prêmio. Foi logo depois dessa época, que ela foi convidada a participar da edição do BBB e decidiu voltar ao Brasil para a experiência.

FIGURA 41: APRESENTAÇÃO – DOMITILA



Fonte: Globo.

Domitila foi eliminada no 16º Paredão da edição, com 59,94% dos votos, numa disputa com duas mulheres brancas integrantes do Pipoca¹³⁶. Apesar disso, teve uma passagem também polêmica pela Casa, envolvendo-se em diversos embates com outros participantes e, por isso, foi a recordista em ser emparedada: sete vezes. Essas situações a levaram a ir perdendo a força na competição, sendo que, mesmo tendo sido apontada como a favorita ao prêmio, em alguns momentos, não chegou à final¹³⁷.

Domitila se desentendeu principalmente com Bruna Griphao, atriz branca, que, por diversas vezes, agiu para que a ativista social fosse indicada para a saída. Em decorrência disso, Domitila disse ter escolhido se conter em relação aos embates – especialmente depois da saída de seus aliados, como Fred Nicácio e Sarah Aline –, uma das razões que a levaram à eliminação uma semana antes da final do programa.

Como grande parte dos embates era por conta dos posicionamentos de Domitila, a jogadora disse em diversos momentos que sentia um peso pela responsabilidade social de discutir a pauta do racismo, não considerando isso justo no jogo. Durante o programa final, no qual todos os participantes se encontraram,

¹³⁶ <https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-domitila-e-a-16-eliminada-do-reality-show/>

¹³⁷

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/favorita-no-bbb-23-domitila-morre-na-praia-e-e-eliminada-a-sete-dias-da-final-96716>

ela falou sobre isso ao vivo, enquanto chorava, dizendo acreditar que sofreu racismo: *“É muito forte, é muito difícil. Teve muita coisa que eu não quis nem ver. A parte mais difícil é que nenhum de nós quis entrar lá para provar isso. Eu fui pro BBB pra me divertir, eu queria ser que nem todo mundo, com esses sorrisos lindos. Eu só queria brincar, zoar, poder esquecer, poder tirar onda. Mas essa cobrança é em cima da gente. A gente tem que, primeiro, letrar, educar, não pode errar. Eu sou ativista, sim. Mas eu fui pro BBB como pessoa física, eu só ser um brother, uma sister. Eu sonhava que, eu poder entrar e a maioria ser preta, era pra provar o contrário”*.

QR CODE 16



Domitila fala sobre racismo na edição – Fonte: X.

Ao entrar no programa, Domitila tinha 214 mil seguidores no Instagram. Ao sair da competição, somava mais de 1 milhão¹³⁸. No momento desta pesquisa, a ativista e influenciadora conta com 1,6 milhão de pessoas a acompanhando na rede social¹³⁹. Suas postagens combinam conteúdos relacionados a sua participação em programas midiáticos e eventos, cotidiano e, também, educativos, como por meio do quadro ‘TASentendendo’, por meio do qual ela apresenta curiosidades relacionadas a meio ambiente e desenvolvimento sustentável, entre outras relacionadas à proteção do planeta e à promoção da vida.

¹³⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/descubra-quantos-seguidores-os-ex-participantes-do-bbb-23-conquistaram-ao-longo-do-ano.ghtml#:~:text=%F0%9F%8F%86%209.&text=N%C3%A3o%20tem%20como%20falar%20de,do%20Camarote%20de%20sua%20edi%C3%A7%C3%A3o.>

¹³⁹ https://www.instagram.com/domitila_barros/?hl=pt

Fred Nicácio, também integrante do grupo Camarote, teve também uma participação marcante na edição, com muitos embates e polêmicas¹⁴⁰. Ao chegar ao programa, com 35 anos, Fred dizia que tinha noção da responsabilidade que levava para as telas. Médico e fisioterapeuta, ele já tinha conquistado uma visibilidade na mídia, por ter vídeos de atendimentos humanizados viralizados. Além disso, ele participou do programa *Queer Eye Brasil*, da Netflix, no qual, em parceria com outros membros da comunidade LGBTQIAP+, provocava mudanças na vida de diversas pessoas.

Ele é natural de Campos dos Goytacazes, mas vivia, no momento do início do programa, em Bauru, juntamente com seu marido, com quem mantinha uma relação há oito anos – sendo quatro de relacionamento aberto. Por enfrentar problemas relacionados à sua sexualidade desde a infância, Fred contou que decidiu cortar relações com os pais, que são vivos, mas que não o aceitavam. O ambiente em que vivia, marcado por formação militar e religiosa, era tido por ele como hostil.

Tido como intelectual, especialmente por atuar em uma área em que a presença da pessoa negra não é comum – como foi viralizado em seus conteúdos, antes de entrar na Casa –, ele disse, desde o início, entender que o seu corpo, ocupando aquele espaço, era um ato político e que poderia provocar muitas reflexões e discussões.

FIGURA 42: APRESENTAÇÃO – FRED NICÁCIO



Fonte: Globo.

¹⁴⁰ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-fred-nicacio-do-bbb-23.ghtml>

A passagem de Fred Nicácio pelo BBB foi bastante diferente da de todos os demais participantes. Isso porque ele chegou a ser eliminado três vezes, até ficar de fora definitivamente da Casa. Isso porque, a edição tinha dinâmicas que permitiram a volta. Num primeiro momento, logo no primeiro Paredão, ele foi eliminado em uma eliminação dupla, com uma mulher branca. Pela dinâmica, entre os dois eliminados, o público escolheria um para voltar, sendo que Fred foi escolhido e voltou para o confinamento.

Semanas depois, ele foi eliminado, novamente, em um Paredão e deixou a Casa. Porém, uma dinâmica de repescagem, em que todos os eliminados tinham a chance de voltar ao *reality*, ele conseguiu a vaga e voltou ao programa. Sua última e definitiva eliminação ocorreu no 13º Paredão, com 51,14% dos votos, numa disputa com duas mulheres, uma branca do Camarote e outra negra do Pipoca¹⁴¹.

Os posicionamentos de Fred Nicácio, inclusive relacionados à cor e raça, eram um dos motivos para os embates com outros participantes da Casa. Mas a maior polêmica em que esteve envolvido estava relacionado a discursos que recebeu que se caracterizaram como racismo religioso. Adepto de religião de matriz africana, Fred Nicácio foi criticado por outros participantes após ser visto oferecendo um culto a uma entidade. Na ocasião, os jogadores chegaram a falar que poderiam deixar o programa por sentirem medo da postura de Fred, indicando que ele poderia estar promovendo o mal a alguém por meio de sua prática religiosa.

QR CODE 17



Vídeo mostra Fred sabendo de racismo religioso – Fonte: Mídia Ninja.

Ele não soube sobre esses comentários quando estava confinado, descobrindo as falas somente fora do programa, o que o fez denunciar o caso como

¹⁴¹ <https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-fred-nicacio-e-o-13-eliminado-com-5114-dos-votos/>

racismo religioso. Na ocasião da entrevista logo após deixar o programa, ele chorou e indicou a necessidade da superação do racismo no país: “*Isso é intolerância religiosa. Isso mata pessoas no Brasil inteiro. Isso aniquila pessoas. Isso é muito grave. Isso machuca muito. Eu jamais poderia imaginar que isso estava acontecendo. E é muito sério você associar religiões de matrizes africanas com maldade, desejos ruins. O que há de mal nisso? Eu quero que alguém levante a voz e me diga*”.¹⁴²

Ao entrar no programa, Fred tinha 339 mil seguidores no Instagram, sendo que saiu com 796 mil¹⁴³. No momento desta pesquisa, ele tem 1,1 milhão de seguidores. Suas postagens combinam conteúdos relacionados a eventos, participação em programas midiáticos, publicidade e cotidiano, ao lado do marido.

Com apenas 23 anos e natural do subúrbio do Rio de Janeiro, Marvyla também integrou o grupo Camarote¹⁴⁴. Ela é cantora de pagode e ficou conhecida principalmente a partir de sua participação no *The Voice* Brasil, quando tinha apenas 16 anos. Na ocasião, os técnicos do programa musical viraram as cadeiras para ela e, desde então, ela teve oportunidades de se dedicar à música, tendo cantado com cantores famosos.

Sua formação é cristã, tanto que começou a cantar aos 5 anos na igreja, com a mãe. Depois do *The Voice*, deixou a carreira gospel e foi se dedicar ao pagode, entre outras razões, porque sentia falta de mulheres ocupando esse espaço. Ao ser convidada para o *reality*, ela já tinha alcançado marcas importantes, como a gravação de *single*, com 40 milhões de *streams*.

¹⁴²

<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/bbb/noticia/2023/03/fred-nicacio-chora-ao-saber-de-intolerancia-religiosa-no-bbb-23-sabe-o-que-e-mais-louco-tres-pessoas-brancas-falando-isso.ghtml>

¹⁴³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/internet-ta-vendo/noticia/fred-nicacio-chega-a-1-milhao-de-seguidores-em-rede-social.ghtml>

¹⁴⁴ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-marvyla-do-bbb-23.ghtml>

FIGURA 43: APRESENTAÇÃO – MARVVILA



Fonte: Globo.

Marvilla teve uma passagem amistosa pelo confinamento, tendo sido eliminada no 12º Paredão, numa disputa em que o público precisava, pela primeira vez, votar em quem gostaria que continuasse na competição. Ela foi a menos votada. De acordo com a justificativa da direção do programa, isto estava ligado à falta de mais posicionamentos na Casa. Nas redes sociais, ela também foi indicada como 'planta'¹⁴⁵.

Apesar de não ter participado diretamente de embates, Marvilla se reconhecia como negra e chegou a indicar episódios de racismo que vivenciou fora da Casa. Um desses relatos estava relacionado a sua cunhada (esposa do irmão), que, segundo ela, desde que era criança, percebia os ataques e a raiva. Ela disse ter entendido do que se tratava tempos mais tarde e, por isso, precisou se afastar do irmão. A situação serviu para que a discussão sobre o racismo em família, dentro e fora do programa, ganhasse destaque, inclusive com a exposição feita por ela de que é filha de mãe negra e pai branco.¹⁴⁶

Quando entrou no BBB, Marvilla tinha 644 mil seguidores no Instagram. Ao sair, tinha 1,5 milhão¹⁴⁷. No momento desta pesquisa, ela tem 1,9 milhão de pessoas

¹⁴⁵

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-marvilla-e-a-12-eliminada-com-xx-dos-votos/#:~:text=Marvilla%20foi%20a%2012%C2%AA%20eliminada,quem%20deveria%20ficar%20no%20programa.>

¹⁴⁶

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/02/05/marvilla-diz-ter-sido-vitima-de-racismo-por-cunhada-me-chamou-de-macaca.htm>

¹⁴⁷ <https://globoplay.globo.com/v/11508078/>

a seguindo na rede social¹⁴⁸. Suas publicações combinam conteúdos relacionados a sua carreira artística, participação em programas e eventos, publicidade e cotidiano.

Gabriel Santana fecha o quadro de participantes pretos e pardos do BBB na edição de 2023¹⁴⁹. Ele, que tem a pele mais clara de todos os demais participantes negros, ficou conhecido por interpretar o personagem 'Mosca' na novela 'Chiquititas', do SBT. Depois disso, atuou também na Globo, como em 'Malhação' e na novela 'Pantanal'. Ele chegou ao programa com apenas 23 anos.

Gabriel é o único filho de pai e mãe separados. Desde o início, declarou ser uma pessoa livre e bem resolvida, inclusive com a sua sexualidade: é bissexual. Ele nasceu no Rio de Janeiro, mas se mudou para São Paulo ainda na infância por conta do emprego do pai. No momento em que entrou no programa, morava sozinho e vivia de sua carreira.

FIGURA 44: APRESENTAÇÃO – GABRIEL



Fonte: Globo.

Gabriel foi eliminado do programa no 11º Paredão, com 56,45% dos votos, numa disputa com duas mulheres também do grupo Camarote, uma negra e uma branca. O ator teve uma passagem bastante tranquila pelo programa, tendo feito amigos e aliados ao longo do jogo. Ele também se envolveu amorosamente com diversas pessoas, como Sarah Aline e Fred Nicácio, tendo ficado com ambos. Ele

¹⁴⁸ <https://www.instagram.com/marvvila/?hl=pt-br>

¹⁴⁹ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/noticia/conheca-gabriel-santana-do-bbb-23.ghtml>

também demonstrou interesse por uma outra mulher, de quem se tornou muito próximo, mas sem qualquer envolvimento a mais.

Gab, como ficou conhecido, esteve envolvido em uma situação constrangedora envolvendo outro participante, negro e gay – Bruno Gaga. Por algumas vezes, o alagoano tentou conquistar o ator, sem sucesso. Após uma festa, por exemplo, Gaga fez uma tentativa de agarrar Gabriel, o que foi recusado. Na ocasião, a equipe do ator se posicionou nas redes, considerando a atitude como um assédio.¹⁵⁰

Ao entrar no BBB, Gabriel era seguido por 2,1 milhões de pessoas no Instagram. Ao deixar o programa, esse número era de 3,2 milhões¹⁵¹. No momento desta pesquisa, o ator contabiliza 3,3 milhões de seguidores. Suas postagens combinam conteúdos relativos a sua carreira artística, participação em eventos e programas midiáticos e cotidiano.

Edição de 2024

A edição de 2024 conta com 11 participantes negros. Do grupo Pipoca, os jogadores são Davi, Giovanna Pitel, Juninho, Leidy Elin, Lucas Henrique, Lucas Luigi, Lucas Pizane, Marcus Vinicius, Thalyta Alves e Raquele. Já no grupo Camarote, encontra-se Rodriguinho.

Pipoca

Com 21 anos de idade, Davi chegou ao BBB após participar de uma dinâmica específica da edição de 2024¹⁵². Isso porque ele não havia sido selecionado diretamente para entrar na Casa, tendo de passar por votação do público, que o escolheu, entre outros participantes para a competição. De Salvador, Bahia, Davi trabalhava como motorista de aplicativo de transporte no momento em que entrou na Casa. Mas, segundo ele, já precisou atuar em muitas coisas para sobreviver, incluindo a venda de água mineral e picolé nos ônibus.

¹⁵⁰

<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/02/5073128-bbb23-equipe-de-gabriel-santana-re-pudia-polemica-com-bruno-gaga-nao-e-nao.html>

¹⁵¹

https://www.areavip.com.br/bbb23/saiba-quantos-seguidores-gabriel-santana-conquistou-apos-participar-do-bbb23/#google_vignette

¹⁵² <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/davi-disputa-vaga-no-bbb-24-conheca.ghtml>

Filho de pais separados e com uma irmã, Davi morava em uma casa no terreno da família, compartilhando espaços e utensílios. Ele também mantém um relacionamento fora da Casa com uma mulher de 42 anos e afirmou que sempre teve atração por mulheres mais velhas. O motorista tem o sonho de ser médico e disse que foi principalmente com esse objetivo que decidiu se inscrever no programa, já que o prêmio é suficiente para pagar a faculdade.

Essa foi a primeira vez que Davi se inscreveu para participar do *reality* e não era muito presente nas redes sociais, que só foram criadas para que a inscrição pudesse ser feita. Por essa razão, afirmou que não tem por objetivo ser famoso, mas, sim, conquistar o prêmio para mudar a sua vida e a de sua família.

FIGURA 45: APRESENTAÇÃO – DAVI



Fonte: Globo.

Davi é o participante da edição que mais conquistou visibilidade e seguidores, despontando como o favorito a levar o prêmio da competição. No momento desta pesquisa, ele já tem 8,1 milhões de seguidores no Instagram¹⁵³, superando todos os demais participantes da temporada, incluindo os integrantes do Camarote, que já entraram no confinamento sendo conhecidos do grande público. Essa visibilidade é proporcional ao envolvimento em situações de embates dentro da Casa, de forma que ele é o candidato que teve mais desentendimentos dentro da Casa.

Envolvido em diversos contextos de brigas, Davi foi apontado como a razão para a eliminação de jogadores em Paredões e, também, para a expulsão de uma participante, sendo que dentro da Casa ele é frequentemente apontado pelos

¹⁵³ <https://www.instagram.com/daviooficialll/>

participantes, durante as dinâmicas, como uma companhia não agradável. Com isso, ele possui poucos aliados.

A rejeição a Davi dentro da Casa – que ocorre de forma inversa fora do confinamento – levantou, desde o começo do programa, a discussão sobre racismo. O seu isolamento, as constantes indicações ao Paredão e a sua exclusão de grupos são alguns dos acontecimentos que servem de justificativa para a defesa de que o que ocorre com o participante é um conjunto de ações racistas.

Entre outros episódios, há discursos recorrentes de participantes, principalmente brancos, que apontam que não se sentem à vontade perto de Davi, atribuindo a isso o fato de ele ter uma ‘energia ruim’¹⁵⁴. Uma das pessoas que mais bateram de frente com Davi foi Yasmin Brunet, atriz branca integrante do grupo Camarote. Em uma conversa com seus aliados, ela confessou não gostar do concorrente, afirmando que tudo nele a incomoda.

QR CODE 18



Vídeo mostra Yasmin Brunet falando sobre Davi. Fonte: Gshow.

Os embates também foram diretos, com provocações e pedidos para que Davi partisse para a agressão física – situação que levaria à sua eliminação. Isso não ocorreu. Porém, uma outra participante, a cantora Wanessa Camargo, depois de reclamar por diversas vezes sobre a presença e a postura de Davi no programa, logo após uma festa, entrou no quarto onde o participante estava dormindo e bateu em sua perna. Ela imediatamente pediu desculpas, porém, como ele apontou para a

154

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/davi-sofre-racismo-no-bbb-a-energia-que-nao-bate-no-reality-tem-cor-e-e-preta/>

produção que havia se sentido agredido, a avaliação do episódio foi feita e Wanessa foi eliminada da competição¹⁵⁵.

QR CODE 19



Vídeo mostra Wanessa agredindo Davi – Fonte: Uol.

Vale dizer que os desentendimentos entre Wanessa e Davi eram frequentes. Porém, no começo da competição, ao vencer uma prova e conquistar uma bolsa de estudos em uma universidade, Wanessa disse que daria a bolsa para o participante, de forma que ele pudesse concretizar o sonho de ser médico.

Além dos desentendimentos com participantes brancos, Davi também despertou a ira de participantes negros. O caso mais emblemático esteve relacionado com a sua relação com Leidy Elin, também do Pipoca, aliada de participantes brancas, como Yasmin Brunet e Wanessa Camargo. Em um determinado dia, após a dinâmica do ‘Sincerão’ – que funciona da mesma forma que o ‘Jogo da Discórdia’, das demais edições –, Leidy e Davi tiveram uma briga que acabou gerando reação generalizada na casa. Depois de acusações e provocações para agressão física, Leidy entrou na Casa, pegou as roupas de Davi, levou para fora e as jogou na piscina¹⁵⁶.

155

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/03/04/por-que-wanessa-camargo-foi-expulsa-do-bbb-24.ghtml>

156

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/dentro-da-casa/noticia/leidy-elin-pegas-roupas-de-davi-e-joga-na-piscina-do-bbb-24.ghtml>

QR CODE 20



Vídeo mostra Leidy jogando as roupas de Davi na piscina – Fonte: Globoplay.

Após inúmeros episódios de rejeição e isolamento a Davi – que chegou a pensar em desistir do programa nas primeiras semanas, durante um dia em que chorou de madrugada frente ao botão da desistência¹⁵⁷ – e, também, de diversos paredões em que os adversários de Davi foram eliminados, houve uma mudança de postura em relação ao tratamento que recebe. Os embates deixaram de ser diretos.

Além disso, nas redes sociais, ao longo do programa, a revolta dos fãs foi registrada perante piadas feitas por outros jogadores e, também, comentários que procuravam indicar lugares a serem ocupados por ele. Um desses comentários foi feito por Fernanda, uma participante branca, que, entre outras falas relacionadas a Davi, brincou com a sua volta para a Bahia, para trabalhar como ‘porteiro’¹⁵⁸.

Fora da Casa, o participante passou a ser tema de programas de TV, artigos e posicionamentos de influenciadores digitais, tendo uma exploração que desconhece, dentro da Casa. Famosos, como Giovana Ewbank¹⁵⁹, gravaram vídeos em que diziam acreditar que o que estava acontecendo com Davi era uma forma de racismo. Por outro lado, com as torcidas dos diversos participantes mobilizadas, também houve quem indicasse a atitude de Davi como vitimismo.

¹⁵⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/dentro-da-casa/noticia/davi-ameaca-desistir-do-bbb-24-e-cai-no-choro.ghtml>

¹⁵⁸

<https://revistaquem.globo.com/entretenimento/tv-e-novelas/bbb/bbb-24/noticia/2024/03/bbb-24-internautas-apontam-racismo-em-fala-de-fernanda-sobre-davi.ghtml>

¹⁵⁹

<https://www.terra.com.br/nos/bbb-24-giovanna-ewbank-chora-ao-falar-sobre-davi-o-racismo-esta-nas-entrelinhas,96226d21295aef2a77673e9eb738147c08fq8swi.html>

Vale dizer que ao longo do programa Davi não levanta a bandeira da negritude e a pauta antirracismo. Apesar de a edição ser a que mais provocou discussões externas relacionadas ao assunto, temas relacionados a isso não são tratados no interior da Casa.

Por outro lado, Davi também se envolveu em diversas outras polêmicas, por conta de falas que fez. Em um desses episódios, Davi foi acusado de ser homofóbico. Isso porque, durante uma discussão, ele se posicionou da seguinte forma: *“Eu sou homem nessa desgraça. Não sou veado! Meu pai me fez homem!”*¹⁶⁰. Ele também foi chamado de machista em algumas ocasiões, como quando sugeriu que as mulheres devem ‘se colocar no seu lugar’¹⁶¹. De qualquer modo, Davi continua sendo o participante com mais seguidores e, até o momento desta pesquisa, o preferido para ganhar a competição.

Giovanna Pitel, de 24 anos, também integra o elenco, fazendo parte do grupo Pipoca¹⁶². Aos 24 anos, ela é recém-formada em serviço social, mas conta que teve uma infância muito difícil onde morava, em um bairro periférico de Maceió, Alagoas. Com o pai ausente e com seis irmãos, diz que só não passou fome por conta do sururu – um tipo de mexilhão – que a mãe coletava para vender.

Antes de se formar na faculdade, Pitel, como ficou conhecida na edição, trabalhou em diversas ocupações, tendo começado aos 13 anos, como doméstica e vendedora. Hétero, ela mantém um relacionamento de dez anos fora da Casa, sendo que há três anos está morando junto, período em que o casal decidiu abrir a relação.

¹⁶⁰

<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/bbb/noticia/2024/01/15/apos-usar-expressao-homofobica-no-bbb-24-davi-se-desculpa-estava-estressado.ghtml>

¹⁶¹

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/bbb-24-davi-e-detonado-apos-dizer-que-mulheres-devem-se-colocar-no-seu-lugar-116156>

¹⁶²

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/giovanna-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.ghtml>

FIGURA 46: APRESENTAÇÃO – PITEL



Fonte: Globo.

A participação de Pitel na competição é tida, de forma geral, como tranquila. Foram poucos os momentos em que ela protagonizou embates diretos com os participantes, embora se posicione bastante em relação ao jogo. Contudo, suas alianças, principalmente com artistas – incluindo as que travaram embates diretos com Davi – acabaram levando-a à eliminação. O nome dela também tem sido colocado em destaque por conta da proximidade que tem com Lucas Buda, participante negro, que sinalizou querer algo a mais do que a amizade que existe entre eles.

Quando chegou ao BBB, Pitel tinha 1.260 seguidores no Instagram¹⁶³. No momento desta pesquisa, a participante é seguida por 756 mil perfis.

Outro participante, também pertencente ao grupo Pipoca, é Juninho, de 41 anos¹⁶⁴. Ele também passou por uma dinâmica diferente para entrar no confinamento, já que precisou se apresentar para membros que já estavam na Casa e ser escolhido por eles para as vagas restantes.

Moradora de uma comunidade do Rio de Janeiro, ele trabalhava, no momento de entrada no confinamento, como motoboy e mototaxista. Mas já tinha trabalhado como *office boy*, arquivista e contador (como se formou na faculdade). Ele mora com

¹⁶³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/qual-participante-do-bbb-24-tem-mais-seguidores-veja-o-ranking.ghtml#:~:text=Pitel%20F0%9FA4%8F%F0%9F%8F%BD&text=A%20assistente%20social%20contava%20com,antes%20de%20entrar%20no%20reality.>

¹⁶⁴ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/juninho-disputa-vaga-no-bbb-24-conheca.ghtml>

a mãe e uma irmã em uma casa que construiu no mesmo lugar em que cresceu. Tem uma filha de 20 anos, com quem não mantém muito contato, sendo que sua ex-esposa faleceu recentemente.

Ao ser questionado sobre sua sexualidade, Juninho disse que prefere não se definir. Como foco principal está o prêmio, com o objetivo de mudar a sua vida e a de sua família, que passa ainda por dificuldades financeiras.

FIGURA 47: APRESENTAÇÃO – JUNINHO



Fonte: Globo.

Juninho teve uma passagem rápida pelo programa, sendo o sétimo eliminado da edição, com 60,35% dos votos, em um Paredão disputado com três mulheres do Pipoca¹⁶⁵. Apesar de uma participação considerada, em geral, tranquila, houve um episódio no qual o motoboy esteve envolvido e que contribuiu para a sua eliminação. Ele tentou flertar com duas outras participantes, sendo que elas eram amigas e aliadas no momento e isso foi apontado por elas como uma atitude machista e de desrespeito. Ao sair do programa, ele comentou sobre esse episódio, dizendo entender que não havia passado do ponto.¹⁶⁶

¹⁶⁵

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/02/06/setimo-eliminado-bbb-24.htm#:~:text=Juninho%20foi%20o%20s%C3%A9timo%20eliminado,temporada%20com%20voto%20para%20eliminar.>

¹⁶⁶

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/bbb/nao-acho-que-passei-do-ponto-diz-juninho-setimo-eliminado-do-bbb24/>

Leidy Elin, de 26 anos, também integra o elenco¹⁶⁷. Moradora de uma favela, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, ela trabalhava, no momento de entrada no programa, como operadora de caixa, além de cursar o segundo período do curso de direito. Assim como outros participantes negros, ela conta que sua vida exige muito trabalho, desde a adolescência, sendo que estava em uma situação em que ia para casa no final da noite, apenas para dormir.

Além de ser operadora de caixa, Leidy Elin também fazia alguns trabalhos como trancista, atividade que aprendeu quando começou a trabalhar em um salão de beleza, ainda na adolescência. O foco no programa também era o dinheiro, para mudar a vida da família, principalmente de sua mãe, que, mesmo aposentada, faz trabalhos extras para complementar a renda.

No momento em que entrou no programa, Leidy estava solteira, sendo que havia terminado um noivado de 5 anos. Bastante comunicativa, Leidy chegou a despontar como uma das preferidas da edição logo após a sua confirmação, sendo a participante que, num primeiro momento, mais recebeu seguidores nas redes sociais¹⁶⁸.

FIGURA 48: APRESENTAÇÃO – LEIDY ELIN



Fonte: Globo.

¹⁶⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/leidy-elin-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.shtml>

¹⁶⁸

<https://www.otempo.com.br/entretenimento/realities/bbb/2024/bbb-24-1-anunciada-leidy-elin-ganhou-mais-de-290-mil-seguidores-no-instagram-1.3306726>

Durante as primeiras semanas de programa, Leidy teve uma participação considerada amistosa e tranquila. Ela chegou a ser chamada pelos fãs do programa de planta. Ela atingiu um recorde na história do programa: chegou ao 11º Paredão sem receber nenhum voto¹⁶⁹.

Porém, a sua aliança com algumas participantes – como Wanessa e Yasmin – e os embates que passou a ter com Davi contribuíram para a sua saída. De relacionamento amistoso, Leidy avançou para uma postura agressiva para com o motorista de aplicativo, protagonizando diversas brigas. Entre os apontamentos feitos por Leidy Elin, estava a percepção de que a desclassificação de Wanessa teria sido injusta e só ocorreu porque Davi denunciou a agressão. Nas redes sociais, a discussão gerou discussões, principalmente porque Leidy foi para o embate com uma pessoa negra para proteger mulheres brancas.

Uma das imagens que viralizaram, inclusive, é a do momento mais tenso entre Davi e Leidy, que defendia suas aliadas, enquanto Yasmin, uma de suas parceiras, aparecia atrás, assistindo e sorrindo. Em relação à situação, Leidy foi mais uma participante chamada de mucama, palavra que chegou aos assuntos mais comentados na rede social X (antigo Twitter), uma hora depois da discussão¹⁷⁰.

169

<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/03/6813071-bbb-24-planta-leidy-elin-quebra-recorde-historico-no-reality.html>

170

<https://www.terra.com.br/nos/bbb24-leidy-elin-sofre-racismo-nas-redes-apos-briga-com-davi-termo-pejorativo-chega-aos-assuntos-do-momento,ca5284b58d2712f32f40e90922a9b649vku5jpcv.html>

FIGURA 50: EMBATE ENTRE LEIDY E DAVI

Fonte: Globoplay.

QR CODE 21



Vídeo mostra briga entre Leidy e Davi – Fonte: Globoplay.

Fora da Casa, Leidy Elin passou a enfrentar uma série de ataques virtuais, que foram também classificados por especialistas como racistas¹⁷¹. Além das críticas ao seu nome, a participante também teve a sua conta no Instagram derrubada por *hackers*¹⁷², o que levou a equipe a acionar a assessoria jurídica e se posicionar. Dias depois, Leidy deixou a competição, recebendo 88,33% dos votos, recorde de

¹⁷¹

<https://www.terra.com.br/nos/bbb24-leidy-elin-sofre-racismo-nas-redes-apos-briga-com-davi-termo-pejorativo-chega-aos-assuntos-do-momento,ca5284b58d2712f32f40e90922a9b649vku5jpcv.html>

¹⁷²

<https://www.folhape.com.br/cultura/bbb-24-instagram-de-leidy-elin-foi-derrubado-e-equipe-se-pronuncia/322589/#:~:text=Segundo%20os%20administradores%20das%20redes,a%20conta%20da%20trancista%20ca%C3%ADsse&text=Na%20manh%C3%A3%20desta%20ter%C3%A7a%20feira,Brother%20Brasil%2024%2C%20foi%20derrubado.>

rejeição na edição. Na ocasião, ela disputava a permanência com outros três homens, incluindo Davi.

Ao chegar ao BBB, a trancista tinha cerca de 800 seguidores no Instagram. Ao sair, contava com 402 mil¹⁷³. No momento desta pesquisa, há 543 mil perfis a seguindo na rede social.

Lucas Henrique, de 29 anos, é outro integrante do grupo Pipoca da edição¹⁷⁴. De origem também humilde, saindo de uma favela do Rio de Janeiro, ele é, atualmente, professor de educação física, especialista em Relações Étnico-raciais e mestrando em Educação. Além de dar aulas em escola pública, também ensina capoeira, razão pela qual ficou conhecido como Lucas Capoeira, ou Buda, seu nome de batismo na atividade.

Lucas chegou ao confinamento sendo casado com uma mulher, também professora, mas sem filhos. Afirma que o que vem conquistando – como o apartamento que financiou com a esposa – tem a ver com o trabalho que desempenha desde a adolescência. Tendo se formado em instituição pública, é defensor da educação e, também participa de projetos sociais que promovem atividades físicas em lugares vulneráveis socialmente, como em Cabo Verde, na África.

Buda é o caçula de seis filhos, tendo perdido o pai na infância e a mãe recentemente. Sua preparação para cursar uma graduação foi em uma ONG na favela onde morava, o que o motiva a se envolver em causas sociais, para ajudar a mudar a vida de outros meninos, que encontram oportunidades em outras portas como a do tráfico. Assim como Juninho, Buda participou de uma dinâmica específica da edição de 2024 e foi escolhido pelos participantes que já estavam no confinamento.

173

<https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/bbb24-leidy-elin-vira-meme-ao-achar-que-tem-milhoes-de-seguidores#:~:text=Quando%20entrou%2C%20ela%20tinha%20cerca,%C3%A0%20marca%20de%20462%20mil>

174

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/lucas-henrique-disputa-vaga-no-bbb-24-conheca.ghtml>

FIGURA 51: APRESENTAÇÃO – LUCAS HENRIQUE



Fonte: Globo.

Em geral, o relacionamento de Lucas com os demais participantes da Casa é tranquilo. Ele também firmou parcerias e amizades, fazendo parte de um grupo que joga em conjunto. Apesar de alguns embates e desentendimentos com participantes, as ocorrências foram pontuais.

Apesar disso, o nome de Buda ficou bastante conhecido fora da casa por conta de uma suposta traição que ele teria cometido no confinamento. Ao investir algumas vezes em um relacionamento com Pitel, ele foi acusado de trair a esposa, já que eles não têm uma relação aberta. Perante os episódios, sua esposa decidiu comunicar a audiência de que estava ficando solteira – decisão que ele só descobrirá ao sair da Casa. Em poucos dias, ela ganhou seguidores nas redes sociais, superando os números do ex-marido e de grande parte do elenco da edição¹⁷⁵.

No momento desta pesquisa, ela conta com 3 milhões de perfis a seguindo no Instagram, espaço que utilizou para falar mal do ex-companheiro e expor o que julgou ter sido traição¹⁷⁶. Durante alguns momentos, Buda sente que pode ter decepcionado a esposa, como quando ganhou a ‘Prova do anjo’ – que confere imunidade – e não recebeu um vídeo dela, como é esperado. Nas redes sociais, a

¹⁷⁵

<https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/apos-flerte-com-pitel-ex-mulher-de-lucas-buda-vai-parar-no-hospital>

¹⁷⁶ <https://www.instagram.com/camilamoura225/>

situação tem sido tratada em muitos casos como piada, associando o seu nome à infidelidade.

Ao entrar no programa, Lucas era seguido por 7,7 mil pessoas no Instagram. No momento desta pesquisa, ele tem 215 mil seguidores¹⁷⁷.

Com uma passagem rápida pelo programa, Lucas Luigi também é um participante negro que integrou o grupo Pipoca¹⁷⁸. Aos 28 anos, ele chegou ao confinamento tendo dois trabalhos: como instalador de pisos e como vendedor de roupa. É casado e pai de uma criança e vive na periferia do Rio de Janeiro. Luigi também expôs a sua vida humilde e as dificuldades financeiras pelas quais passa, dizendo que o único objetivo de ir ao programa é a busca pelo prêmio, que poderia mudar a vida da família.

O ofício de instalador de pisos foi aprendido com o pai, desde a infância, sendo que a busca pelo outro emprego – que executa à noite – está ligado à necessidade de complementar a renda. Ciente das questões raciais, ele também não esconde que já enfrentou muitos episódios de preconceito e racismo.

FIGURA 52: APRESENTAÇÃO – LUIGI



Fonte: Globo.

Apesar da rápida passagem, Luigi também se envolveu em um episódio de racismo que acabou contribuindo para a sua eliminação do programa. Logo nos

¹⁷⁷ <https://www.instagram.com/lucas.capoeira/>

¹⁷⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/lucas-luigi-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.ghtml>

primeiros dias de confinamento, ele se referiu a Leidy, participante negra, como ‘macaca’. A trancista, então, conversou com ele e expôs o descontentamento. Dias depois, por exemplo, ao expressar que um dos participantes homens gostava de mulher preta, ele usou novamente a expressão ‘macaca’¹⁷⁹.

Nas redes sociais, as falas de Luigi repercutiram negativamente. Por um lado, diversas pessoas condenaram suas falas, trazendo a necessidade da discussão sobre o letramento racial. Por outro, muitos usaram seu posicionamento, enquanto negro, para dizer que as atitudes racistas existem entre as próprias pessoas negras¹⁸⁰.

Luigi também causou polêmica ao dizer que se considerava um hétero-gay¹⁸¹, ao dizer que mesmo se sentindo atraído por mulheres, gosta do estilo de vida das pessoas homossexuais. Ele foi o sexto eliminado do programa. A dinâmica de eliminação, no momento era em relação ao menos ficado para ficar, tendo ele recebido apenas 7,29% dos votos¹⁸², numa disputa com uma mulher e outros dois homens, todos do Pipoca.

Lucas Pizane, de 22 anos, é um baiano, natural de Itaparica, que também teve passagem pelo programa¹⁸³. Criado em um lar evangélico, ele disse ter tido uma educação bastante rígida e a diferença nas visões de mundo entre ele e o pai – agora separado de sua mãe – fizeram os dois se afastarem. Pizane mora com a mãe, com quem tem um bom relacionamento, e trabalha como músico.

Ele já participou de duas bandas, mas, no momento de entrada no confinamento, trilhava carreira solo, cantando nas noites de Salvador. Ele entrou no programa tendo um relacionamento com uma mulher fora da Casa, mas disse reconhecer ser carente e não descartava o envolvimento com alguém.

179

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/bbb-24-luigi-volta-a-chamar-mulher-negra-de-macaca-e-termo-racista-deixa-yasmin-brunet-indignada-nao-e-possivel-que-ele-nao-saia,45ee6be23240cee89e9f58d9f82fcc69fdrogx33.html>

180

<https://www.terra.com.br/nos/opiniaio/lua-andrade/bbb24-e-quando-o-macaca-vem-de-outro-negro,6491a033644b4eb7815106ed330fc657uxb5b2mm.html>

181

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/bbb-24-lucas-luigi-diz-ser-um-hetero-gay-e-explica-conceito,9e5d06b876e283e2eb3a7f090edc2fd0xvxxk7uk.html>

182

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/eliminacao/noticia/quem-saiu-do-bbb-24-luigi-e-o-sexto-eliminado-do-reality.ghtml>

183

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/lucas-pizane-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.ghtml>

FIGURA 53: APRESENTAÇÃO – PIZANE



Pizane, BBB24 – Fonte: Globo.

A passagem de Pizane pelo BBB foi ainda mais rápida do que de Luigi. Ele foi eliminado já no terceiro Paredão, com 8,35% dos votos (para ficar), numa disputa com duas outras pessoas do Pipoca, uma mulher e um homem¹⁸⁴. Entre as razões que o levaram à eliminação estava a sua participação em uma conversa que ocorreu entre homens héteros sobre mulheres com quem se relacionariam na Casa. Nesse contexto, alguns criticaram os corpos de algumas das *sisters*, usando falas machistas e que foram consideradas como uma forma de objetificar o corpo feminino¹⁸⁵. Pizane, na ocasião, não fez comentários, porém foi cobrado pelo público por não ter se posicionado ou contado o que tinha ouvido aos demais participantes.

Ao entrar no programa, Pizane tinha 3,8 mil seguidores no Instagram¹⁸⁶. No momento desta pesquisa, ele tem 655 mil¹⁸⁷.

Marcus Vinicius, de 30 anos, também fez parte da edição¹⁸⁸. Aos 30 anos, o comissário de voo é natural de Belém, no Pará, e morava, no momento de entrada

¹⁸⁴

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/eliminacao/noticia/quem-saiu-do-bbb-24-pizane-e-o-terceiro-eliminado-do-reality.ghtml>

¹⁸⁵ <https://portalpopline.com.br/bbb23-brothers-causam-polemica-analisar-corpo-mulheres/>

¹⁸⁶

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-24-quantos-seguidores-os-eliminados-ganharam-nas-redes-sociais-desde-o-comeco-do-reality-nprec/>

¹⁸⁷ <https://www.instagram.com/lucaspizane>

¹⁸⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/marcus-vinicius-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.ghtml>

no programa, em São Paulo, dividindo apartamento com um amigo. Ele conta que, para conquistar o que já tem, não teve uma trajetória fácil. Precisou vender empadas feitas pela mãe, por exemplo, para fazer cursinho pré-vestibular, o que gerou resultado, porque ele conseguiu cursar terapia ocupacional. No processo de formação, ganhou uma bolsa, pelo programa 'Ciência sem fronteiras', para estudar por dois anos nos Estados Unidos.

Quanto voltou do território norte-americano, deu aulas de inglês e, mais tarde, conseguiu vaga em uma companhia aérea, onde trabalhava havia cinco anos. Contudo, ele, que já fez aula de atuação e de canto, disse que o objetivo é investir na carreira artística e o dinheiro do BBB poderia ajudar nisso.

Assumidamente gay, ele disse que contou sobre sua orientação aos 15 anos, quando levou o primeiro namorado para casa. Depois desse episódio, disse que passou meses difíceis com a família, principalmente por conta de religião. Porém, o desentendimento foi superado. Ele entrou no programa solteiro.

FIGURA 54: APRESENTAÇÃO – MARCUS VINICIUS



Fonte: Globo.

A participação de Marcus no programa também foi tranquila, sendo que ele se envolveu em poucos embates e polêmicas. Houve um episódio, durante a dinâmica do 'Sincerão', em que ele se desentendeu com outro jogador, um homem branco do

grupo Camarote, e acusou o adversário de homofobia, por estar votando de forma recorrente em gays. A situação gerou posicionamentos divididos fora da Casa¹⁸⁹.

Marcus foi o oitavo eliminado da competição, com 84,86% dos votos, em uma disputa com outros dois participantes do Pipoca, um homem e uma mulher. Ao entrar no programa, ele era seguido por pouco mais de 4 mil pessoas¹⁹⁰. No momento desta pesquisa, ele conta com 1 milhão de seguidores nas redes¹⁹¹.

Quem teve a passagem mais rápida pelo confinamento na edição de 2024 foi Thalyta Alves¹⁹². Antes de entrar na Casa, ela também precisou passar por uma dinâmica e ser escolhida pelos participantes que já estavam confirmados. Contudo, duas semanas após a estreia, ela acabou eliminada, no segundo Paredão.

De Contagem, Minas Gerais, ela tem 26 anos e atua como advogada criminalista. Para chegar na profissão, que era o seu desejo desde a adolescência, ela trabalhou em outros ofícios, inclusive vendendo comida, para poder pagar cursinhos. A sua ida ao programa tinha como motivação principal o prêmio, para ajudar a família, em especial sua mãe, que ainda não tem casa própria.

Thalyta disse reconhecer a educação como uma ferramenta importante para a transformação social e expressou querer aprofundar nos estudos e dar aula em cursos da educação superior. Ela entrou na Casa solteira.

¹⁸⁹

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/marcus-arma-barraco-com-vinicius-no-bbb-24-voce-e-um-falso-e-ri-diculo-114552>

¹⁹⁰

<https://www.estadao.com.br/emails/gente/bbb-24-veja-lista-de-quais-participantes-que-mais-ganharam-seguidores-apos-o-anuncio-nprec/>

¹⁹¹ <https://www.instagram.com/marcus.vib/>

¹⁹² <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/thalyta-disputa-vaga-no-bbb-24-conheca.ghtml>

FIGURA 55: APRESENTAÇÃO – THALYTA



Fonte: Globo.

Uma das razões que levaram Thalyta para a berlinda foi o seu desentendimento com Juninho, participante negro integrante do Pipoca, também. Ela o confrontou na frente dos amigos dele sobre uma visão de jogo que, segundo ela, não era verdadeira. Os dois disputaram o mesmo Paredão (Além de Davi), e Thalyta acabou eliminada, com apenas 22,71% dos votos (para ficar).¹⁹³

No início do programa, ela era seguida por 2 mil pessoas no Instagram¹⁹⁴. No momento desta pesquisa, ela tem 137 mil.¹⁹⁵

Fazendo parte, também, do grupo Pipoca, o catarinense Maycon, de 35 anos, participou da edição¹⁹⁶, mas a sua passagem foi a mais rápida de todas: ele foi eliminado já no primeiro Paredão. De Balneário Camboriú, ele trabalhava, no momento da entrada no confinamento, como merendeiro em uma instituição educacional.

¹⁹³

<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb24/2024/01/bbb-24-thalyta-e-a-segunda-eliminada-com-2271-dos-votos.shtml>

¹⁹⁴

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-24-quantos-seguidores-os-eliminados-ganharam-nas-redes-sociais-desde-o-comeco-do-reality-nprec/#:~:text=Thalyta&text=Thalyta%2C%20que%20atualmente%20conta%20com,desde%20o%20in%C3%ADcio%20do%20programa.>

¹⁹⁵ https://www.instagram.com/thalytaa_alves/

¹⁹⁶

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/maycon-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-pipoca.ghtml>

O 'tia da merenda', como afirmou ser conhecido entre os alunos, foi parar na cozinha após passar por outras ocupações. Ele é formado em jornalismo e história, mas, depois de um processo de depressão, disse ter encontrado bem-estar na cozinha. Maycon também contou que precisou sair cedo de casa, ainda na adolescência, por conta da relação ruim que tinha com a mãe. Ele entrou no reality casado com uma mulher e afirmou que é fã do programa, tendo assistido a todas as edições.

FIGURA 56: APRESENTAÇÃO – MAYCON



Fonte: Globo.

Entre as razões apontadas pelos participantes da Casa e por fãs do programa para que Maycon fosse eliminado, estavam falas consideradas problemáticas. Durante a primeira 'Prova do Líder', por exemplo, ao lado de um participante com deficiência física que usava prótese em uma das pernas, ele falou, em tom de brincadeira, sobre apelidar o 'cotinho' – em referência ao recurso. Maycon também fez comentário sobre as roupas de uma das participantes do grupo Camarote.¹⁹⁷

Maycon foi eliminado com 8,46% dos votos para ficar. Ele disputava com duas mulheres brancas, uma do Pipoca e outra do Camarote. Ao entrar no programa, o

¹⁹⁷

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/maycon-e-eliminado-do-bbb-24-apos-constranger-e-irritar-adversarios-de-jogo-114083>

merendeiro tinha 1.141 seguidores no Instagram¹⁹⁸. No momento desta pesquisa, é seguido por 96,3 mil.¹⁹⁹

Raquele, de 22 anos, fecha o grupo Pipoca nessa edição²⁰⁰. Ela também não entrou diretamente na Casa, precisando passar pela escolha dos participantes que já estavam confirmados. Ela é estudante de engenharia mecânica e trabalha como doceira, tendo um empreendimento de delivery, junto com o seu namorado, com quem está há sete anos.

De Aracruz, no Espírito Santo, ela conquistou a vaga no BBB após tentar por diversas vezes. Queria conquistar o prêmio do programa para realizar seus sonhos, como comprar uma casa e se casar, com direito a uma grande festa. Ela também falou do desejo de conhecer e morar em outros lugares, com mais oportunidades.

De origem também humilde, sendo filha de uma mãe gari, ela começou a trabalhar desde muito nova, assim como outros participantes. Aos 13 anos, já atuava em um salão de beleza. Ela também já trabalhou na roça junto da família.

FIGURA 57: APRESENTAÇÃO – RAQUELE



Fonte: Globo.

¹⁹⁸

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/fora-da-casa/noticia/bbb-24-quantos-seguidores-os-participantes-ganharam-veja-quem-sao-os-mais-populares-da-edicao.ghtml#:~:text=Maycon%20%F0%9F%91%A8%F0%9F%8F%BD%E2%80%8D%F0%9F%8D%B3&text=Antes%20do%20Big%20Day%2C%20Maycon,por%2086%2C3%20mil%20usu%C3%A1rios.>

¹⁹⁹ <https://www.instagram.com/mayconcosmer/>

²⁰⁰ <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/noticia/raquele-disputa-vaga-no-bbb-24-conheca.ghtml>

No jogo, Raquele teve uma participação tranquila, sendo que se envolveu pouco em embates diretos com outros participantes. Apesar disso, entre as suas aliadas estavam mulheres brancas, tendo sido cobrada por essa razão, inclusive quando se posicionou, ao lado delas, contra Davi, homem negro. Ela também teve um desentendimento com Marcus Vinicius, quando ele apontou o seu jogo como confortável, cobrando mais posicionamento individual dela²⁰¹. Essa ideia, traduzida pelo adjetivo ‘planta’ repercutiu dentro e fora do reality, o que contribuiu para a sua rejeição.

Raquele foi eliminada no 13º Paredão, com 87,14% dos votos²⁰², a segunda maior rejeição da temporada, atrás apenas da de Leidy Elin, também mulher negra. Ela disputava a permanência com duas mulheres brancas do Pipoca. Ao entrar no BBB, a doceira tinha 4,1 mil seguidores no Instagram²⁰³. No momento desta pesquisa, ela conta com 910 mil²⁰⁴.

Camarote

O cantor. Rodriguinho, de 45 anos, foi o único participante negro no grupo Camarote na edição de 2024²⁰⁵. Bastante conhecido do público em geral, ele fez muito sucesso nos anos 90, quando integrou o grupo ‘Os Travessos’, com hits conhecidos até na atualidade, como ‘Sorria, que eu estou te filmando’. Nos últimos anos, o cantor segue carreira solo, tendo equipe de apoio, mas não integrando uma *boy band*, como era antes.

Além de ser referência na música, especificamente no gênero pagode, Rodriguinho se tornou símbolo sexual e foi capa de diversas revistas voltadas ao público mais jovens. Sua presença em programas de TV com grande audiência

²⁰¹

<https://www.terra.com.br/diversao/tv/reality-shows/bbb-24-raquele-fica-chateada-apos-ser-chamada-de-coadjuvante,81d05d6c252438c83f02613990089066ztvwfjqv.html>

²⁰²

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/03/19/bbb-24-raquele-e-13a-eliminada-com-8714percent-dos-votos.ghtml>

²⁰³

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/fora-da-casa/noticia/sister-do-bbb-24-ganhou-mais-de-1-milhao-de-seguidores-em-uma-semana-veja-a-lista.ghtml>

²⁰⁴ <https://www.instagram.com/raquele.cardozo>

²⁰⁵

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/big-day/noticia/rodriguinho-e-participante-do-bbb-24-no-grupo-camarote.ghtml>

também era frequente. De acordo com ele, a decisão de aceitar o convite ocorreu após conversa com a esposa, amante do programa e com o empresário.

Entre os objetivos dentro da Casa, o artista destacou o aumento da visibilidade para explorar musicalmente depois da experiência, especialmente em um momento em que, segundo ele, o pagode volta a ganhar destaque.

FIGURA 58: APRESENTAÇÃO – RODRIGUINHO



Fonte: Globo.

A participação de Rodriguinho na edição foi bastante polêmica, tendo ele saído da competição com o título de vilão. Além disso, o seu mau humor foi apontado por fãs do programa, participantes e comentaristas do entretenimento. Ele chegou a falar, por diversas vezes, que não precisaria estar participando da experiência.

Além de seus posicionamentos contra participantes que foram se consagrando como preferidos para levar o prêmio, como Davi, Rodriguinho passou a ter alta rejeição, manifestada nas redes sociais, devido a falas no contexto do jogo²⁰⁶. A primeira polêmica envolvendo o nome do participante esteve relacionada ao comentário que fez em relação ao corpo de Yasmin, modelo participante do grupo Camarote. Na ocasião, ele chegava a indicar que o corpo dela já não era o mesmo e que ela havia relaxado no cuidado com a aparência. Essa fala foi seguida às suas

²⁰⁶

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/bbb/falas-polemicas-e-mau-humor-relembra-a-passagem-de-rodriguinho-pelo-bbb-24/#:~:text=O%20cantor%20disse%20que%20daria,quase%20dando%20uma%20voadora%20nele.>

cobranças para que a participante, que era próxima a ele no jogo, parasse de comer para que não engordasse.

QR CODE 22



Vídeo mostra Rodriguinho comentando sobre corpo de Yasmin – Fonte:
Globoplay

Rodriguinho também foi criticado por outras falas machistas, como quando disse que bateria em sua esposa caso a visse abraçando outro homem. Em relação à violência, por diversas vezes, ele também ameaçou bater em Davi, outro participante negro, com quem o cantor não se entendia.

Apesar da passagem polêmica pelo programa, Rodriguinho só saiu do reality no 10º Paredão, com 78,23% dos votos, numa disputa com um homem e uma mulher integrantes do Pipoca²⁰⁷. A rejeição, em votos, foi alta, mas não superou a de outros jogadores, como Raquele e Leidy Elin.

Ao entrar no programa, ele tinha 2,1 milhões de seguidores no Instagram²⁰⁸. No momento desta pesquisa, o cantor conta com 4,4 milhões de perfis o seguindo na rede social²⁰⁹.

²⁰⁷

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-24/eliminacao/noticia/quem-saiu-do-bbb-24-hoje-rodriguinho-e-o-decimo-eliminado-do-reality.ghtml>

²⁰⁸ <https://www.oficinadanet.com.br/curiosidades/52354-bbb-24-participantes-seguidores>

²⁰⁹ <https://www.instagram.com/rodriguinho/>

5. REGULARIDADES MIDIÁTICO-DISCURSIVAS ACERCA DE PARTICIPANTES NEGROS: ENTRE MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E DE ESTEREÓTIPOS

Nesta seção, com base nos dados coletados a partir das edições de 2021 a 2024 do programa Big Brother Brasil, com o acesso, também, objetivo reunir percursos midiático-narrativos presentes na produção em relação à presença de participantes negros, que, como vimos, foi ampliada a partir de 2021, em virtude de movimentos e compromissos firmados pela Rede Globo para o aumento da representatividade da diversidade da população brasileira.

Entendo que os perfis dos participantes selecionados, bem como as relações que estabelecem entre si em um espaço que nem sempre foi marcado por esses corpos, contribuem para um processo de identificação perante o público e, ao mesmo tempo, aponta para estereótipos dignos de consideração e ressignificação.

Também compreendo, com base em Hall (2015), que o produto midiático aqui em questão é um artefato cultural fruto de uma relação espaço-tempo e que reúne elementos e características de movimentos globais, especialmente em um contexto em que o acesso às referências – em especial as oriundas dos centros ocidentais – ocorre de maneira cada vez mais simplificada, considerando as comunicações globais. Em relação a isso, ao levarmos em consideração a decisão pela ampliação no número de participantes negros no BBB, há um atendimento a expectativas globalizadas, como fruto mesmo da globalização – e, por assim dizer, da replicação de produções em diferentes localidades do globo.

Hall (2015), a esse respeito, aponta que uma das consequências do processo de globalização é a homogeneização da identidade cultural. Num primeiro momento, pode-se pensar que o aumento da representação da diversidade em um programa midiático – entendido por nós como legítimo e necessário – dá conta, isoladamente, de desafiar as tendências generalizadas e globais. Sob esse ponto de vista, o programa não contribuiria, no atual patamar, para o reforço de estereótipos e no movimento de homogeneização identitária. Contudo, existem pelo menos três movimentos, chamados por Hall (2015) de contratendências, que, ao mesmo tempo em que fazem parte desse processo de homogeneização, contribuem no sentido de reforçar tendências e controlar consumos – neste caso, o midiático.

O primeiro deles se refere ao fato de que, de forma conjunta e aliada à tendência de homogeneização global, existe um fascínio, uma contemplação do que

é diferente. Em outras palavras, os movimentos globalizantes, que acabam influenciando as produções midiáticas, ao mesmo tempo em que permitem o ditar de normas e padrões, também permitem o acesso rápido a realidades diferentes, perante as quais olhos fascinados se colocam. Essa consideração das diferenças não é, porém, segundo Hall (2015), a valorização das liberdades e das autonomias, mas ocorre mais no sentido de um controle, sendo que aspectos desvirtuantes da tendência podem ser explorados em um ou outro momento, a serviço mesmo do processo de globalização.

A isso está relacionada, também, a ampliação da representatividade da diversidade da população no programa midiático, no sentido de gerar a identificação do público. Esse movimento, porém, como vimos, não está alheio de interferências e a afirmação de padrões explícitos e implícitos que operam no imaginário da audiência. Em outras palavras, estou a dizer que a simples permissão de presença de corpos negros em um espaço midiático não cumpre o papel de valorização dos sujeitos pertencentes a esse grupo, mas é aplicada, já que “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações “globais” e novas identificações “locais”” (HALL, 2015, p. 45).

Outro aspecto relacionado a esse contexto está relacionado ao conceito de geometria do poder (MASSEY, 1991). Essa ideia vincula-se aos diferentes níveis de poder existentes, relacionados aos deslocamentos e aos fluxos, de forma que quanto maior a capacidade de acessar os diferentes lugares, maior o controle exercido por um determinado grupo. Sendo assim, surgem os conjuntos que controlam, que operam e que são controlados.

Ao considerarmos esses deslocamentos e fluxos no contexto midiático, há a compreensão de que, muito embora, faça parte do imaginário social de uma considerável parcela da população o desejo de participação em um *reality* que pode transformar a vida, principalmente no sentido financeiro (como vimos em relação às justificativas apresentadas pelos participantes), esse acesso é controlado e não é permitido a todas as pessoas. Nesse cenário, fica compreendido, então, que há grupos controladores e outros tantos que terão experiências a partir das ações geradas pelos primeiros.

O terceiro ponto a ser observado é que, pelo fato de as produções culturais das sociedades ocidentais dominarem o globo, gera-se a percepção de que são

esses mesmos espaços os mais democráticos e abertos à diferença. Deve-se, porém, ter em mente, conforme preconiza Robins (1991), que o capitalismo global é fruto de uma missão ocidental e, por isso, os movimentos estarão a favor desse.

De acordo com essa percepção, é nítido que a globalização é aplicada de forma muito desigual ao redor do mundo, o que cria um certo paradoxo: ao mesmo tempo em que as diferenças identitárias estão presentes de forma mais intensa nos espaços periféricos, para acessar as diferenças, há o incentivo de deslocamentos para os centros. Em outras palavras, é mais fácil ter acesso a uma diversidade de opções em formas de comida, arte e modos de vida – mesmo que reconfigurados, reprogramados – nos grandes centros do que em espaços periféricos. Essa também seria uma forma de controle.

Ao assemelharmos o espaço geográfico ao midiático, também conseguimos compreender essa provocação. A partir do momento em que corpos negros deixam os espaços menos visíveis e passam a ocupar o horário nobre, no programa de entretenimento de maior faturamento, como vimos, há concentrado naquele espaço uma ideia de representatividade, porém controlada e servindo a determinados objetivos, como o da audiência. Por outro lado, ao se conhecer os perfis e as relações estabelecidas por essas pessoas em um ambiente vigiado, gera-se a compreensão de conhecimento sobre a complexidade do grupo ao qual fazem parte, a partir dos estereótipos e representações, ao passo que o aprofundamento sobre temáticas importantes para a promoção das liberdades, da autonomia e da igualdade é esvaziado.

Entendo o BBB, então, como um artefato cultural que influencia processos identitários e que é elaborado e produzido no seio de um movimento global que tem o capitalismo ocidental como norte. Por outro lado, como produto cultural presente no contexto social, pode (e deve) servir para discussões, repensares e confrontamentos – como o que se faz aqui –, no sentido de estabelecer compreensões sobre os ensinamentos possíveis a partir das produções, ou, em outras palavras, como vimos com base em Hall (2003), sobre as pedagogias midiático-culturais presentes nesses espaços.

Esse movimento que fazemos tem nos Estudos Culturais as suas raízes. Encontra amparo, por exemplo, em uma visão contra-hegemônica (WILLIAMS, 1973) no sentido de entender o a hegemonia (conceito cunhado inicialmente por Gramsci) como o lugar e a ação que, muito embora tidos como padrões, não são

sempre acessíveis. Nesse sentido, a hegemonia também é vista como uma cultura, “mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes” (WILLIAMS, 1979, p. 113).

Como forma de organização desse pensar, no sentido de perceber processos identitários e de representação de pessoas negras no contexto do programa Big Brother Brasil, a análise está dividida em duas fases. Na primeira, chamada de “Identificação e Estereotipização dos corpos negros”, foram identificadas, de maneira geral, a partir dos perfis e da trajetória dos participantes do programa, regularidades relacionadas às identidades e aos estereótipos atendidos pelos selecionados. Na segunda, nominada como “Percepções da experiência midiaticizada”, apresentam-se ocorrências que levam a compreensões sobre o papel da pessoa negra na sociedade.

5.1. Identificação e Estereotipização dos corpos negros

A partir da análise dos perfis de participantes selecionados para o Big Brother Brasil, nas edições de 2021 a 2024 – com base em informações coletadas sobre origem, objetivos, condição financeira e sexualidade, entre outros aspectos, identifica-se que há traços recorrentes que operam no sentido de padronização. Trato, em especial, de quatro regularidades presentes em relação aos corpos negros ocupando esse espaço midiático, qual sejam: o negro pobre; o negro intelectual; o negro trabalhador; o negro festivo.

A definição dessas regularidades decorre das percepções gerais sobre o programa, mas, principalmente em relação à apresentação dos participantes. As informações coletadas nas matérias oficiais padronizadas produzidas pela Rede Globo, para anunciar e apresentar os integrantes de cada edição, são levadas em consideração nesse exercício.

A pobreza é marca da apresentação de quase todos os participantes negros que passaram pelo programa de 2021 a 2022. Todos os integrantes do grupo Pipoca relatam – de forma direta ou indireta e de maneira atual ou passada – esse aspecto. Já em relação aos participantes do Camarote, a relação com ambientes pobres também ocorre, mas de forma indireta. Personagens como Projota (BBB 2021) Linn da Quebrada (BBB 22), Domitila Barros e Fred Nicácio (BBB 23), ocupam outros espaços não associados à pobreza, mas sua apresentação está relacionada a essa

origem, no sentido de apontar que a superação passa pelo abandono do lugar, que é tido no imaginário como não-desejado.

O pertencimento a espaços periféricos aparece, em relação a participantes oriundos de grandes centros, na forma de termos como “favela”, “comunidade” e “subúrbio”, que provocam sentidos diversos no imaginário social e representam muito mais do que um lugar físico, mas um espaço de vivências cujas características são específicas. Essas representações, geralmente ligadas a aspectos negativos, que se sobressaem em relação aos demais, são constantemente reforçados em nosso meio social.

A mídia, por exemplo, tem feito historicamente esse papel. De acordo com Barcelos (2016), a descrição do espaço das favelas, que por muito tempo foi feita por meio de diversos tipos de discurso, constitui o imaginário social. Segundo a pesquisadora,

[...] a gênese do processo de construção das representações sociais das favelas remonta às descrições e imagens que nos foram legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX. Amplamente divulgados naquela época, esses textos permitiram o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre as favelas e seus moradores, ao mesmo tempo em que opunham favela e cidade. Tais discursos circulantes dos quais a autora fala, apesar de originários de diferentes tendências ideológicas e políticas, carregavam percepções semelhantes, que são discutidas por ela ao longo da obra. (BARCELOS, 2016, p. 63-64)

Sob esse viés, a dicotomia entre favela e cidade, que nos leva a associar o sucesso de alguns participantes ao deixarem o espaço de origem, contribui para reforçar a ilegalidade e o não-desejo pelo espaço periférico. Isso está relacionado, também, à ideia de que a transformação social é possível a partir da migração do sujeito, e não da transformação do espaço. Esse aspecto identitário encontra, mais uma vez, abrigo no conceito de geometria do poder (MASSEY, 1991).

Escolhemos o termo favela, no lugar de comunidade e outras palavras possíveis, seguindo recomendação do IBGE, datada de 2022, que aponta para a retomada da expressão, que estava em desuso oficial e formal há 50 anos²¹⁰. Entre

210

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/ibge-volta-usar-o-termo-favela-em-censos-e-pesquisas#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,historicamente%20pelo%20%C3%B3rg%C3%A3o%20desde%201950.>

as razões apontadas pelos pesquisadores, está a necessidade de ressignificação da palavra e, por conseguinte, do espaço a ela associado.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), 67% das pessoas que vivem em favela são negras²¹¹. O percentual está muito além do observado nos demais espaços, onde a média é de 55%. A vinculação de participantes negros do BBB à periferia, por um lado, representa a realidade existente. Por outro, sem a devida discussão, indica esse mesmo lugar destinado a essas pessoas, apontando que a mudança de vida, no sentido financeiro, passa obrigatoriamente pelo abandono desse lugar.

A relação entre o negro e a intelectualidade aparece no perfil de participantes como Lumena, Gil do Vigor (BBB 21), Jessilane (BBB 22), Ricardo, Sarah Aline, Domitila Barros, Fred Nicácio (BBB 23), Lucas Henrique e Marcus Vinicius (BBB 24). Como regularidades, essa relação é percebida principalmente a partir de duas vertentes. Na primeira, há o apontamento da possibilidade de ocupação de espaços de poder independentemente da cor da pele e da raça. A presença de Fred Nicácio, tanto no programa quanto na carreira de médico, exemplifica esse pensar.

Em contraste com essa realidade, temos que a presença de pessoas negras ocupando postos na medicina – área ainda bastante elitizada, tanto em relação à preparação quanto para o exercício – é ínfima. Para se ter uma ideia, de acordo com dados do Conselho Federal de Medicina (CFM), considerando os formandos na área no ano de 2020, apenas 3% eram negros²¹².

Essa mensagem presente no programa, sobre o espaço livre para o acesso de todos os que desejarem, também encontra reforço em alguns outros momentos. A trajetória de Thelminha, também médica e vencedora da edição de 2020 (que não está aqui em análise), é exemplo disso. Num contexto de responsabilização no processo de transformação de realidades, essas ocorrências precisam ser consideradas como sendo exceções.

Como exemplo dessas exceções, especificamente em relação à área da medicina, apresento o depoimento do médico Marcelo Nascimento em um contexto não relacionado ao programa – espaço que chamamos como não controlado, ou da

²¹¹

https://www.google.com/search?q=negros+s%C3%A3o+maioria+nas+favelas&oq=negros+s%C3%A3o+maioria+nas+favelas&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDcwNDZqMG00qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8

²¹²

<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2022/11/30/conselho-federal-de-medicina-aponta-que- apenas-3percent-dos-medicos-sao-negros.ghtml>

realidade vivida. Ele, que é negro, viralizou nas redes sociais após contar chorando, em um vídeo, que foi abordado por uma mãe que disse que o filho – também negro – se espelha nele para a profissão. A comoção gerada pela situação está relacionada ao fato de ser um desvio do que é percebido comumente.

QR CODE 23



Vídeo mostra médico emocionado por ser referência – Fonte: R7.

Há uma distância, então, entre a realidade vivida e a experiência midiaticizada, que não fica explícita na produção midiática. Para além da condição enquanto médico, essa situação abrange outras áreas e participantes do programa. A presença de Linn da Quebrada (BBB 22), mulher travesti e negra, também avança nesse sentido. Se, por um lado, o seu corpo nesse espaço serve para o processo de identificação por parte de outras mulheres na mesma condição – e isso é muito importante –, por outro, é necessário que haja a compreensão de que essa ocorrência é um desvio do padrão percebido. Isso porque o Brasil continua sendo o país que registra o maior número de mortes por transfobia, sendo 1/3 dessas pessoas negras²¹³.

Além dessa vertente, a relação dos participantes negros com a intelectualidade ocorre, também, no sentido de apontar esse como sendo o caminho para as transformações sociais, envolvendo o aspecto financeiro. Domitila Barros (BBB 23), por exemplo, que já tinha se formado no exterior e participava do grupo Camarote, indica isso. Por outro lado, também, são indicados aqueles que estão no caminho, como Gil do Vigor (2021), que, no momento do programa, era estudante de

213

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-pessoas-trans-no-mundo-diz-dossie>

doutorado. Essa experiência midiaticizada difere, também, da realidade vivida, uma vez que, apesar do avanço no número de matrículas de pessoas negras nas universidades, no geral, esse número ainda é menor do que o de pessoas brancas²¹⁴.

Além disso, é preciso explicitar que as postagens nas redes sociais relativas a conteúdos educativos, no caso dos ex-participantes, têm alcance menor do que as de outras naturezas, como sobre a rotina ou eventos. Lumena, por exemplo, deixou de focar em conteúdos sobre negritude e a pauta antirracista negra. O quadro ‘Jessiologia’, de Jessilane, apesar de mantido, acaba tendo menos engajamento que os demais. Isso também ocorre com Gil do Vigor. Recentemente, o ex-BBB mostrou que perdeu 147 mil seguidores no Instagram ao começar a postar conteúdos relativos a educação financeira²¹⁵.

Podemos relacionar esse aspecto da intelectualidade, como condição para o sucesso – o que não se materializa na realidade vivida – ao seguinte: do trabalho, que também está relacionado à origem pobre da maior parte dos participantes. A indicação de começar a trabalhar desde muito novo, o que aparece nas apresentações de personagens como Vyni (BBB 22), Sarah, Bruno (BBB 23), Davi e Leidy (BBB 24), é exemplo da valorização dessa característica para o sucesso.

Ao se comparar a experiência midiaticizada com a realidade vivida, porém, essa regularidade não segue a mesma proporção. Dados do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) apontam que, mesmo trabalhando o mesmo tanto ou mais que as pessoas brancas, as negras ainda ganham 13% menos²¹⁶.

A festividade promovida e vivenciada pelo negro corresponde a outro aspecto percebido no perfil dos participantes. Essa característica está presente, por exemplo, nos perfis de Gil do Vigor – com o seu jargão ‘cachorrada’, que indica a bagunça, a festa, a e a informalidade – e Lucas Penteado (BBB 21). Por outro lado, posturas mais sérias e firmes, principalmente quando se fala sobre a pauta antirracista,

²¹⁴

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/06/proporcao-de-universitarios-negros-cai-pela-primeira-vez-desde-2016.ghtml#:~:text=Em%202022%2C%20o%20IBGE%20divulgou,as%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas%20e%20privadas.>

²¹⁵

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/gil-do-vigor-perde-147-mil-seguidores-apos-postar-conteudo-educativo/#:~:text=O%20influenciador%20e%20ex%20DBBB,social%20e%20comentou%20o%20ocorrido.>

²¹⁶

<https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2023/11/pesquisa-aponta-que-negros-ganham-salario-menor-do-que-os-brancos-exercendo#:~:text=O%20levantamento%20feito%20pelo%20Insper,e%20exercendo%20a%20mesma%20fun%C3%A7%C3%A3o.>

tendem a ser rejeitadas. Isso é o que percebemos nos perfis de Lumena (BBB 2), Linn da Quebrada (BBB 22) e Domitila Barros (BBB 23).

De certa maneira, esses perfis estão associados a estereótipos que historicamente marcam a existência de pessoas negras. Entre esses estereótipos, estão os cinco apresentados por Hall (2003): o do bom negro, o do malandro, o da mulata trágica, o da mãe preta e os mal encarados, este último atribuído àqueles com posicionamentos específicos e mais sérios em relação a algumas pautas.

5.2. Percepções a partir das experiências midiáticas

A partir da trajetória dos participantes e de suas relações no programa, no espaço que chamamos de experiência midiática, são encontrados, também, a partir dos episódios destacados das diversas edições, padrões que contribuem para a fixação de regularidades midiático-discursivas acerca das pessoas negras. Nesse exercício, foram identificadas cinco regularidades, quais sejam: expectativa pelo sujeito pacífico; rejeição a participantes com pautas antirracistas e combativos; embates entre pessoas negras como entretenimento; tratamento desigual entre participantes brancos e pretos; e esvaziamento da pauta do antirracismo negro.

Conforme apresentado nas materialidades extraídas da experiência midiática, há alguns participantes negros que foram longe na competição, chegando até mesmo à final do programa. Isso é o que aconteceu, por exemplo, com Gil do Vigor, João Luiz, Camilla de Lucas (BBB 21), Jessilane, Paulo André, Douglas Silva (BBB 22), Ricardo, Sarah Aline, Aline Wirley (BBB 23), Davi, Giovana Pitel, Lucas Henrique e Raquele (BBB 24). Esses personagens guardam entre si a característica do não-embate em relação às questões étnico-raciais. A maior parte deles, inclusive, não tratou sobre a temática durante a sua passagem pelo *reality*.

Há exceções, como vimos. Dentre elas, estão João Luiz, que se viu envolvido no episódio da comparação de seu cabelo ao do 'homem das cavernas', e Camilla de Lucas, que saiu em defesa de João Luiz. Apesar disso, ambos estavam numa posição de defesa, e não tinham uma postura de enfrentamento e agressiva, atribuída a outros participantes.

O dispositivo da passividade opera no sentido de indicar como a sociedade em geral, a partir do racismo estrutural, exige a subserviência da pessoa negra, no sentido de apontar que se deve aceitar o papel a ela atribuído, sem questionamentos e embates. A esse respeito, de acordo com Fanon (2008), o

homem de cor é julgado não por suas qualidades intrínsecas, mas pela cor de sua pele. Ele é visto como sujeito a um tipo peculiar de sugestão: a de que deve permanecer em silêncio, que não deve se atrever a tomar a iniciativa, e que deve aprender a se contentar com sua condição.

Ao abordar a questão, Fanon destaca a maneira como o negro passa pelo processo de estereotipização, sendo que o posicionamento em relação ao que se espera dele contribui para o reprimir. A regularidade observada no programa em relação aos participantes negros caminha nesse sentido: o de aceitar a contínua presença do corpo negro nos espaços não ocupados comumente por ele desde que a ordem percebida nesse contexto não seja posta em xeque, a partir de posicionamentos e afrontamentos diretos.

De certa maneira, esse mesmo dispositivo opera no sentido de docilizar os corpos negros, já que, como vimos, a ocupação desse espaço – tão desejado no imaginário da sociedade – representa uma condição de poder. Foucault oferece bases para se pensar sobre isso. Ao tratar sobre poder, ele explicita como esse é um dispositivo que não se constitui como instância enrijecida, mas como marca das relações que se estabelecem em diferentes lugares e contexto. Assim, o “poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa em uma sociedade determinada” (FOUCAULT, 1979, p. 91). Dessa maneira, o poder está espalhado por toda parte; já que, mesmo que não envolva a tudo, tem origem em todas as partes.

Sendo o BBB um programa cuja ocupação é desejada, como condição para acesso a privilégios sociais, as relações de poder operam nesse espaço, de maneira descentralizada. Essa ideia do poderio está ligada à do controle, já que, quanto mais poder, mais possibilidade de influenciar condutas. E as dinâmicas do programa retroalimentam esse sentido, uma vez que a disputa pelo poder e pelo lugar do privilégio sempre é colocada em destaque. Citemos duas: semanalmente, um grupo do programa fica no espaço chamado de ‘Vip’ – em que há privilégios vários, incluindo o maior acesso a recursos financeiros e, por conseguinte, a baixa restrição alimentar – e outro fica na ‘Xepa’ – condição em que há o racionamento de recursos e alimentação. Essa definição dos grupos está ligada a uma outra dinâmica recorrente do programa: a da ‘Prova do líder’, que, realizada de forma padrão semanalmente, confere ao vencedor o acesso a privilégios, como o de não poder ser indicado ao ‘Paredão’; ter de indicar alguém à berlinda; acesso a quarto mais

confortável e com mais recursos; e a escolha de quem fica no ‘Vip’ e quem fica na ‘Xepa’.

Sendo assim, além de a própria entrada no programa já representar uma recompensa, ligada ao poder, perante aos milhares de concorrentes que anualmente se inscrevem para as edições, dentro da programação essa busca pelo poder é perpetuada a partir de incentivos constantes que levam a rivalidades intensas. Por parte do público, isso também é reforçado, uma vez que a atuação das torcidas organizadas em torno dos participantes – neste momento, explorando principalmente o espaço digital – tem como foco o alcance dos jogadores de referência a patamares cada vez mais altos.

Nesse contexto de incentivo à disputa, o desejo de passividade do negro encontra, então, tentativas de domesticação e docilização. Tais tentativas, que representam as regras e as dinâmicas de validação do público, são expressão dos procedimentos disciplinares, considerados indispensáveis ao controle, uma vez que a “disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1975, p. 135). Assim, o corpo dócil é útil, ele se submete, se dobra, se quebra, ele se deixa ser modelado, tornando-se maleável e dócil. Esse objetivo pode ser alcançado, segundo Foucault (1975), a partir de técnicas que também são percebidas no contexto do jogo midiático, tais como a vigilância, o treinamento e o controle, já que toda a estrutura da produção contribui para que haja o acompanhamento constante.

Além do desejo de passividade – expresso inclusive pelo posicionamento e validação do público, em geral –, essa condição tem sido também historicamente atribuída ao negro, no sentido de associá-la como sua característica que não o leva a condições sociais melhores. Isso porque o negro brasileiro foi construído e encarado como ser passivo e, por essa razão, não possuiria história e não teria potência para fazer sua voz ecoar (EVARISTO, 2017). Contudo, é necessário entender que essa associação é fruto de compreensão e movimento externos, inclusive para justificar a manutenção da ordem social. Fundamentalmente, o negro não é passivo, muito embora seja levado ao silenciamento. No território brasileiro, isso decorre de décadas de escravidão.

A esse respeito, Abdas Nascimento (1978), ao explorar as formas pelas quais ocorre o extermínio do povo negro, explica que, muito embora pareça que o negro, em muitos casos, prefira se acomodar, aceitando a situação em que se encontra

como destino, essa posição e compreensão são frutos de décadas de escravidão, cujas consequências estão ligadas ao processo de formação e a toda a história de nossa gente. São resultado de séculos de marginalização e silenciamento impostos pelo sistema colonial, ao passo que os direitos vão sendo negados a esse público, de forma cada vez mais generalizada e institucional.

Pais de família desempregados, filhos desamparados, sem assistência médica, sem condições de proteção familiar, sem escolas e sem futuro. E é este racismo coletivo, este racismo institucionalizado que dá origem a todo tipo de violência contra um povo inteiro. (NASCIMENTO, 1978, p. 134).

A mensagem de desejo por passividade no contexto do BBB tem, então, por um lado, a recompensa de permanência no jogo e, por outro, o reforço dessa característica como sendo natural desse público. As cobranças do público nichado em relação a Aline Wirley (BBB 23), por exemplo, no que diz respeito à sua falta de posicionamento sobre temas sociais (aspecto que está reforçado na própria expressão dela, como destacado), expressam esse pensar, embora não tratem como condição para a expulsão do espaço em primeira instância, visto que não há abalo da ordem social estabelecida.

Como contraponto ao dispositivo da passividade, aparece a recusa veemente ao negro combativo, incluindo as situações de mobilização antirracista. A recompensa a esse tipo de atitude, como vimos, é no sentido negativo, ligada à não permissão para que se continue a ocupar aquele espaço e à rejeição generalizada – com foco principalmente no contexto digital. Passam por esse processo, por exemplo, as participantes Lumena, Karol Conká (BBB 21), Maria, Natália (BBB 22), Tina, Domitila Barros, Fred Nicácio (BBB 23) E Leidy Elin (BBB 24).

O posicionamento combativo reprovado pelo público está relacionado à ideia de agressividade. A presença de pessoas negras combativas assumindo os *rankings* de maiores percentuais de rejeição das edições – como no caso de Karol Conká – guarda relação com esse aspecto. Se, por um lado, como vimos, há, até certa medida, o desejo pela passividade – o que gera recompensa positiva –, por outro, existe a condenação ao elemento combativo, que, acaba sendo traduzido como o comportamento natural do negro, percepção que historicamente está relacionada a esse público.

A representação da agressividade do negro é uma construção ideológica que serve para justificar a violência estrutural e institucional que perpetua a marginalização e a exclusão racial. Ao relacionarmos esse aspecto ao lugar de origem da pessoa negra, que, como dissemos, tem a ver com os espaços periféricos, há, então, um sentido de justificativa que opera como discurso.

Nesse mesmo aspecto, Bento (2002, p. 143) afirma que há uma compreensão generalizada no seguinte sentido:

São os negros que invadem o que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. São os negros fora de lugar. Quando se colocam em posição de igualdade com os brancos são percebidos como agressivos, e isso parece ocorrer em razão de mudança de estereótipo, ou seja, o estilo subserviente, tão criticado, na verdade é o mais bem aceito, porque não é percebido como concorrente, disputando lugares de poder ocupados pelo branco. Branquitude pode ser vista como territorialidade e como lugar de privilégio e poder não compartilhável.

Dessa maneira, a postura combativa, de enfrentamento, de embate, é apresentada como característica geral do povo negro, no sentido de ocupação de um espaço que não é o naturalmente designado a ele. A esse respeito, Fanon (2005) afirma que há uma inversão em relação ao que ocorreu entre colonizadores europeus e colonizados. O uso da força física, inicialmente, foi condição para que houvesse o domínio dos brancos sobre os negros. Porém essa narrativa é recontada, no sentido de apontar que a civilidade e a postura amistosa estão ligadas ao branco, sendo o negro um transgressor.

A violência com o qual se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa contrapartida, o colonizado tenha um riso irônico quando se evocam diante dele esses valores (FANON, 2005, p. 60).

Essa atribuição à natureza do negro também encontra eco na recusa pelas produções e formas de vida que nascem dos movimentos negros, uma vez que a agressividade atribuída a esse público muitas vezes reflete o medo e a insegurança de uma sociedade racista que se sente ameaçada pela afirmação da dignidade e dos direitos do povo negro. Episódios como o vivenciado por Fred Nicácio (BBB 23),

de racismo religioso, ensinam sobre a não-aceitação desses movimentos legítimos, demonizando-os, marginalizando-os.

Temos, então, a partir das duas regularidades anteriores, uma situação que pode ser apontada como um paradoxo, uma contradição. A passividade é, ao mesmo tempo, almejada e questionada, enquanto o posicionamento e a conduta combativa não são aceitos. Isso está relacionado a contexto sociais gerais, já que a “contradição é vivida pelo negro de forma intensa: sua passividade é condenada e também o são suas ações diretas contra a discriminação racial (NUNES, 2016, p. 135).

Muitas vezes, os posicionamentos combativos, em especial aqueles relacionados à defesa da negritude e à pauta antirracista, acabam sendo reprogramados, para que sejam invalidados. Os memes criados a partir dos apontamentos de Lumena (BBB 21), como a partir da hashtag ‘#lumenaautorizou’, por exemplo, contribuem para ironizar, de forma humorada, os posicionamentos da pessoa negra, no sentido de provocar o seu apagamento.

A ironia ligada ao humor em relação às manifestações negras é um movimento racista. Conforme assevera Ribeiro (2018, pp. 49-50), o “humor não está isento da ideologia racista. Isso é engraçado para quem? [...] Não somos fantasias de carnaval - não podemos ser ridicularizadas ou tratadas como meros corpos que sambam e rebolam. Respeitem nossa humanidade.” Essa forma de reação também é indicada como violência – não podendo ser entendida apenas como física –, mas a esses aspectos não se vê o questionamento na mesma intensidade.

É recorrente, também, nas edições, os embates entre pessoas negras como forma de entretenimento. Precisamos considerar que, muito embora o ambiente midiático em questão não seja controlado diretamente, há incentivos e influências que cooperam para que determinadas atitudes sejam tomadas. Os quadros ‘Jogo da Discórdia’ e ‘Sincerão’ são exemplos de estímulo à briga, à provocação.

Foi durante um deles, por exemplo, que ocorreu a agressão física entre Maria e Natália (BBB 22), que culminou na desclassificação de Maria. Foi também em decorrência dessa dinâmica que Leidy Elin e Davi (BBB 24) brigaram, contexto em que Leidy jogou as roupas de Davi na piscina, sob os olhares das demais pessoas. Nesse episódio, por exemplo, chama a atenção o fato de a ocorrência não servir apenas à audiência do programa, mas, também, como satisfação aos demais

jogadores, entre os quais Yasmin (BBB 24), mulher branca aliada de Leidy que, como vimos, enquanto ocorria a briga, ria.

De certa maneira, o conflito entre pessoas negras contribui para a manutenção da ordem, uma vez que a competição e o conflito entre negros muitas vezes são incentivados por um sistema que se beneficia da divisão e da fragmentação da comunidade negra. A falta de reconhecimento de pertencimento a um grupo social historicamente marginalizado, aliada à falta de união com membros desse mesmo grupo – porque há condições de similaridade entre eles e desigualdade em relação aos demais – contribui para que os privilégios dos brancos sejam mantidos.

Esse movimento ocorre no contexto de um pacto da branquitude, uma vez que, de acordo com Bento (2022), a partir de uma visão narcísica – de consideração do bom como aquilo que é de origem branca –, auxilia na perpetuação de privilégios sociais, da autopreservação, entendendo o diferente como uma ameaça ao que é considerado normal e universal. As decorrências desses conflitos também escancaram a continuidade do pacto. Quando o embate entre Leidy Elin e Davi (BBB 24) ocorreu, por exemplo, a reação a ela fora da Casa foi de rejeição e ataque, levando, inclusive, à derrubada de sua conta no Instagram, como vimos.

Falta aí, então, a compreensão de que os embates diretos entre os negros decorrem de um sistema que estimula esse tipo de conduta, reforçada pelas condições sociais impostas. É urgente o reconhecimento de que a perpetuação da violência entre negros é um sintoma da desigualdade estrutural e da falta de oportunidades que historicamente marginalizaram essa comunidade. Também não se deve descartar “a antiga estratégia de dominação utilizada desde os começos da colônia, de dividir os conquistados e criar conflitos entre eles” (NASCIMENTO, 1978, p. 168). É o que também se vê dentro do *reality*, com muitas investidas que procuram levar à desagregação e ao embate.

Muito embora precisemos reconhecer que estamos avançando no sentido de reconhecimento das desigualdades e do racismo para com as pessoas negras, é necessário também entendermos que algumas estratégias são reprogramadas, reformuladas. O incentivo à competição entre membros da população negra, por exemplo, também era percebido entre os escravizados, como uma consequência das relações hierárquicas estabelecidas pelos senhores de escravos e que

contribuía para a fragmentação das comunidades negras e o enfraquecimento dos laços solidários.

São as condições sociais às quais os negros foram expostos historicamente que contribuem para que esses embates ascendam, em especial no contexto de luta por sobrevivência e por direitos básicos – que estão sendo negados. Sendo assim, a miséria e a opressão, que afetam desproporcionalmente a população negra, criam condições propícias para conflitos internos e rivalidades entre os mais vulneráveis.

Ademais, as influências socioculturais são tão marcantes contra tudo o que provém da população negra, que, por vezes, os próprios integrantes desse público se revoltam entre si, a serviço da branquitude. Esse embate é, por um lado, contra o próximo, mas, também, contra si, já que as origens que são combatidas são as mesmas. Quando o negro se volta contra si, numa atitude reflexiva, temos, então, o que hooks (2019) aponta como sendo o auto-ódio, que ainda carece de mais estudos.

Muitas pessoas negras nos veem como se ‘faltasse algo’, como se fôssemos inferiores quando comparados aos brancos. É impressionante a escassez de trabalhos acadêmicos contemplando a questão do auto-ódio dos negros, examinando as formas como a colonização e a exploração de pessoas negras é reforçada pelo ódio racial internalizado via pensamento supremacista branco. Poucos acadêmicos negros abordam extensivamente a obsessão negra com a branquitude (hooks, 2019a, p. 48).

Diante de todo esse cenário, é identificada uma outra regularidade, qual seja, a do tratamento desigual entre participantes brancos e negros. Isso ocorre tanto na relação entre os próprios participantes quanto na recepção fora do programa. Tomemos dois pontos como principais para a análise: a rejeição a participantes desclassificados por conta da violência e a rejeição a participantes em embate direto com um participante negro de destaque.

Em relação ao primeiro, as duas participantes em foco são Maria (BBB 22) e Wanessa Camargo (BBB 24). Maria foi desclassificada da competição após agredir Natália com um balde, durante a dinâmica do ‘Sincerão’. Wanessa Camargo, por sua vez, foi tirada do jogo por conta de uma agressão a Davi. Como já vimos, há uma diferença no tratamento pós-programa às duas candidatas. Enquanto Maria precisou se afastar durante um tempo das redes sociais, não tem aparição frequente em programas da emissora e diz ainda sofrer com o ‘linchamento virtual’ que recebe,

Wanessa voltou às redes com menos de duas semanas após o ocorrido, já compôs e lançou um single, dando sequência mediata à sua carreira artística. Essa disparidade, conforme já apontamos, levou Maria a comparar o suporte recebido pelas duas mulheres e denunciar o tratamento desigual.

Leidy Elin (BBB 24), após ter embate direto com Davi, sofreu uma série de ataques racistas na internet, incluindo a derrubada de sua conta no Instagram. Ela também foi comparada a mucama, por estar a serviço de uma pessoa branca, sua aliada Yasmin, que, por sua vez, mesmo tendo conflito direto com o mesmo participante, fora do reality retomou sua carreira, não sofreu ataques de *hackers* nas redes e continuou ampliando exponencialmente o seu número de seguidores.

Os termos pejorativos usados como ataque a Leidy Elin seguem um padrão de utilização de lugares ou condições já ocupados pelo negro como forma de o colocar em desvantagem numa disputa com o branco. É o que explica Carneiro (2003, p. 116):

Mas não há nada de novo no front. É só mais um “ato falho” que vemos ou sofremos todo o tempo nessa sociedade. Em todos os conflitos ou disputas entre brancos e negros, os adjetivos “crioulo”, “nega safada”, “macaco” etc. são usados para expressar o desprezo pela negritude e assim valorizar o oponente branco. A brancura funciona como um elemento que sempre desempataria em favor do branco. Você é juíza, mas... é negra. Você é... porém é negro!

Dessa maneira, é possível entender que, muito embora o uso recorrente a termos associados ao negro esteja em diminuindo – fruto de movimentos vários da comunidade negra –, sempre que necessárias, essas construções são (re)acessadas com o intuito de colocar o negro em desvantagem em relação ao branco. Os ataques foram proferidos por pessoas que sabem que não existe mais a figura da mucama, mas reforçam que esse é um dos lugares que o negro ainda ocupa na história.

Esses são apenas alguns dos exemplos que indicam o tratamento desigual em relação às pessoas pretas e brancas. Outros exemplos poderiam ser trazidos à tona, como o de Karol Conká, que foi a única a perder seguidores durante a edição, em relação ao que apresentava antes, mesmo não tendo sido desclassificada por agressão.

O que ocorre em relação à produção midiática se assemelha ao que ocorre nos diferentes contextos sociais. De acordo com Ribeiro (2019), as diferenças no

tratamento entre negros e brancos revelam as estruturas profundas de um sistema racista que perpetua a marginalização e a violência contra a população negra. Segundo a autora, precisamos “pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas” (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Isso está ligado aos postos de poder ocupados em virtude da cor e da raça, já que o tratamento diferenciado entre negros e brancos é resultado de uma hierarquia racial arraigada na cultura e nas instituições da sociedade brasileira. E, conforme aponta Sodré (2002), a mídia tem um papel importante na perpetuação dessas mensagens, já que, de forma macro, constrói e reforça discursos que são capazes de “catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele.” (SODRÉ, 2000, p. 243).

Também é identificado aqui – embora não seja uma regularidade exclusiva destacada aqui – que para as mulheres negras a rejeição tende a ser muito maior do que em relação aos homens negros, tendo o gênero, então, um impacto relevante nessa constatação. Uso como ponto de análise as rejeições, nos paredões, registradas a Karol Conká e Nego Di (BBB 21), integrantes de um mesmo grupo na Casa e aliados no jogo. Muito embora os dois tenham tido as duas maiores rejeições da história do programa, pós-BBB a permissão de remissão a Nego Di foi mais rápida do que a concedida a Karol.

No Instagram, enquanto Karol perdeu seguidores durante sua participação, Nego Di ganhou cerca de 200 mil²¹⁷. Além disso, Karol conta, no momento desta pesquisa com 1,7 milhão de perfis a seguindo. Já Nego Di, contabiliza 8,1 milhões. É importante considerar que antes do programa Karol tinha ainda mais seguidores Nego Di, o que demonstra que as oportunidades que se abriram a ele foram maiores.

Esse tratamento diferenciado precisa compor o debate do movimento negro a favor da pauta antirracista, já que esses acontecimentos específicos exemplificam o que vem sendo denunciado por autores e pesquisadores dedicados ao tema. Gonzalez (1988) e Ribeiro (2018), por exemplo, apontam que a opressão no caso a

mulher negra é duplicado, uma vez que elas sofrem as desigualdades históricas tanto relacionadas às questões raciais quanto em relação ao sexismo. Isso faz com que seja percebido que a marginalização das mulheres negras é evidente nas formas como são tratadas de maneira distinta em comparação com homens negros e mulheres brancas. Elas são frequentemente relegadas a papéis subalternos e invisibilizadas nas lutas feministas e antirracistas.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer “outro” não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir. (hooks, 2015, p. 207).

Todo esse cenário se relaciona à quinta regularidade discursiva observada por nós: a do esvaziamento da pauta antirracista. Essa está ligada ao uso do erro do negro para invalidar a luta histórica contra o racismo. Karol Conká, Nego Di, Projota (BBB 21), Douglas Silva (BBB 22) e Leidy (BBB 24) foram alvos desse mecanismo, que, muitas vezes ocorre de maneira sutil, sendo que as atitudes reprovadas podem ser recorrentes – como no caso de Karol e Nego Di, por exemplo –, ou pontuais – como com Douglas Silva, que, como vimos, mesmo reconhecendo falas homofóbicas pontuais e se desculpando, sofreu movimentos para a sua eliminação do programa.

Esse movimento pode ser compreendido como justificativa para a sua desumanização e marginalização. Dessa forma, os erros dos negros são usados para reforçar estereótipos e validar discriminações (RIBEIRO, 2019). Ao serem levantados episódios específicos que atentam contra a integridade do negro, a defesa, em relação a determinados episódios, como os observados, torna-se difícil, o que contribui para que a pauta geral passe por um processo de esvaziamento.

Apesar disso, não se pode esquecer que mesmo os erros são fruto de um contexto histórico e social que precisa ser levado em consideração, sendo que posicionamentos indesejados, antiéticos e preconceituosos proferidos por negros – como é o caso de Luigi (BBB 24), ao chamar uma participante de ‘macaca’ – não representa a característica geral da população negra. Conforme destacou Davis

(2017), não podemos permitir que um erro individual ou uma falha pessoal de uma pessoa negra seja usado como desculpa para deslegitimar todo um movimento antirracista. Devemos focar nas estruturas e nos sistemas de opressão que perpetuam o racismo sistêmico.

Quando há o foco em aspectos como esse, o tema central, que tem raízes – políticas, históricas, sociais – profundas acaba recebendo uma tentativa de esvaziamento. O esvaziamento da pauta antirracista ocorre quando as discussões sobre racismo são despolitizadas e reduzidas a meros discursos superficiais ou ações simbólicas que não promovem mudanças estruturais significativas (RIBEIRO, 2019).

Essas regularidades, relacionadas, caminham no sentido de indicar o que chamamos de pedagogia do cancelamento. Isso porque em todas elas há a tentativa de cancelar a presença ou a valorização do corpo negro, seja de forma direta – como os movimentos nas redes sociais contrários a determinados participantes e favoráveis à sua eliminação e consequências negativas pós-programa – ou indireta – como a permissão para o avanço em espaços de privilégio a partir da conduta docilizada e passiva.

A pedagogia do cancelamento funda-se na cultura do cancelamento, termo que, em voga nos últimos anos, indica um perfil de tratamento, por parte da sociedade, em relação a personalidades não quistas, seja por sua trajetória ou por uma conduta específica, como no caso do BBB. De acordo com Garschagen (2020), este pode ser entendido como um fenômeno social em que indivíduos são excluídos, boicotados ou rejeitados publicamente por terem cometido ações consideradas ofensivas ou inadequadas segundo os padrões vigentes de moralidade e política.

Conforme explica Leal & Neves (2021), a cultura do cancelamento tem início por meio de movimentos feministas, que, em 2019, passaram a expor, por meio da hashtag #MeToo, os assédios ocorridos no contexto artístico de Hollywood. Os movimentos serviram para responsabilizar muita gente, sendo consideradas ações legítimas. O que ocorre, porém, no contexto digital, é que toda e qualquer ação passa a ser motivo para os ‘linchamentos’ virtuais, o que coloca em risco a democracia.

Para Almeida (2019), sendo a cultura do cancelamento entendida como uma forma contemporânea de punição social, que se manifesta através da pressão pública para expor e condenar indivíduos por comportamentos considerados

inaceitáveis ou prejudiciais, é, então, um movimento recente que encontra força nos rearranjos sociais. A cultura do cancelamento reflete uma mudança na forma como a sociedade lida com as transgressões, destinando o foco na exclusão e na punição social, em vez de na reabilitação ou na aprendizagem com os erros (PETERSON, 2020).

Sendo fenômeno recente, o termo tem o seu desenvolvimento dentro de uma cultura digital. Por essa razão, é importante entender que a cultura do cancelamento faz uso do espaço virtual para se promover. Na era das redes sociais, há uma tendência crescente de práticas de cancelamento, por meio das quais indivíduos são excluídos ou silenciados por opiniões consideradas ofensivas ou inadequadas. Isso levanta questões sobre liberdade de expressão e diversidade de pensamento.

Conforme problematiza Almeida (2019), além da problemática relacionada à liberdade de expressão, que passa por cerceamento em virtude do medo de ser cancelado, a cultura do cancelamento com base na internet abarca em si condições de propagação de forma rápida e intensa. Os posicionamentos podem unir em poucos minutos pessoas de diferentes partes do mundo, com o foco em uma causa. Há, também, a facilidade de praticar violência, já que, no universo virtual, aspectos como o da percepção de omissão encoraja os embates.

Entendo que a cultura do cancelamento opera pedagogicamente, no sentido de ensinar sobre consequências ao não atendimento de normas padronizadas. Em relação a isso, considero que, muito embora o cancelamento não seja aplicado apenas a pessoas negras, conforme já discutimos, há uma desigualdade no tratamento em relação às brancas, que confere melhores condições para remissão e mais oportunidades.

Sob esse ponto de vista, no sentido pedagógico, o cancelamento dos corpos negros funciona como uma reprogramação dos castigos públicos aos quais os negros escravizados eram submetidos, já que, naquele momento, a visualização de uma consequência negativa a quem agia fora dos padrões esperados (como a tentativa de fuga), disciplinava os demais a manterem sob as normas, contexto em que, de acordo com Fanon (1961), o castigo infligido ao negro é uma forma de perpetuar a submissão colonial, sendo que a brutalidade física é utilizada como ferramenta de controle e humilhação. Ao longo da história, porém essa estratégia de violência precisou ser reconfigurada, sendo a pedagogia do cancelamento uma das

formas de se transmitir a mensagem que, em diferentes momentos históricos, buscou manter a ordem social e os privilégios de uma determinada classe.

A partir da análise das quatro edições do BBB, são percebidas, então, diversas condutas que não estão de acordo e não representam o movimento negro antirracista. Contudo, entendo que é fundamental promover debates abertos e construtivos na educação, em vez de recorrer à cultura do cancelamento como resposta a ideias divergentes. O diálogo é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e plural, principalmente porque será o corpo negro, sempre, o mais impactado pelo cancelamento. Para além disso, a responsabilização da mídia é um dos aspectos a serem perseguidos, uma vez que para além da audiência, é necessário existir a consciência de que as violências experimentadas pelos negros são fruto, também, do que midiaticamente é propagado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na linha dos Estudos Culturais, que direciona centralmente os movimentos sociais ao aspecto da Cultura, compreendemos que as afirmações e percepções fechadas e inflexíveis são inversamente proporcionais à ampliação das percepções teóricas cujas consequências têm impacto significativo em nossa forma de ser e existir. Sendo assim, chegamos ao final deste trabalho com inúmeros questionamentos e outras tantas provocações sobre o mesmo tema ao qual nos desafiamos lançar, e consideramos isso positivo.

Positivo porque, ao surgirem novas hipóteses e questionamentos sobre discussões acerca da temática por nós explorada, existe aí o indicativo de que estamos a contribuir para com a discussão na área e, além disso, de que a pesquisa possibilita o desdobramento de novos estudos.

Este trabalho foi construído com o objetivo geral de identificar regularidades midiático-discursivas, por meio de análise cultural, presentes no programa Big Brother Brasil em relação aos participantes negros. Para tanto, foram envidados esforços analíticos sobre quatro edições do programa: de 2021 a 2024. Entre as razões para isso, está o fato de que foi exatamente nesse período que o número de pessoas negras participando da competição foi aumentado, passando a representar, em média, metade dos demais integrantes. Como vimos, essa inserção de uma quantidade maior de pessoas pretas e pardas no *reality* esteve relacionada a um compromisso firmado pela Rede Globo, emissora de produção e exibição da produção midiática, perante organismos internacionais.

Como ponto de partida, apresentava-se o seguinte questionamento principal: Quais regularidades midiático-discursivas em relação às pessoas negras se desenvolvem no contexto do programa Big Brother Brasil, da Rede Globo, operando pedagogicamente sobre o imaginário social acerca da representação desse público? Sendo assim, entendendo que os participantes são selecionados e/ou convidados a partir de suas vidas reais e cotidianas, buscou-se, em um primeiro momento, entender as condições de vida da população negra no Brasil.

Nesse processo, que compôs a segunda seção deste trabalho, intitulada “O que, por que e em quais condições somos: cultura, representação e povo negro no Brasil”, foi possível compreender que, nas diferentes áreas, as condições de vida da

população negra encontra-se ainda em consideráveis níveis de desigualdade, em relação à da população branca. Tais dados foram relacionados com movimentos históricos e culturais, como o da escravidão, entendendo que as condições vividas no contexto atual são fruto direto da percepção histórica da hegemonia branca.

Além disso, essa discussão foi fundamentada em produções oriundas dos Estudos Culturais e percebeu-se que tais condições de vida, acessadas por diversas formas, como por meio da mídia, cooperam no sentido de identificação e representação do povo negro, razão pela qual há estereótipos presentes no imaginário social que há anos desafiam a superação das desigualdades sociais e a luta antirracista.

Também foi aí que o trabalho buscou relacionar a imagem da pessoa negra ao contexto televisivo brasileiro. Foi possível perceber que esse contexto foi, desde a sua origem, marcado por racismo e desigualdades em relação a cor e raça. Em muitos momentos, por exemplo, o branco substituiu artificialmente o negro.

Além disso, é importante considerar que, como fruto desse exercício de pesquisa, compreendeu-se, também, que a presença do negro na televisão ainda encontra-se incipiente, de forma que a participação desse público em produções de entretenimento e no jornalismo, em especial na Rede Globo, é recente.

A partir disso, foi traçado o caminho metodológico para a análise cultural proposta. Esse protocolo foi dividido em três partes, quais sejam: orientação, aplicação e movimento. Orientação refere-se à organização de análise, com a delimitação das instâncias e os objetivos de cada parte, e o recorte de análise. Já a aplicação está ligada à observação e extração de dados com base no produto e no recorte. A última instância, por sua vez, relaciona-se ao momento das discussões e problematizações a partir das extrações da instância anterior.

Na instância de aplicação, então, o trabalho contemplou dois contextos: O Sociopolítico e o de Concepção, Produção, Recepção e Resposta. No sociopolítico, foram identificadas as motivações e as bases da criação do programa Big Brother Brasil, entendendo a produção como parte de um movimento global, que teve origem a partir da obra "1984", de George Orwell. No Brasil, ao longo de 24 edições, o programa tem representado o maior faturamento de produção de entretenimento da TV. Também foram indicadas as representações do programa para a sociedade, já que há, no imaginário social, a ideia de acesso ao espaço como a possibilidade de mudança de vida e de *status*.

No contexto de Concepção, Produção, Recepção e Resposta, foram apresentados os dados a partir do recorte escolhido, contemplando 39 participantes negros, de 2021 a 2024. Em relação a eles, as informações foram apresentadas a partir de três momentos: antes do programa; durante o programa; e depois do programa, de modo a identificar a origem do elenco, as motivações, os destaques ao longo da competição e as consequências depois da passagem pelo espaço midiático.

Relacionado a esse contexto, a pesquisa avançou à instância de Movimento e foram identificados quatro perfis que contribuem para o reforço de estereótipos de pessoas negras participantes do BBB: o negro pobre; o negro intelectual; o negro trabalhador; o negro festivo. Em relação à trajetória desses mesmos personagens no *reality*, também foram identificadas regularidades discursivas que se relacionam tanto em relação às dinâmicas da produção do programa quanto no que diz respeito às respostas do público perante as atitudes tomadas. Nesse sentido, cinco regularidades discursivas foram identificadas: expectativa pelo sujeito pacífico; rejeição a participantes com pautas antirracistas e combativos; embates entre pessoas negras como entretenimento; tratamento desigual entre participantes brancos e pretos; e esvaziamento da pauta do antirracismo negro.

Da discussão proveniente da relação estabelecida entre todas essas regularidades, ressaltou-se o aspecto do cancelamento, que, ao ter impacto sobre os relacionamentos sociais, assume um papel pedagógico. Por isso, foi apontado que uma pedagogia do cancelamento opera sobre os corpos negros no contexto do programa. Embora reconheça-se que o fenômeno do cancelamento, que guarda com a era digital intensa ligação, não é restrito às pessoas negras, também é perceptível, a partir da análise, que o tratamento dispensado à população negra é diferente do direcionado à pessoa branca, sendo que isso tem fundamentos históricos, sociais e políticos que precisam ser confrontados continuamente. Sendo assim, o cancelamento tende a impactar mais as pessoas negras e pardas – recebendo as mulheres um peso ainda maior.

Por meio desse processo analítico, que toma quatro edições do BBB como parâmetro, foi possível entender que esse contexto midiático ao qual foi chamado de experiência midiaticizada) não é expressão exata e integral da realidade vivida, mas oferece elementos característicos desse espaço, que precisam ser questionados, debatidos. Além disso, a análise e o posicionamento frente a essas regularidades

permite a discussão sobre uma produção que, devido ao seu histórico e influência na formação da população brasileira, precisa caminhar continuamente para que o aumento da representatividade dos diferentes grupos e perfis na tela avance no sentido de uma educação pautada em questões sociopolíticas a respeito da pauta antirracista.

O movimento de reconhecer-se como negro, torna-se importante nesse contexto, no sentido de que a inserção dos membros da comunidade em suas lutas é condição indispensável para o avanço em relação ao tema. Afinal, assim como alerta Fanon (2008), ser negro não é uma questão de pigmentação, mas, sim, de identidade, de pertencimento a uma história e a uma cultura.

Em outras palavras, enquanto pretos e enquanto pardos, precisamos estar envolvidos em um combate constante, enquanto as desigualdades persistirem. Por isso, o nosso exercício é contínuo, sendo o antirracismo uma luta diária que se faz com ações concretas para dismantlar as estruturas e práticas racistas. A nossa contribuição se soma a tantas outras que já foram concluídas e que estão em curso.

Por outro lado, além da nossa responsabilidade, enquanto negros, nessa pauta, também a tem as pessoas brancas, que, por muito tempo, têm sido privilegiadas por um pacto que marginaliza a cultura negra e invisibiliza ações, trajetória e forças. Dessa forma, se há uma pedagogia do cancelamento que opera em especial sobre os corpos negros, todos os esforços precisam ser concentrados no sentido de combate. Afinal, parafraseando Angela Davis (2016): "Na sociedade racista, não basta não ser racista, precisamos ser antirracistas."

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. Editora Elefante, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. Filme de Joel Zito Araújo, em 2000.

BARCELOS, Janaina Dias. *Imagem e produção de sentido sobre favelas cariocas em fotos jornalísticas*. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BENTO, Cida. *Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. São paulo, 2002, 169 p. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, P. *O campo científico*. In: ORTIZ, R. (Org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n.39).

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 03 fev. 2024.

CARNEIRO, Marília. *No camarim das oito*, Rio de Janeiro 2003, Aeroplano e SENAC Rio.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil / Sueli Carneiro* — São Paulo : Selo Negro, 2011.

Culture and society 1780-1950. Harmondsworth: Penguin Books, 1958._____.

Davis, Angela. Mulheres, Raça e Classe, Boitempo, 2016, p. 13

DU GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MACKAY, H.; NEGUS, K. Doing cultural studies: The story of Sony walkman. London: Sage, 1999.

ESCOSTEGUY, A. C. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 4, n. 11, nov. 2007.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra, Editora Civilização Brasileira, 1961.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRARA, L. D. (2016) Epistemologia da comunicação: asserção e indecisão. In M. I. V Lopes, (Eds.), Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas (pp.143-158). São Paulo, SP/Brasil: ECA-USP.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Global Editora, 2006. (Edição original de 1933).

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Global Editora, 2006. (Edição original de 1933).

GAMA, Luiz. Primeiras Trovas Burlescas de Getulino. São Paulo: Typ. Piratininga, 1869.

GARSCHAGEN, Bruno. Direitos Máximos, Deveres Mínimos: O Festival de Privilégios Que Assola o Brasil. Editora Record, 2020)

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 1988.

GRAMSCI, Antonio. Escritos políticos. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 2.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.

HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

hooks, bell. Feminism is for Everybody: Passionate Politics. South End Press, 2015.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IMMACOLATA, Maria Immacolata Vassallo de. Memória e Identidade na Telenovela Brasileira. XXIII Encontro Anual da Compós, Pará, 2014. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659666.pdf>.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. (Org.) O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KELLNER, D. A cultura da mídia. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Lakatos, EM; Marconi, MA. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

LEAL, Rodrigo Silva; NEVES, Wallasce, Almeida. A CULTURA DO CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS: uma visão da psicossociologia e suas consequências no aspecto sociocultural e histórico, 2021.

LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. Figurino: uma experiência na televisão, São Paulo 2002, Editora Paz e Terra.

MASSEY, Dooren. "A global sense of place", Marxism Today, junho de 1991.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignácio.; SERRANO, Pascual. Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo/FAPERJ, 2013.

MOREIRA, C.; LUCERO, R.; SAGRILO ANDRES, F.; PINTO, M. A EROTIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS MÍDIAS BRASILEIRAS. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 10, n. 2, 3 mar. 2020.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.- dez. 2014.

MOTTA-ROTH, Désirée; RABUSKE, Graciela, H.. Projeto de pesquisa. IN: Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 51-63.

MOTTER, M.L. O que a ficção pode fazer pela realidade? Comunicação & Educação. São Paulo, 26: 75-79, jan-abr. 2003.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NUNES, Sylvia Silveira. Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Alana. SILVA, Kennedy. O Blackface no Carnaval Brasileiro e a Legitimação do Racismo Recreativo. Das Amazônias, v. 3, p. 4, 2020.

OLIVEIRA, Sidnei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. CADERNOS EBAPE. BR, v. 7, nº 1, artigo 6, Rio de Janeiro, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar. In: _____. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba: FIUBE, 1984.

PETERSON, Jillian; LEARY, Mark. *The New Age of Public Shaming*. Psychology Today, 2020

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. Companhia das Letras, 2019, p. 23)

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROBINS, Kevin. "Tradition and Translation: national culture in this global context", in: John Corner & Sylvia Harvey (organização), *Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture*, Londres: Routledge, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Lúcia da. *Pedagogias culturais nos sambas-enredo do carnaval carioca (2000- 2013): a história da África e a cultura afro-brasileira*. Maringá, 2018.

SILVA E SILVA, Tainan Maria Guimarães. *O colorismo e suas bases históricas discriminatórias*. 2017.

Silva, Samara Araujo Da . *Uma análise da representação dos negros nas telenovelas [manuscrito]: o horário nobre da Rede Globo a partir dos anos 2000. / Samara Araujo Da Silva. - 2020. 164 f.*

SILVERTONE, Roger. Let us return to the murmuring of everyday practices: a note on Michel de Certeau, television and everyday life. *Theory, Culture and Society*, vol.6, p. 77-94, 1989.

SOARES, Guilherme. *Racismo e Sociedade: Raízes Históricas do Preconceito no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura: Uma Antropologia Para o Contemporâneo*. Vozes, 2014, p. 112)

STEFFENS, Lauren Santos. et al. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comu.*, 2020.

TERUYA, T. K. Cultura da mídia e do consumo na educação infantil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO – PEDAGOGIAS SEM FRONTEIRAS, 3, 2008, Canoas. Anais. Canoas: ULBRA, 2009.

THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TONON, B Joseana. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”. *Comunicação e Informação*, V 9, nº 1: pág 30-41– jan/jun. 2006.

WILLIAMS, R. Base and superstructure in marxist cultural theory. *New Left Review*, v. 1, n. 82, p. 3-16, Nov./Dec. 1973.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Za-har, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and Materialism*. London/New York: Verso, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Politics of Modernism: Against the new conformists*. London/New York: Verso, 2007.

ZAGURY, Tania. Escola sem Conflitos: Parceria com os Pais e Estratégias de Mediação. Editora Record, 2001.